GAMA BOOKS

COLEÇÃO

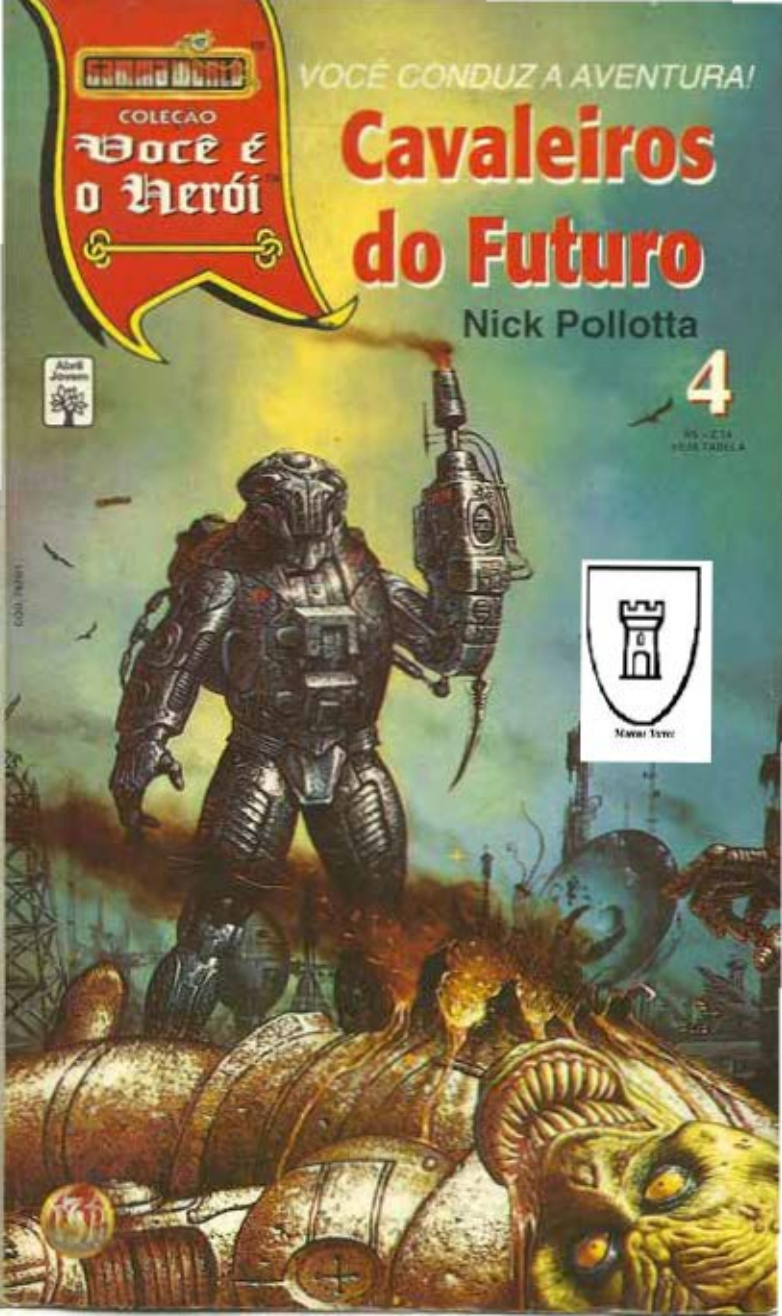
Você é o Herói

VOCÊ CONDUZ A AVENTURA!

Cavaleiros do Futuro

Nick Pollotta

4



Caro Leitor

Está preparado para enfrentar desafios em mundos fantásticos? Então, comece a ler esta história emocionante. Ao se deparar com uma escolha, pense cuidadosamente e decida-se. Depois, vá para o capítulo indicado. Suas escolhas irão conduzindo a aventura e, se for sábio e tiver sorte, poderá se dar bem. Tudo depende de você!

O Editor

"Ei, pessoal!", gritei. "Querem saber só? O troço funciona!"

Nenhuma resposta.

Mas, então, como em resposta ao meu grito, lâmpadas alimentadas por bateria piscaram, tremularam, sibilaram e então apagaram. Mais uma vez, eu estava envolvido por uma escuridão tão impenetrável, que não podia ver um palmo diante do nariz.

Se você acha que Renê deve voltar para dentro do Biofreezer 400, por segurança, vá para 6.

Se decidir que ele deve ficar onde está, vá para 37.

Só você tem o poder de decidir o que acontecerá com Renê Montgomery, o herói desta história futurista. Vamos, arrisque um palpite!

Nesta coleção...

O Castelo dos Mortos-Vivos
Nick Baron

●

O Segredo do Djinn
Jean Rabe

●

A Torre do Olho do Dragão
Kem Antilles

●

Cavaleiros do Futuro
Nick Pollotta

CAVALEIROS DO FUTURO

Copyright 1994, 1995. TSR, Inc.
Todos os direitos reservados

Título original da coleção: Endless Quest™
Título original do livro: American Knights™

Todos os personagens deste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas, ou mortas será mera coincidência.

Todos os personagens da TSR, seus nomes e sinais particulares são marcas registradas da TSR, Inc.

Arte de capa por Jeff Easley
Arte interna por Terry Dykstra

ENDLESS QUEST, GAMMA WORLD e o logotipo da TSR são marcas registradas da TSR, Inc., usadas sob licença. ®1994, 1995 TSR, Inc. Todos os direitos reservados.

Abril Jovem

Fundador: VICTOR CIVITA (1907 - 1990)
Diretoria: Roberto Civita, Richard Civita, Angelo Rossi, Ike Zarmati
Diretor-Superintendente: Fabio Mendia
Grupo Livros Abril Jovem
Diretor: Júlio de Andrade Filho
Editora-Chefe: Flávia Muniz
Editora: Márcia Pereira
Preparadora de Texto: Evaldo Soares
Chefe de Arte: Simone Leandro
Assistentes de Arte: André Alves e Vandré de Oliveira Silva
Coordenador de Produção: Ramilto Biondo
Diretor de Marketing: Walter Thomé
Gerente de Produto: Otto Mercadante Busch
Gerente de Desenv. e Mercado: Ari Caleffi
Gerentes de Novos Canais: Nelson de Carvalho e Vivian Graf
Gerente de Produtos RPG: Rodolpho Koch
Analista de Produto: Wanderlei dos Santos
Ger. de Comunic. e Serviços de Marketing: Maria L. Volponi
Dir. de Adm. e Serviços: Newton Fioratti
Diretor Responsável: S. Fukumoto
Tradução: Adventurers' Guild
Produção Gráfica: LLCM/Publicidade e Editora

Editora Abril Jovem S.A. - Rua Bela Cintra, 299. CEP 01415-000 - C. Postal 2372 - S. Paulo, SP.
Impresso na Div. Gráfica da Editora Abril S.A.
Distribuído pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações.
Você poderá adquirir as demais edições desta coleção por intermédio de seu jornaleiro ou distribuidor DINAP de sua cidade. Se preferir, peça diretamente à DINAP S/A - Caixa Postal 2505, Osasco - SP, fax (011) 810-4800, tel. (011)810-6800, onde poderá obter informações sobre estoques, preços e prazos.
O pagamento poderá ser feito através de cheque nominal ou pelos cartões Visa, Credicard e Diners.
Atendemos mediante disponibilidade de estoque.
ISBN 85-7305-238-5

Cavaleiros do Futuro

Nick Pollotta

PRÓLOGO

Nesta aventura, você é Renê Montgomery, um estudante americano que cursa o colegial em Dayton, Ohio, e acidentalmente é arremessado 400 anos no futuro, onde se alia a uma armadura de força dotada de consciência, chamada A.L.B.E.R.T. Vocês se tornam os guardiães da liberdade de toda a civilização.

A radiação finalmente deixa a América Pós-Nuclear, tornando o ar e a água limpos. Há também incontáveis mutantes humanos e animais. Dentistas vampiros, cavaleiros, telepatas mudos fanáticos por televisão, ruínas assombradas, bibliotecários canibais que percorrem os lugares de motocicleta, cidades escondidas feitas de prata, ratos superinteligentes, uma colônia perdida na lua estraçalhada, flores musicais, robôs descontrolados, piratas ciborgues, carteiros imortais que tentam entregar correspondências e, no céu, estações imperiais de batalha, do século 24, e tripuladas por computadores senis, que promovem guerras intermináveis.

PUTZ GRILA!, como A.L.B.E.R.T. gosta de dizer. ESSES MUTANTES SÃO MAIS ANTI-SOCIAIS QUE UM PROFESSOR DE GINÁSTICA COM UNHA ENCRAVADA, E QUASE DUAS VEZES MAIS ESPERTOS.

Em sua época, você era apenas uma pessoa medíocre in-

teressada em pizza, filmes de ficção científica, esportes e jogos de fim de semana.

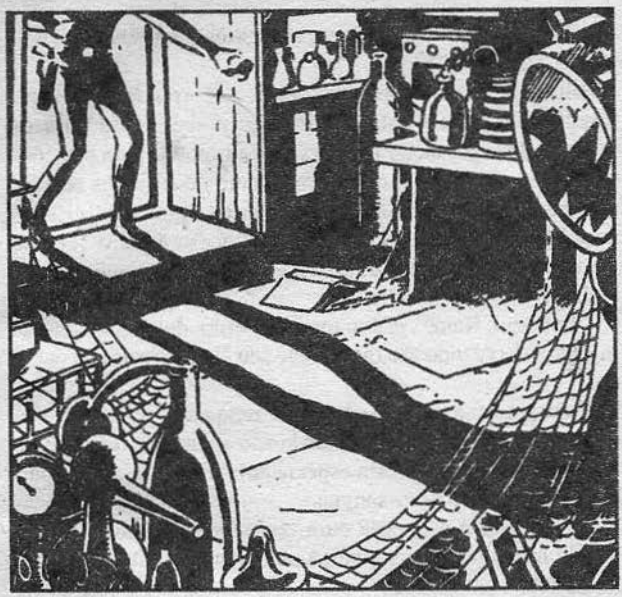
Agora é o herói do planeta, inteiramente à mercê de sua própria sorte. Não há polícia a quem pedir ajuda e, droga, nem telefones! Também não existe cavalaria para salvá-lo na hora que precisar. E pior, não tem volta. Nunca. Esse paraíso extremamente estranho da América Cibernética será seu lar permanente.

Portanto, faça suas escolhas cuidadosamente. Primeiro, o perigo se esconde em todos os lugares, assim como amigos em potencial. Tesouros espantosos, maravilhas incríveis e mistérios incontáveis — alguns dos quais difíceis de serem resolvidos, especialmente por alguém vestindo uma armadura de força!

Bem-vindo ao Gamma World, um lugar que é belo, mortal, benigno, bem-humorado, com disfunções e diferente de tudo o que já imaginou. Essa aventura esperou 400 anos para começar e você, finalmente, está aqui.

Boa sorte!

Vá diretamente para 1.



1

"Ataque nuclear!", gritou o guarda fuzileiro, correndo pelo corredor subterrâneo da base militar.

Eu e meu tio imediatamente gargalhamos e aplaudimos. Uau, quando os militares dos Estados Unidos decidem dar um show aos civis, eles arrasam. É realmente impressionante. Agora, com certeza, uma equipe do Exército Americano vai aparecer e simular sua rotina.

Mas, então, um alarme realmente soou alto, seguido de perto por buzinas, sirenes, enfim, um pandemônio sonoro. Soldados e cientistas corriam por todos os lados. Luzes piscavam. Portas batiam. Arquivos de metal fechavam automaticamente e trancafiavam-se sozinhos. Vozes nervosas gritavam ordens conflitantes. Alguém gargalhava selvagemente. Outros irrompiam em lágrimas. Mas todos, do general ao faxineiro, estavam se dirigindo à saída mais próxima.

Numa súbita compreensão, meu tio Mathew e eu trocamos olhares significativos. Não era um exercício!

"Tudo bem, tio, vamos para um abrigo contra bombardeios", eu disse.

Muitas pessoas passavam por nós, correndo em várias direções. Algumas estavam indo provavelmente para os bunkers de segurança e o resto se encaminhava para estações de serviço. Mas quem era quem? Quem deveríamos seguir? O cara de uniforme ocre ou a mulher de branco carregando uma M-16? Danação! Que hora para nosso guia, o Tenente Caruthers, ir ao banheiro! Eu nem sabia onde o banheiro era, diabos!

"Por aqui, Renê", gritou meu tio gordo, deixando cair sua maleta e decolando tão rápido que seu chapéu voou da cabeça.

Aparentemente, o puro terror de uma aniquilação nuclear deu ao velho tio Mat a velocidade não apenas de um homem mais jovem, mas de outra espécie animal, como um leopardo ou um cavalo puro-sangue.

Após virar à esquerda num corredor, eu vi meu tio entrando numa porta, onde havia uma placa indicativa: Laboratório 9.

Acelerei o passo e tentei alcançá-lo. Pulei para dentro da sala e caí no chão, onde se encontravam grandes bancadas. Esquivando-me ao redor de um microscópio eletrônico, vi o chão molhado. Obviamente algum cientista desleixado ou algum técnico sonolento tinha derrubado café.

Desajeitadamente, pulei sobre a poça e continuei. Ao saltar sobre um balde, tropecei num esfregão e caí. Instintivamente, meu treinamento colegial de futebol veio à mente e atingi o chão, rolando, para amortecer a queda. Com a empolgação, acabei me jogando dentro de um armário que estava próximo. Bati tão forte contra a parede interna do armário,que a porta metálica se fechou. Fui, então, envolvido pela escuridão.

* * * * *

Uma escuridão total e completa. Silêncio de morte.

De repente, um rápido piscar de luzes verdes, como fogos de artifício num cinema. Um segundo piscar. Um terceiro. Quarto. Então, veio o barulho agudo de acumuladores industriais sendo ligados e velhos servomotores lutando para

alcançar as rpms operacionais.

Vagarosamente, uma suave luminescência etérea começou a tingir o escuro à medida que um banco de monitores de computador veio hesitantemente à vida. Códigos e comandos secretos começaram a rolar pelas telas empoeiradas. A luz piscava selvagemente, como um efeito pirotécnico combinado.

Uma torrente de eletricidade fresca inundou circuitos antigos com uma maciça infusão de força há muito esperada.

Dentro da coleção barulhenta de computadores militares, um relógio atômico alcança a marca de 400 e um arquivo de instruções termina a sua longa execução. Instantaneamente, o computador principal tomou o controle de tudo novamente e rodou um diagnóstico completo. Informações jorravam e, um segundo depois, a máquina começou freneticamente a dar comandos, como um técnico de futebol de três cabeças perto de perder um decisivo jogo do campeonato nacional. Reatores nucleares trabalhavam ao máximo. Válvulas de vapor abriam e fechavam. Solenóides trocavam violentamente de posição. Selos eletromagnéticos desapareciam. Uma luz vermelha se apagou.

E uma única porta se abriu.

* * * * *

Equilibrando-me, tentei identificar em que tipo de armário estava. As paredes eram feitas de cerâmica, sem juntas, e não havia mais nada dentro dele, além de mim. Mas, e daí? Eu tinha que me juntar ao meu tio, e rápido! Nós estávamos sob ataque nuclear!

Usando toda a minha força, empurrei a porta teimosa.

O bunker de segurança! Eu tinha que chegar ao abrigo de bombardeio. Assim que pisei no chão do laboratório, meus tênis desapareceram em uma espessa camada de poeira. Que diabos? Então percebi que as enferrujadas jaulas de ratos estavam vazias.

Enferrujadas? Mas eram novinhas esta manhã. Observando melhor o lugar, vi grossas teias de aranhas cobrindo os conjuntos de béqueres quebrados e tubos plásticos, em cima das bancadas vazias. O ar cheirava como um porão pré-histórico: mofado e podre.

"Tio Mat?", chamei-o. Minhas palavras ecoaram pelos corredores do laboratório deserto.

Meu estômago parecia tão leve quanto um balão de gás e eu, repentinamente, me senti arrependido de não ter almoçado. A "quentinha" do exército nunca foi famosa por seu sabor, mesmo assim, eu podia garfar com satisfação um carregamento inteiro de ração sabor salitre, apenas para ter alguma coisa nas minhas tripas.

Saindo do laboratório, gritei pelo corredor vazio que se estendia à distância. Apenas os ecos responderam. Eu não gostava disso. Estava ficando mais nervoso do que eu ficara no meu primeiro encontro com aquelas animadoras, gêmeas, da torcida.

Olhando para meu relógio, vi que se passaram apenas alguns minutos desde que eu tinha caído dentro do armário. Esquisito. Mas aqui fora, na base, era como se meses... ou anos... tivessem se passado e todos os faxineiros-robôs estivessem em greve por melhores condições de trabalho.

Um pensamento. Talvez eu tivesse batido a cabeça com tanta força e, por isso, estava sofrendo terríveis alucinações. Passei a mão, mas não encontrei sinal de sangue. E se a batida me fez sair do ar? Apenas para ter certeza, me beliscquei forte o suficiente para deixar marca. Ai! Mas o laboratório continuou o mesmo: quieto, empoeirado, deserto e frio.

Balancei a cabeça. Tudo bem, eu não estava tendo alucinações. E aquilo significava um grande, grande problema — pior que o dia em que passei em cima do pé do diretor da escola com minha motocicleta.

Respirando profundamente para me acalmar, comecei a engasgar e tossir por causa do pó. Tirei um lenço do bolso do uniforme e coloquei-o em meu rosto para servir de proteção contra as nuvens de poeira.

Ainda bem que meu tio tinha me convencido a vir de uniforme a este passeio pela base, construída nos arredores da nossa cidade. Oficialmente, o passeio era só para empregados do governo. Sim, sim, eu era apenas o sub-assistente do homem da carrocinha de cachorros de Dayton, o posto mais baixo na escala política que alguém pode atingir. Porém, eu era um funcionário legitimamente eleito, mesmo não tendo ninguém concorrido comigo na eleição. Eu venci por um saldo "esmagador" de seis votos.

De volta à realidade do laboratório deserto, caminhei por ciclotrons, painéis de controle e cromatógrafos até alcançar o armário dentro do qual eu tinha caído.

Rapidamente, encontrei uma resposta para esse quebra-cabeças. A estranha porta tinha mais ou menos trinta centímetros de espessura e era feita de múltiplas camadas de refratários, metal e circuitos eletrônicos comprimidos. Observando o umbral, vi um cartaz que dizia mais do que eu queria saber: "Biofreezer 400/Experimental. Desenvolvido para gerar um efeito de animação suspensa em cobaias de tamanho médio ou grande. Perigo! Mantenha-se afastado da porta. Ainda em construção".

"Ei, pessoal!", gritei. "Querem saber só? O troço funciona!"

Nenhuma resposta.

Mas, então, como em resposta ao meu grito, lâmpadas alimentadas por bateria piscaram, tremularam, sibilaram e então apagaram. Mais uma vez, eu estava envolvido por uma escuridão tão impenetrável, que não podia ver um palmo diante do nariz.

Se você acha que Renê deve voltar para dentro do Biofreezer 400, por segurança, vá para 6.

Se decidir que ele deve ficar onde está, vá para 37.

2

Quando o homem-metálico chegou mais perto, pude observar as juntas próximas das suas pernas e cintura. Elas se esticavam como se fossem músculos e não algum tipo de amálgama rígido.

Ao parar na minha frente, a estátua emitiu vários barulhos estranhos e, então, se partiu como uma flor desabrochando.

Com muita coragem, me aproximei. A parte interna da "coisa" era oca. Um homem oco? Uma inspeção mais detalhada mostrou que o interior era totalmente acolchoado.

"E eu... devo entrar nessa coisa?", perguntei, meio assustado.

"Afirmativo, Sr. Presidente", sussurrou a voz feminina. Por um instante, essa voz me fez imaginar como seria a mulher, dona daquele timbre, que apesar de metálico — como quase tudo na base —, era suave. Então, a depressão me atingiu quando lembrei que ela, assim como todos os outros, estava morta há séculos. Séculos!

Circundei a armadura, procurando um meio de entrar. A não ser que eu também quisesse usar um "paletó de madeira", era melhor encontrar uma forma de entrar... e rápido!

Levantei-me do chão, apoiando na armadura, encaixei as pernas sem problema. Havia muito espaço. Meus braços facilmente entraram nas aberturas das mangas. Colocando-me na posição ereta, ajustei a cabeça dentro do elmo, me sentindo como um menino travesso que experimenta a melhor roupa de seu pai.

"Iniciando conexão... agora!", comunicou a bela voz.

Pausadamente, as peças da armadura fecharam-se ao meu redor. Na parte interna do elmo, uma fonte de luz iluminou o compartimento antes do lacre final.

Meu coração batia ansioso. Fiquei parado por um segundo, apenas respirando. Então, um ar frio e refrescante soprou sobre mim — talvez vindo de ventiladores ocultos — e eu

relaxei.

Não me surpreendi quando almofadas nos braços, pernas e tórax inflaram-se para me fixar confortavelmente. O Buick de meu velho tinha cintos de segurança que se acionavam automaticamente quando o motorista sentava em seu interior. Grande coisa. Esta armadura sim, era bem confortável.

A parte frontal do elmo era clara como vidro, ainda que, do lado de fora, parecia-se com metal sólido. Me perguntei como eles faziam aquele truque.

Uma série de pequenos monitores alinharam-se no casco interno da armadura, na altura de meu queixo. Cada um mostrava-me uma visão diferente, incluindo o que estava atrás e, exatamente, acima de mim.

A luz interna do elmo aumentou e eu pude ver, claramente, um painel de controle em miniatura, de cada lado da minha cabeça e acima da testa. *Se metade desses botões ainda funcionasse, eu poderia ter chutado um ônibus espacial até a lua ou derrubado o edifício Empire State com um soco!*, pensei.

"Essa coisa é fantástica!"

OBRIGADO.

Espantado, eu olhei ao redor. "Mas quem disse isso?"

EU.

Girei a cabeça para todos os lados, procurando alguém, mas não havia mais ninguém no abrigo. Então o óbvio me ocorreu. A armadura estava falando... comigo!

SIM, SENHOR. CORRETO.

"Ah, fala aí! E você é...?"

A.L.B.E.R.T., SENHOR. PROTÓTIPO 86-R.

"Tudo bem, e o que significa essa abreviação?"

ISSO É CONFIDENCIAL.

"Ei, eu sou o presidente aqui!"

O SENHOR É O PRESIDENTE AQUI E EM QUALQUER LUGAR.

"Ha!" Era o que me faltava, uma armadura futurista com senso de humor. Bacana!

OBRIGADO, SENHOR. EU FAÇO O QUE POSSO.

Ei, eu não falei alto com você dessa vez. A.L.B.E.R.T., pode ler meus pensamentos?

AFIRMATIVO, SENHOR PRESIDENTE. NÓS ESTAMOS CONECTADOS CIBERNETICAMENTE COMO UMA SÓ ENTIDADE. (Pausa) MAS COMO

ISSO É NOVO PARA VOCÊ, VOU LIMITAR MINHAS RESPOSTAS SOMENTE AOS SEUS COMANDOS DE VOZ.

Valeu, obrigado.

Silêncio.

"Ah, desculpa. Obrigado."

FOI UM PRAZER SERVI-LO, SENHOR. A PROPÓSITO, MINHA DENOMINAÇÃO NÃO É CONFIDENCIAL AO SENHOR, MAS A MIM. EU ESTOU PROGRAMADO COMO UMA UNIDADE DE TRABALHO DE CAMPO E AINDA HÁ INFORMAÇÕES QUE PRECISAM SER ADICIONADAS A MEU BANCO DE MEMÓRIA... E, DEVIDO ÀS ATUAIS CIRCUNSTÂNCIAS, ACHO IMPROVÁVEL QUE EU JAMAIS RECEBA ESSE REFORÇO DE DADOS... A NÃO SER QUE ENCONTREMOS UM DE MEUS CRIADORES VAGANDO POR AÍ.

"Sem brincadeiras, cara."

ALBERT, SENHOR. POR FAVOR.

Já saquei que as máquinas são muito sensíveis a respeito de seus nomes. Flexionei meus braços e observei os grandes membros responderem perfeitamente.

"Que estranho. Não consigo entender como essa liga metálica pode se articular sem juntas ou dobras!"

ISÓTOPOS ISOTÔNICOS ALOTRÓPICOS.

"Hã?"

METAL VIVO.

"Ah... agora eu entendi, ou, pelo menos, acho que sim. O que mais você tem aí, Albert?"

FORÇA AMPLIFICADA, AGILIDADE AMPLIFICADA, SENTIDOS AMPLIADOS, RASTREADORES ELETROMAGNÉTICOS, RADAR, SONAR, SENSORES DA CLASSE "CÃO DE GUARDA", VISÃO INFRAVERMELHA, VISÃO ULTRAVIOLETA, RÁDIO AM-FM E UM TOCA-FITAS.

"Legal! Que som rola? Tem alguma fita cassete?"

NÃO.

Droga! Bem, ninguém é perfeito.

E MAIS: EU CARREGO UM SISTEMA DE SUPORTE DE VIDA INDEPENDENTE, ISTO É, UMA BATERIA ATÔMICA EXPERIMENTAL COM CARGA PARA MAIS CINQÜENTA ANOS. TAMBÉM, UM CAMPO DE

FORÇA EXTENSÍVEL E COURAÇA CONTRA IMPACTOS FÍSICOS DE VALOR 99 NA ESCALA BERTILLE DE DUREZA.

"O que isso significa?"

QUE, SE UM BATALHÃO DE TANQUES TIGER DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL DECIDIR LHE ARMAR UMA EMBOSCADA, SERIA ACONSELHÁVEL QUE SUA TRIPULAÇÃO TIVESSE UM BOM SEGURO DE SAÚDE.

Sorri. "Ótimo! Alguma arma para nós?"

NENHUMA NO MOMENTO, SENHOR.

"Nada? Nem mesmo um revólver ou faca futurista?"

DESCULPE, SENHOR PRESIDENTE. NÃO FUI PROGRAMADO PARA CAPACIDADES OFENSIVAS A TEMPO. A INSTALAÇÃO FOI ATACADA ANTES. PORÉM, EU SOU PREDOMINANTEMENTE AUTO-REPARATIVO. FERIMENTOS PEQUENOS E MÉDIOS, NA SUPERFÍCIE DE MINHA ARMADURA, IRÃO SE FECHAR SOZINHOS. EU TAMBÉM TENHO UM CONTINGENTE DE ANDRÓIDES MINIATURAS DE REPAROS, PARA TRABALHOS DE ENGENHARIA MAIS COMPLICADOS.

"E quanto a mim? E se eu me machucar?"

HÁ UM BAND-AID E UMA ASPIRINA NO COMPARTIMENTO AUXILIAR TRASEIRO DE CARGA MÉDICA.

Anotação importante: não levar tiros! Sem problema. Meu plano era sair daqui e encontrar a civilização o mais rápido possível. Quem sabe, na nova era, as pessoas precisem de um bom apanhador de cachorros?

Novamente flexionei os braços e vi dedos metálicos, do tamanho de salsichas, dobrarem, formando punhos maciços. A porta da frente ainda estava trancada, mas, agora, tinha uma chave: eu mesmo.

<Tosse eletrônica>

Tá certo, eu e você, Albert.

OBRIGADO, SENHOR.

*****

Minutos depois, Albert, eu e meu fiel exército de

faxineiros estávamos parados diante da saída no Nível Dois, com meu pé-de-cabra improvisado — o cabide, lembra-se? — ainda balançando na fechadura.

UM PENDURADOR DE CASACO, SENHOR?

Balancei os ombros, fazendo Albert fazer o mesmo. "Era o melhor que eu tinha no momento."

CERTO... MAS ALGUÉM TENTOU O INTERRUPTOR DE SOBRECARGA DE EMERGÊNCIA?

"Sobre o quê? Onde?"

Então, um clique soou no elmo e um botão vermelho, que acionava um raio laser, surgiu.

Mas seria seguro ativar um maquinário de 400 anos de idade?

Se você acha que Renê deve apertar o botão, vá para 3. Senão, vá para 54.

3

Vamos, coragem!, pensei. A voz do teto ordenou que os faxineiros fossem para o canto, por via das dúvidas. Então, apertei o botão com convicção.

Apesar de nossos esforços combinados, o ato produziu apenas um barulho, parecido com um trombone morrendo, seguido de um rangido metálico, como mecanismos se partindo. Eu conhecia bem esse som — tinha um Ford com o câmbio ruim, que constantemente fazia esse barulho.

Então, um estrondo ecoou e o teto de concreto rachou. Automaticamente, abaixei e protegi a cabeça. A chuva de pedras fez a blindagem de Albert tocar como um sino desafinado. O barulho era ensurdecedor e o forte impacto das pedras me deixou de joelhos. Lentamente, o "dilúvio" de granito foi passando.

Me levantei, com grande esforço, empurrei os escombros e olhei ao redor. As portas frontais ainda estavam fechadas. Mas agora havia um enorme buraco no teto e meu séqüito de faxineiros tinha sido esmagado, estavam mais chatos que panquecas.

Vá para 54.

4

"É, parece que sim. Mas essa vai ser uma luta rápida."

FOI O QUE DISSERAM NO INÍCIO DA GUERRA DOS CEM ANOS.

Cínico.

À medida que as motos desciam em direção ao rio, ajustei a potência do meu laser para o máximo e o foco para o mínimo. Mirei bem e, com o fino raio, cortei os pneus dos motoqueiros da frente. A borracha explodiu, as motos capotaram e os motoqueiros foram pra água.

BELA PONTARIA.

Meu laser disparou novamente. "É uma questão de pulso forte."

HA!

Os motoqueiros, estrategicamente, juntaram-se em grupos de dois ou três e tentaram nos bloquear.

Na jaula, a mulher gritou para que eu partisse e me salvasse. Talvez eu fosse um cabeça-dura, mas aquilo surtiu efeito contrário. Eu fiquei; não poderia perder a grande oportunidade de descobrir se eu era, realmente, o presidente dos Estados Unidos, um protetor dos fracos e oprimidos, ou apenas um garoto bobalhão numa armadura de força roubada.

EU JÁ SEI A RESPOSTA A ESSA PERGUNTA, SENHOR.

Corei com o comentário de Albert.

Voltando à batalha, cortei uma árvore com meu laser, que a fez cair e bloquear as escadas que ficavam debaixo da ponte. Um barulho de disparo de metralhadoras de pequeno calibre soou do outro lado. Uma rajada de balas ricocheteou em Albert. "Erguer escudos!"

PRONTO, CHEFE.

As balas disparadas pelos bibliotecários batiam no escudo, que as achatava e fazia com que escorregassem para o chão.

Num monitor lateral, espiei no rio uma mulher, com um osso particularmente grande no nariz, subir à tona e apontar um revólver imenso para mim. Albert emitiu um clarão de luz intenso na direção dela. Temporariamente cega, ela gritou, largou a arma e mergulhou nas águas barrentas do rio.

Um míssil foi lançado, mas cozinhamos seus sensores com um jorro do raio laser. Estávamos numa situação razoável. Enquanto os piratas possuíam armas de energia, os bibliotecários portavam apenas armas de projéteis. E, com essas, Albert podia lidar facilmente.

É, SEM PROBLEMA.

Na ponte, um pouco adiante, mais motocicletas apareceram.

Reforços!

Foguetes voaram na nossa direção, mas Albert fuzilou-os com o laser.

NÃO PODEMOS FICAR ASSIM PARA SEMPRE, disse Albert. TALVEZ DEVÊSSEMOS USAR O LASER PARA DESVIAR A ATENÇÃO DOS OPONENTES. POR EXEMPLO, ATEANDO FOGO EM UMA DAS CASAS CHEIAS DE LIVROS.

"Ultraje!" Olhei para a câmera de vídeo dentro do meu elmo. "Queimar livros? Nunca!".

EI, FOI APENAS UMA SUGESTÃO.

"Esqueça!"

ENTENDIDO... ESQUECER O QUÊ, SENHOR?

Computadores, humpf!

ALERTA! QUADRANTE QUATRO!

No console de submonitores, sob meu queixo, havia uma informação preocupante. O bibliotecário de cavanhaque pegou um pequeno objeto. No meu painel estava a especificação: "Mark XVI, lançador de mísseis anticlasse armadura de força, tipo A.L.B.E.R.T.". Logo abaixo da informação apareceu uma linha de pequenas silhuetas pretas, iguais a Albert.

"Ai, ai!"

AI, AI MESMO!

Creio que o medo embaralhou os circuitos de Albert, pois perdi o controle de precisão do laser por um minuto. Com algum esforço, mirei o lançador de mísseis no inimigo, logo abaixo do compartimento de munição, e disparei contra o feixe de energia, ordenando força de emergência total. Mas meu potente irradiador de destruição desfez-se a um metro do camarada. "Campo de força!"

AGORA NÓS ESTAMOS ENCRENCADOS.

Irritei-me com a situação. Não, é ele quem está encrencado.

Ajustando meus alto-falantes externos, soltei uma invisível explosão de som ultra-sônico.

Minha armadura vibrava como uma lavadora de roupas cheia, devido ao impacto das ondas sonoras destruidoras. Mas os bibliotecários levaram a pior. Seus chapéus voaram e os óculos escuros racharam. As motocicletas desligaram e os pára-brisas se estilhaçaram em pequeninos quadrados verdes de vidro temperado.

Chacoalhando muito, como se eu tivesse despejado 20 toneladas de pó de mico em cima deles, os motoqueiros soltaram suas armas e tremeram tanto, que alguns trocados pularam de seus bolsos. Ainda assim, dois deles lutaram para sacar novas armas de seus casacos de lã.

"Mais força!", gritei.

Albert obedeceu. Meus dentes doíam. Meu nariz começou a sangrar. Meus olhos lacrimejaram, embaçando minha visão. Eu não poderia agüentar muito mais! Mesmo Albert estava sofrendo alguns danos — seus medidores estavam se aproximando da marca de "sobrecarga" e "cidade devastada". Se continuássemos, o resultado provavelmente seria churrasco de apanhador de cachorro como prato do dia.

Então, uma árvore próxima assou e explodiu, emitindo vapor e serragem.

Quando o ar clareou, eu estava parado sozinho no banco do rio, ainda chacoalhando, e cercado por pessoas gemendo.

"O que aconteceu?", perguntou a mulher enjaulada.

VENCEMOS, respondeu Albert, com seus monitores ainda tremendo. PELO MENOS, EU ACHO.

Espantadíssimo, olhei no monitor traseiro. "Hein? Como ela ainda estava acordada?"

O ATAQUE SÔNICO FOI DIRIGIDO APENAS EM UM SENTIDO, SENHOR.

Graças a Deus. No calor da batalha, eu havia me esquecido dela. Mentalmente, prometi nunca mais fazer aquilo de novo.

PODEMOS FUGIR AGORA, SENHOR?

"Só, cara", concordei.

Caminhei em direção à jaula e arranquei o teto de carvalho sem o menor esforço. Livrei a prisioneira do colar, ergui-a e coloquei-a em um dos ombros metálicos da armadura. Conti-

nuei meu caminho em direção a Cincinnati.A paisagem mudou e os motoqueiros bibliotecários ficaram para trás.

Vá para 42.

5

Tudo bem, vamos tentar a azul. Todas aquelas armas devem estar protegendo alguma coisa.

A máquina azulada tomou grande vantagem. Tentativa inútil. Correndo diretamente para um rochedo, lancei-me no ar e aterrissei no topo da aranha armada. Estranhamente, os canos das armas não estavam direcionados para nós, e eu os usei meramente como apoios, mantendo-me firme.

FRANCAMENTE, ESTOU SURPRESO. POR QUE ELA NÃO ESTÁ LUTANDO?

Então, esticando inesperadamente uma das pernas, a aranha rolou, esmagando-me.

Um espinho triangular atravessou a blindagem de Albert, atingindo-me diretamente no peito. Que dor...!

Xingando com os dentes cerrados, mantive-me firme bravamente e arranquei o espinho com minha manopla. Cego, por ter passado pela blindagem adamantina de Albert, o espinho tinha feito um estrago mínimo em mim. Doía para respirar, mas era só. Nos monitores, meus sinais vitais ainda estavam no verde. O que, com certeza, significaria morte para qualquer humano desprotegido, fez-me apenas perder as armas. E meu bom-humor. A vibroespada ficou parada no espaço entre duas árvores, silenciosa mas mortal. As folhas próximas dela tremulavam devido ao efeito sonoro da arma. A lança de fusão atingiu o chão macio com a ponta para baixo, e lançou sua chama atômica superpoderosa. Destruiu o solo onde afundou e sumiu de minha visão.

EI! AQUELA COISA AINDA ESTAVA NA GARANTIA!

É verdade! Agora eu realmente fiquei furioso!

Com minhas costas apoiadas na Mãe Terra, empurrei a criatura com minhas pernas e a aranha virou-se. Movendo-me rápido, apoiei uma bota contra a blindagem do inseto, agarrei uma perna e arranquei-a. Fios e fagulhas saíam do

membro destruído, ainda em movimento.

APOSTO QUE DEVE DOER, NÃO?

Ainda lutando inutilmente, a aranha virou-se para me encarar. Suas mandíbulas abriram e napalm cuspia de sua boca vulcânica. Enterrei sua perna em sua boca, interrompendo seu ataque incendiário e fazendo com que a cabeça explodisse.

CARA, EU ODEIO QUANDO ISSO ACONTECE COMIGO, disse Albert, disparando os lasers de testa que ziguezagueavam na couraça desfigurada do inseto descerebrado.

Então, tentáculos de aço saíram do pescoço incandescente e enlaçaram-me fortemente.

PUTZGRILA, ESSA COISA ESTÁ TENTANDO SE CONECTAR COM MEUS AMÁLGAMAS!

Eu não sabia exatamente o que aquilo significava, mas soou realmente ruim. Rapidamente mudei de tática e detonei cada uma das minibombas presas ao meu corpo. As detonações sucessivas me cegaram, mas a aranha sofreu sérios danos.

Porém, os tentáculos não se soltaram. Lancei, em mais uma tentativa, os pacotes assassinos eletrônicos e cada míssil e foguete que carregava comigo. Eles subiram ao céu e voltaram em supervelocidade, soltando relâmpagos brancos, azuis e vermelhos. Penetraram o corpo da aranha antes que meus fones de ouvido e visor se desligassem, para me proteger da destruição e das sucessivas explosões. Mesmo abafado pela proteção acústica, ouvi parte do barulho trovejante que passou pela couraça blindada de Albert. Uau!

UAU MESMO, QUE ESPETÁCULO!

Mesmo depois de terminadas as explosões, eu ainda não podia ver através da fumaça e das chamas. Meus sensores indicavam que os tentáculos ainda não tinham se soltado! Puxa vida, o que era essa coisa, uma aranha ou um carrapato? Enfurecido, liguei os três lasers no máximo, adicionei ultrasônicos, sônicos, uma chicotada e abri fogo com o atirador de dardos de meu pulso, sem pensar em economizar munição. Agarrei-me à aranha e mantive os lasers na posição.

"Vamos, queime, nenê, queime!"

DISCOTECA DO INFERNO!

"Hã? O quê?"

DEIXA PRA LÁ. TRÊS MINUTOS. CONTANDO.

A mancha vermelha se tornou branca, e várias coisas dentro da aranha explodiram e derreteram. Sem me preocupar com o metal derretido saindo do buraco, enfiei minhas manoplas profundamente dentro da forma metálica e puxei quilômetros de fios. Novamente, introduzi a manopla e abri fogo com o laser, na maior potência e usando o foco mais largo. Agitava freneticamente o braço, torcendo para atingir alguma coisa importante.

NOVENTA SEGUNDOS PARA EFETIVAR CONTATO.

Estávamos nos dirigindo para a viga de uma ponte baixa, sobre o rio próximo, quando o monstro ficou estático. Descargas elétricas saíam de sua carcaça. Pequenas explosões detonaram dentro de seu corpo grotesco e as pernas se contorciam em estranhos movimentos.

Continuei a atirar em suas tripas, mas nada parecia surtir efeito!

VINTE SEGUNDOS.

Desesperado, golpeei-a com meu elmo e comecei a chutar sua couraça. Os lasers triplos atingiram o potencial de sobrecarga e eu ordenei para que atingissem desempenho ainda maior. Os segundos contavam agora, nada mais. Vamos, seu verme de esgoto, morra! Morra, morra, morra!

DEZ SEGUNDOS.

Então, num espasmo estremecido, os membros da aranha se fecharam sobre seu abdômen e a máquina caiu no chão. Um rangido agudo saiu de sua barriga, seguido por silêncio. Silêncio mortal.

ACALME-SE, SENHOR, disse Albert, desligando meu ataque selvagem. ACABOU, NÓS VENCEMOS. ESTA ERA A LÍDER.

Arfando e suado, olhei através de minha placa facial arranhada.

É mesmo? Vencemos? À medida que a fumaça da rajada subia, eu podia ver que os tentáculos ainda estavam agarrados a mim, mas já não estavam presos à aranha.

Deslizando pelo chão, dei um tapinha no queimado e emaranhado escombro de algo que fora uma poderosa máquina de guerra.

MUITO APROPRIADO SEU GESTO, SENHOR.

Obrigado. Porém, ainda insatisfeito, apontei meu laser de punho na máquina até que não restasse mais nada a não

ser uma poça rubro-incandescente de metal derretido — o que daria uma ótima pista de patinação quando o metal esfriasse.

Tentei gritar pela vitória, mas a comemoração se juntou a minha fadiga. Comecei a respirar rapidamente e, finalmente, desmaiei em pé.

Vá para 79.

6

Estendi meus braços e fui tateando o lugar até encontrar o Biofreezer novamente. Tropecei em algo e consegui entrar. Estava ainda mais escuro lá dentro, se é que isso era possível. Tudo o que eu podia fazer era escutar meu coração batendo e esperar que alguma coisa acontecesse.

Vá para 49.

7

"Neste mundo maluco, eu ficaria surpreso se as Irmãs de Caridade locais não carregassem bolinhos atômicos."

ISSO É BEM VERDADE.

Não querendo surpreender o camarada, esperei até que ele passasse uma boa rede e enchesse seu cesto. Ele deveria se sentir bom e genial.

"Alto lá, companheiro!", gritei, ficando em pé e acenando com um braço.

Isso era tudo o que eu conhecia da linguagem náutica, mas, a essa altura, cada palavra contava.

O careca voltou-se para mim, deixando a rede cair de suas mãos. Arregalando os olhos, o pescador olhou-me com uma mistura de maravilha e terror. Acho que ele nunca tinha visto um apanhador de cachorros de armadura.

Desci a colina, lentamente, com as mãos espalmadas ao alto, mostrando claramente que eu estava desarmado. "Preciso de informações! O senhor fala minha língua, meu bom homem?"

AH, CORTESIA! UMA TÁTICA INCOMUM EM

GAMMA WORLD.

"Obrigado."

De repente, uma porta na cabine do barco abriu-se e por ela saíram mais pessoas. Quatro homens ficaram parados no convés enferrujado, e eu não consegui definir se eles estavam tentando entrar ou sair de armaduras de força. Então, decidi que a resposta seria: ambos.

Cada homem calçava botas de couro, cobertas com circuitos elétricos expostos, e vestia túnicas de cota de malha e camisas de variados graus de sujeira. Porções de placas de armadura cobriam partes aleatórias de seus corpos e cabos coaxiais de força percorriam cada membro. Um loirão, de vermelho, tinha um olho claramente artificial, do dobro do tamanho normal, e algumas tatuagens realmente perniciosas. Um outro grandalhão, com o bigode verde, tinha faixas de granadas cruzadas no tronco cheio de cicatrizes. E os dois gêmeos, com capas, carregavam espadas curtas e bestas iguais. As aljavas plásticas, em suas costas, estavam quase estourando de tantas flechas, em cujas pontas haviam pequenas lâminas no lugar de penas. Cada um tinha uma pequena arma de fogo, de algum tipo, e uma adaga em sua bota.

Aquilo realmente era um grande arsenal para um bando de pescadores pacíficos. Mas, até aí, aquilo poderia ser apenas para se mostrar.

"Olá!", chamei, chegando mais perto. "Sou novo por essas paragens, companheiros. Podem me dar algumas informações?"

Cinco faces me olharam irritadas, expondo dentes retorcidos. As placas, em suas testas, começaram a brilhar com a energia. Sem nenhuma advertência, os sensores do meu elmo ficaram loucos e as medidas de energia entraram no vermelho.

ALERTA!

"Relatório!", pedi, dando um passo para trás.

AQUELAS PESSOAS SÃO CIBORGUES, PARTE HOMEM, PARTE MÁQUINA, E ELES ESTÃO TENTANDO ASSUMIR O CONTROLE DE MEU PCD!

PCD, ou Processador Central de Dados. Ei, esse é o cérebro do Albert! Oh, droga, o que eu deveria fazer agora? Atacar cegamente pessoas possivelmente inocentes, ou me render e tentar conversar? Parece que só tenho uma chance.

PODE APOSTAR!

Se você acha que Renê deve atacá-los, vá para 62.
Se, do contrário, acha que ele deve tentar se comunicar primeiro, vá para 50.

8

Resolvi seguir para o sul. Virei-me para ir embora e, então, dei um pulo, segurando a respiração.

"Com... licença... senhor... ou... madame", disse a coisa atrás de mim.

Uma figura toda branca, parada. Era um manequim, vestindo os trapos que restavam de algum tipo de uniforme e segurando uma caixa em suas mãos plásticas. Com certeza era algum tipo de robô. Afinal, não havia humano algum que pudesse se espremer dentro de uma armadura tão fina.

EXCETO SE ELE FOSSE COMPOSTO APENAS DE OSSOS.

"Por favor! Não seja tão repugnate."

PERDÃO.

O papel de embrulho do pacote era amarelo e velho. O barbante estava cheio de teias de aranhas. Algo estava escrito em cima, mas era impossível de se entender. Porém, havia um adesivo, meio apagado, onde se lia claramente: "Perecível!".

DEVE SER UM PACOTE DE SEGUNDA MÃO.

"Olá", cumprimentei-o.

"Você... é... o... Senhor... ou... Senhora... Greenbaum?", perguntou a máquina com uma voz metálica.

"Desculpe, mas não sou eu."

"E QUEM É VOCÊ?"

"Apenas... o... carteiro... senhor... ou... madame", respondeu.

Intrigado, agitei minha mão em frente a sua face e o robô, cego como uma pedra, não esboçou nenhuma reação. Observando os selos do pacote, a data indicada, um pouco apagada, era do meu tempo. Grande! Um carteiro-robô cego, com 400 anos de idade!

Sua cabeça balançava como um balão de gás preso a um

barbante.

"O... senhor... poderia... me... dizer... como... chegar... a... West... Market... Street? Eu... não... conheço... bem... esta... parte... da cidade... e... ninguém... atende... ao telefone... no... escritório... central."

Será que ele está falando do escritório de Cincinnati? Esse cara estava completamente fora da rota! "Albert, você está pensando o que eu estou pensando?"

CINCINNATI NÃO MAIS EXISTE, SENHOR.

"Certo. E é mais do que provável que o escritório central dos correios tenha sido vaporizado quase meio milênio atrás."

O QUE RESTRINGIRIA SERIAMENTE A HABILIDADE DELES ATENDEREM O TELEFONE. RESTRINGIRIA AS MINHAS, NESSAS CONDIÇÕES.

"Desculpe, novamente", eu disse pelo alto-falante. "Eu também sou novo por aqui. Não posso ajudá-lo." Não tinha a intenção de tentar explicar a Guerra Mundial Nuclear para um robô que ainda continuava inteiro, milagrosamente, graças à ferrugem e à esperança — se é que ele a tinha.

"Obrigado... assim... mesmo... senhor... ou... madame", agradeceu ele, e partiu desconjuntado na fantástica e barulhenta velocidade de um quilômetro por hora.

PROVAVELMENTE SUA VELOCIDADE MÁXIMA ORIGINAL.

Sorri e lentamente virei-me para o oeste. Estava impressionado. Aquele velho lema dos correios, de enfrentar chuva, garoa e a escuridão da noite, tinha extrapolado! Ignorar o armagedon atômico era demais! É isso o que eu chamo de dedicação ao trabalho.

TALVEZ ELE SEJA PAGO POR HORA.

Talvez esse robô fosse indício de que a velha América ainda estava trabalhando, embora muito mal.

Vá para 61.

9

Chegamos nos limites de uma cidade deserta. O mato invadia as calçadas e as árvores cresciam, espessas, nos jardins. As janelas não tinham vidros. Até mesmo as carcaças dos carros, enferrujando nas ruas, não possuíam janelas.

Embora a cidade fosse velha, a destruição que se via era recente. As ruas pavimentadas estavam cheias de covas rasas. Alguns dos maiores prédios ainda estavam de pé, porém, enegrecidos. As casas e escolas estavam queimadas na base e as paredes se mantinham só por milagre, de tão destruídas que estavam. Não havia pedra sobre pedra.

"Os cidadãos do reino mudaram-se para cá recentemente", disse Jenny. "O caminho foi pavimentado até o rio para que pudéssemos pescar e fazer comércio. Meu irmão e sua mulher estavam entre os primeiros colonos."

Alcançando o centro da cidade, pude ver a destruição: barris esmagados, carruagens viradas, panos retorcidos pelo chão, paredes quebradas, árvores derrubadas. O cenário não era o de uma guerra, mas o de um violento saque.

ANÁLISE DE PERÍMETRO ATIVADA... NENHUMA FORMA DE VIDA PERIGOSA NUM RAIO DE UM QUILÔMETRO.

"O que, ou quem, poderia ter feito esse tipo de devastação?", perguntei, chutando para o lado uma bigorna de ferreiro partida ao meio.

Jenny respirou profundamente, seus olhos procurando por alguma coisa. "Muitas são as feras que atacam os humanos, por comida ou por esporte. Vermes! Eles são os mais perigosos. Atacam em grupos pequenos e seus alvos nunca são menores que um exército de mil guerreiros.

"Grupos pequenos de quantos vermes?", quis saber.

"Um único verme! Um sozinho ataca o exército todo!"

SENHOR, PODEMOS IR AGORA?

Eu gostaria. "Jenny, por que você grita quando pronuncia a palavra verme?"

"Porque é o que todo mundo grita antes que eles comam você, seu cavalo e a carroça em que está, com uma única mordida."

ARGH!

Sem brincadeiras, Albert. Se vermes adultos são tão tremendos, uau!, eu não quero conhecer os pássaros que os comem.

De repente, o céu escureceu, e eu ergui minha cabeça para ver uma nuvem de chuva passando. Ufa! Foi por pouco!

Apressando seu passo, Jenny movia-se sorrateiramente por uma rua irregular. "Em épocas passadas, existiram dragões. Grandes feras desajeitadas, com escamas de armadu-

ras e sopro de fogo. Mas eles eram lentos, estúpidos e voaram, há muito, para o Grande Deserto do Norte. Meu povo ainda usa seu símbolo em nossa bandeira.

Dragões? Ela devia estar brincando!

O ANALISADOR DE TENSÃO VOCAL INDICA QUE ELA ESTÁ DIZENDO A VERDADE.

Grande! Era tudo do que precisávamos. Alguém aí tem uma bazuca de bolso à mão?

"Espere!", Jenny virou-se, espreitando. "Estou escutando choro de criança."

"Um sobrevivente? Albert, varredura total de emergência! Encontre o garoto!"

SENHOR, EU NÃO OUÇO NINGUÉM CHORANDO.

Estupefato, olhei para a câmera de vídeo no elmo. "Tá maluco? Eu posso ouvir claramente a pobre criança, mesmo sem o amplificador de áudio."

E EU ACABEI DE DESLIGAR O ÁUDIO EXTERNO. É ESTRANHO QUE VOCÊ ESCUTE E EU NÃO...

"Pensaremos nisso depois", gritei, correndo atrás de Jennifer, que se movia pelos escombros, com a vibrofaca empunhada.

Se você acha que Renê deve ir em busca da criança, vá para 63.

Se acredita que ele deve descobrir o enigma de Albert, vá para 25.

10

Não! Mais um deles... e não me parecia ter boas intenções. Sem pestanejar, me virei e saí da sala a toda velocidade. Acidentalmente, bati a cara no batente da porta.

"Ai, meu nariz!"

A dor intensa não me fez parar. Fui em direção às escadas e voltei direto para o Biofreezer. Lá, era o único lugar de toda a base que poderia segurar esse robô militar.

E se eu dormisse por mais um par de anos? Ora, que mal faria?

Vá para 49.

11

"Não, vamos dar o fora", decidi. "Esse shopping pode ser o alvo de inúmeros outros agressores e a próxima turma pode não ser tão obediente às minhas ordens, tão malproferidas."

CONCORDO COM SUA DECISÃO, SENHOR!

Porém, dar um passo para sair era como caminhar em cimento fresco. Mentalmente aumentei a potência dos servomotores e pedi um diagnóstico. Não havíamos sofrido dano algum, apesar das múltiplas rajadas.

"Albert, o que está acontecendo aqui?"

SIMPLESMENTE CONSERVANDO ENERGIA, SENHOR.

O quê? Ei! Estou sentindo cheiro de um tecno-rato aqui.

SENSORES ATMOSFÉRICOS NÃO INDICAM NADA INCOMUM, SENHOR. (Pausa) EXCETO UM LEVE AROMA DE FRANGOTE NO AR.

Parei e voltei com admirável facilidade. Caminhar de volta às crateras era tranqüilo.

"Tudo bem, tudo bem", concedi. "Vamos remexer essas peças de dróides quebradas. Mas se uma delas explodir e nos matar, nunca mais vou seguir seus conselhos!"

BEM RAZOÁVEL.

Vá para 26.

12

Saindo do açude, senti-me muito bem e cheirava consideravelmente melhor. Não tendo toalhas, sentei-me nu em uma rocha, deixando o sol me secar enquanto mastigava a minha fossilizada ração sabor salitre. A comida era mais dura do que a rocha, mas a paisagem valia a pena. O céu era de um azul tão profundo que eu nunca tinha visto antes, e o ar trazia um aroma adocicado. Séculos sem poluição tinham feito maravilhas com a Mãe Terra.

Nas árvores próximas, vi passarinhos pequenos, de cores divertidas, cantando suavemente. Não simplesmente chilreando, mas realmente cantando, como se emitissem vozes. A

melodia parecia algo do tipo: "Eu tenho que pegar aquela larva antes que ela me pegue...". Soaram vagamente familiares. Gershwin? Hamlisch? Madonna?

Enquanto eu lutava com o almoço, observei uma manada de bisões movendo-se pelo horizonte, como um cobertor negro de mamíferos que cobria a paisagem. A distância tapeou minha percepção visual de seus volumes, mas, quando eles se aproximaram, vi que tinham apenas 15 centímetros de altura, como o alce de antes. O chão tremeu com a passagem deles, e, deitado com as costas na rocha, ganhei uma boa massagem, devido às vibrações. Adorável!

ALERTA.

"Perigo?", perguntei alto, levantando-me num sobressalto e segurando um pedaço de ração sabor salitre como arma improvisada. Os protobisões miniaturas estavam saindo de minha visão e os pássaros ficaram estranhamente quietos.

RASTREANDO.

Esperei, sentindo-me desprotegido além de nu.

BOAS NOVAS!, anunciou ele para meu alívio. NÓS ESTAMOS NO RAIO DE 5 QUILÔMETROS DE UM RIO PRINCIPAL. A POSIÇÃO É INCORRETA PARA O RIO OHIO, MAS NENHUMA OUTRA CORRENTE D'ÁGUA PODERIA ESTAR NAQUELA ÁREA. ENTÃO, TALVEZ O RIO TENHA MUDADO SEU CURSO ATRAVÉS DOS SÉCULOS.

"Então?", perguntei, rapidamente empacotando de volta o almoço na caixa do Exército Americano.

Por alguma razão, os pássaros emudecidos alçaram vôo, numa revoada barulhenta, passando sobre Albert e dando-nos uma demonstração de comer, bater asas e usar o banheiro ao mesmo tempo.

UAU, ESSA FOI POR POUCO, disse a veste, confirmando que o último passara sem deixar um presentinho. MAS MEUS SENSORES SÔNICOS DETECTAM A PRESENÇA DE UM GRANDE MOTOR ELÉTRICO COM SUPORTES SUBMERSOS.

"Um barco!"

UM BARCO ANCORADO. DIFERENTE DAS CAMINHONEIRAS DE ONTEM. AGORA, PODEMOS NOS APROXIMAR SECRETAMENTE E OBSERVAR, ANTES DE DECIDIR FAZER CONTATO.

"Vamos, meu chapa!", gritei ansioso, guardando minha comida e entrando na armadura. "Vamos encontrar a civilização!"

DEFINA CIVILIZAÇÃO, apareceu em meu monitor principal.

"Cale a boca." Puxa, a minha velha professora de inglês, a Sra. Rosa Modorra, era mais sutil que esse cara!

* * * * *

Uma mão metálica gorda separou, delicadamente, os arbustos de bolinhas cor-de-rosa, no topo da colina, e eu pedi amplificação visual do vale abaixo.

Correndo pelo campo, um rio largo cortava um canal pela paisagem de Ohio. A água clara e azul seguia serenamente para o sul, com o curso d'água sumindo de vista em ambos os sentidos. Os sensores mostravam que o rio estava livre de toxinas e tinha uma temperatura média de 26°C. Trutas e peixes-gato nadavam em cardumes imensos e pitus barbados do tamanho de Volvos jaziam nos cardumes. Pelo menos uma coisa a Guerra dos Trezentos Anos tinha feito à Terra... Com certeza, queimou muita poluição. Embora eu não creia que tenha sido a meta original quando algum tolo apertou "O Botão".

A Rota 70 terminava na margem do rio, mas continuava do outro lado. Não, estava errado. Em ambos os lados, a estrada se estendia uns poucos metros sobre a água, sustentada por grossos postes de madeira fixados no leito do rio. Docas. Eram docas rústicas, porém utilizáveis. Inspecionando melhor, pude ver os apoios de mão ainda presos às laterais das colunas de madeira. Uau, devem ter usado um martelo bem grande para fazer aquilo.

BESTEIRA, EU PODERIA FAZÊ-LO FACILMENTE.

"Só nos seus sonhos."

NÃO!

Certo. Albert era forte, mas nem tanto.

Amarrado à doca, do lado oeste, havia um barco velho e enferrujado, parecido com um barco a vapor dos velhos filmes de aventura.

Um homem calvo, usando um tapa-olho e roupas brilhan-

tes, estava parado na frente da embarcação, jogando uma rede nas águas correntes e recolhendo-a com a perene regularidade de um profissional treinado. Um cesto de vime perto de suas botas estava, pela metade, com trutas coloridas ainda se remexendo. Jóia! Pescadores são notoriamente pacíficos. Talvez agora eu consiga algumas respostas sobre o que estava acontecendo no mundo. Meu estômago reclamou — e por comida decente.

EU RECOMENDO MUITA CAUTELA. OS SENSORES ACUSAM QUE A PESSOA ESTÁ FORTEMENTE ARMADA, TANTO COM ARMAS ENERGÉTICAS COMO DE PROJÉTEIS SÓLIDOS.

Vá para 7.

13

Por que não? Tomando a auto-estrada, continuamos em direção à mão no topo da montanha. Infelizmente, a mensagem parou em "disponível". Estranho. A máquina estava quebrada? Senil? Ou talvez fosse algo como a velha brincadeira do telefone sem fio, onde cada um diz, ao que está mais próximo, a mensagem, que vai perdendo o sentido aos poucos.

SE BEM QUE, NO TELEFONE SEM FIO, NO FIM SEMPRE HÁ UMA PIADA. NÃO CREIO QUE SEJA O CASO AQUI.

Concordo. Depois de atravessarmos a gigantesca montanha, uma segunda mão tornava-se visível no topo de uma distante colina.

"Outra?", perguntei, gesticulando em direção à nova mão.

TUDO BEM, NÃO MAIS QUE DUAS.

Porém, não foi assim. Tendo entrado nessa estrada misteriosa, não poderíamos retornar mais. O que tinha esperando por mim, lá atrás? Ursos magnéticos? Lagos de vidro? Robôs? Shopping centers? Não, obrigado. Aqui onde estamos, no meio da América, a terra está cheia de frutas comestíveis, e todas as mutações têm-se mostrado benignas, ou pelo menos tão estúpidas que não fazem diferença.

Nos meses seguintes, Albert e eu atravessamos o país,

indo de mão em mão, até que, finalmente, acabamos em Houston, no Texas. Lá, no centro espacial abandonado da NASA, constatamos que um grupo de pessoas partira do planeta para um local desconhecido há uns 200 anos. Não havia mais ônibus espaciais, nem mesmo pedaços deles. A estrada terminava ali.

Pelo menos, a viagem foi aproveitável. O centro de Houston ainda estava funcionando perfeitamente, com uma usina nuclear, toneladas de comida enlatada, milhares de livros e filmes em fitas VHS, e tudo o mais necessário para se viver por décadas com conforto total.

Albert e eu resolvemos esperar a visita de outros que, por acaso, assim como nós, encontrassem essa pequena fatia do paraíso. Mas, à medida que os anos passavam, ninguém mais apareceu, nem vindo de outras partes da Terra nem do espaço. Então, vivemos uma vida de paz e quietude.

FIM

14

Resolvi ir atrás da mais próxima, a vermelha.

"E lá vamos nós!", gritei pelo alto-falante e fui ao encalço da criatura.

Jogando-me para frente, pulei uma manada de vacas roxas e aterrissei bem em cima da primeira fugitiva. No momento em que fiz contato, raios elétricos de alta voltagem faiscavam de sua blindagem avermelhada.

Grande coisa. Albert também sabia fazer esse truque. Isso não significava nada para mim.

NÃO OBSTANTE, É UM DOS MEUS FAVORITOS.

Espetos de aço, centenas deles, saíram de sua fuselagem, mas as lâminas, quando atingiam o "Albertão" aqui, apenas dobravam. Gás venenoso foi lançado de pequenos exaustores. Os vapores amarelados pairavam sobre nós sem nenhum efeito, embora meus sensores entrassem na zona letal. Pelo monitor traseiro, pude ver que as árvores perdiam as folhas e tornavam-se brancas.

Enquanto isso, a aranha demolidora, em sua fuga frenética pela floresta, escapava como um raio da vila Torneio da Coroa.

DEDICAÇÃO SEM HESITAR. EU GOSTO DISSO NUMA MÁQUINA.

"Eu também, pena que não conheça ninguém assim."

AI! EU MERECI ESSA!

Suas pernas vermelhas pulavam como britadeiras. O inseto escarlate saltitava sobre o rio e pelas árvores. Os galhos mais baixos eram quebrados pelo nosso corpo metálico enquanto a minha aranha xucra se jogava em qualquer coisa que pudesse nos arrancar de cima dela.

MUITO DIFÍCIL.

Quando alcançamos uma clareira, tirei as folhagens presas a minha armadura e comecei a trabalhar. Em algum ponto do caminho eu tinha deixado cair minha SuperMagnum 999 Zeus & Wesson — a preferida de todos os Calaveiros Gamma para estourar os miolos de aranhas-robô —, então, armei-me com um bastão de fusão e, na outra manopla, segurava uma vibroespada. Ativando ambos, estoquei minhas armas diretamente no corpo da máquina sacana. Até aquele momento eu não sabia que robôs podiam gritar.

MAS ISSO É POSSÍVEL, PRINCIPALMENTE QUANDO VOCÊ CONTA UMA PIADA SEM-GRAÇA...

"Calado."

Óleo e fluido hidráulico espirraram em mim enquanto eu ia removendo as placas blindadas da aranha. Cortei sua bateria atômica e a máquina começou a tremer, esmorecendo. A vibroespada fatiou um subcomputador. Uma perna parou de se mover. Minha lança de fusão derreteu um transformador de potência. Outra perna bambeou. Os lasers na minha testa vaporizaram um complexo receptor de rádio enquanto eu esmagava, com os pés, uma coisa cristalina que pulsava visivelmente por energia. Mole como pudim, a aranha caiu no chão, provocando um estrondo. Uma terceira perna soltou-se totalmente e seu interior começou a pegar fogo.

PASSOU DE FASE, DIRIJA-SE À SAÍDA.

Saltando da máquina em chamas, estava apenas a alguns metros quando ela explodiu. A iluminação da explosão tornou o mundo branco por um segundo. Então, uma chuva de folhas chamuscadas caiu por todo lado, junto com fumaça e fragmentos de metal.

AH, ADORÁVEL.

"E aí?", perguntei esperançoso.

NEGATIVO. ESTA NÃO ERA A LÍDER.

"Droga! Droga! Pisei no tomate! Cinco minutos perdidos!"

POR QUE VOCÊ SEMPRE USA INTERJEIÇÕES BASEADAS EM COMIDA?

"Depois explico!"

Supertenso, puxei meu bastão de fusão restante, mas não acionei a ignição. Havia combustível de hidrogênio suficiente apenas para 10 segundos. Dez reles segundos. Certo: "Amarela ou azul? Estavam ambas igualmente distantes. Alguma preferência, Albert?"

NENHUMA, SENHOR. USE SUA INTUIÇÃO HUMANA.

Se você acha que Renê e Albert devem atacar a aranha amarela, vá para 23.

Se decidir pela aranha azul, volte para 5.

15

Desdobrando o cabide, comecei a trabalhar na fechadura, esperando por um milagre. Em apenas alguns momentos, consegui resultados admiráveis. Alarmes ensurdecedores dispararam, fazendo barulhos estranhos, como se fossem "castanholas vitaminadas".

"Alerta!", anunciou um alto-falante no teto, com uma voz monótona, totalmente assexuada. "Intruso no Nível Dois."

Curioso, olhei ao redor. Ei! Eu estava no Nível Dois! Oh-oh!

"Aniquilar imediatamente", disse o alto-falante, fazendo meu sangue gelar e as minhas pernas correrem!

"Exterminar. Matar. Trucidar. Assassinar. Vaporizar."

Uau! Que belo vocabulário para um maníaco homicida!

Na minha frente, vindos de um corredor lateral, surgiram doze máquinas. Lembrando almofadas metálicas com rodas de tanque, as engenhocas tinham, bem próximos ao que parecia ser suas cabeças, braços metálicos — prontos para me estraçalhar!

Não pensei duas vezes e fiz a única coisa lógica naquele momento... dei no pé!

Alguns metros depois, fui sobrepujado pelo pequeno exército de faxineiros-robôs. Garras puxaram minhas roupas e agarraram minhas mãos. Segurei o braço metálico de um deles, que estava armado com um rodinho de janela, arranquei-o e comecei a apontá-lo, como uma espada, parodiando Arnold Schwarzenegger em "Conan, o Bárbaro".

Pedaços de plástico e alumínio voavam a cada impacto estridente.

"Ahá! Tome isso!"

Crunch!

"E isso!"

Whack-slam!

"E mais isso!"

Nada adiantou meu esforço, pois eles eram muitos e, em poucos segundos, eu estava desarmado e encurralado contra a parede gelada. Embora furioso, só restava debater-me contra os fortes braços metálicos de meus captores.

Algumas frases me vieram à mente, mas, honestamente, não vi razão para que as minhas últimas palavras em vida fossem vulgaridades.

"Intruso", explodiu uma voz, vinda de um dos alto-falantes do teto. "Antes que o aniquilemos, informe-nos como entrou neste complexo, pois não houve arrombamentos periféricos. Explique-se!"

Nada respondi, pois minha garganta estava quase sendo estrangulada por um dos monstros metálicos.

Então, o robô que me segurava aliviou a pressão que fazia com suas garras.

"P-porta da frente", disse. "Vim pela porta da frente com meu tio, o Prefeito Mingle, e o OE da base."

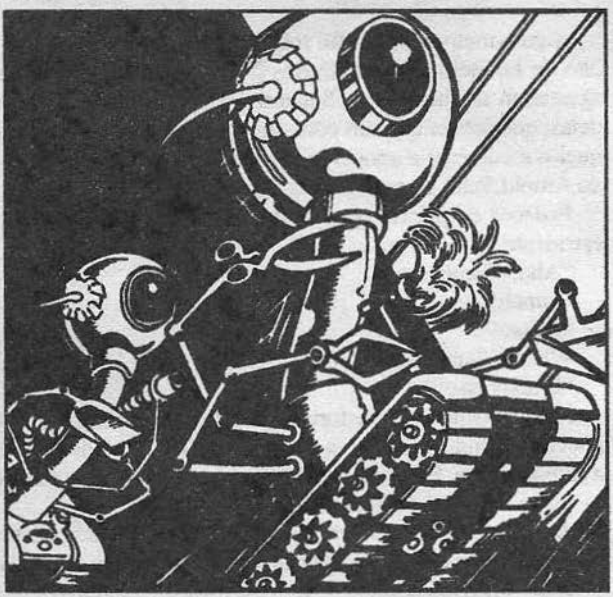
"OE", disse uma voz diferente, computadorizada. "Antiga gíria para a posição de Oficial Executivo, isto é, o segundo posto de comando numa base militar."

"Eu sei disso!", disse a primeira voz, parecendo aborrecida.

"Perdão", desculpou-se a voz computadorizada.

Então, o exército de faxineiros avançou em direção à parede de concreto e me espremeu ainda mais.

"Intruso, não houve um OE neste complexo nos últimos 400 anos", afirmou a voz do teto.



Quatrocentos anos!, pensei e, em seguida, usei aquelas palavras chulas, que não havia usado quando a morte me parecia certa.

"COMO VOCÊ ENTROU?", exigiu saber a voz do teto.

"Eu já te disse", respondi, lutando contra grilhões de metal. "Vim pela porta da frente com o tenente Caruthers, seus brutamontes. Com total permissão e autoridade do OE, major Bradley Armstrong!"

Houve uma pausa, que pareceu durar uma eternidade.

"Questão: se é verdade, como pôde um humano orgânico sobreviver nesse intervalo de tempo sem se decompor totalmente?"

Uau! Um palhaço falante. "Tropecei e caí dentro do Biofreezer."

"Hum... é possível. Isso explicaria porque nós só voltamos a funcionar recentemente", disse a segunda voz. "Quando o Biofreezer alcançou o fim de sua programação e desativou-se, sua grande demanda de força cessou e os computadores recarregaram-se e voltaram à ativa."

"Você se importa que eu termine esse interrogatório?", cortou a primeira voz.

"Só estou tentando ajudar", respondeu a segunda, candidamente.

De repente, as câmeras do teto e as luzes dos robôs apontaram diretamente para a minha face.

"Identifique-se, humano."

"Acessando arquivos de visitantes", informou a segunda voz.

"Meu nome é Renê Montgomery. Sou o sobrinho de Mathew Mingle, prefeito de Dayton, Ohio."

Os faxineiros me apertaram mais.

"E qual é sua posição atual no ranking das Forças Armadas dos Estados Unidos?"

"Ai! Nenhuma. Eu era apanhador de cachorros, apenas estava aqui num passeio voluntário pela nova base."

Houve uma pausa. Os faxineiros, felizmente, se afastaram e me senti mais aliviado.

"Você era...apanhador de cachorros MUNICIPAL?"

Arqueei minha sobrancelha direita e pensei: *E tem de outro tipo?* "Bem, sim. Eu era e daí?"

"Aiminhanossasenhora!", sussurrou o segundo computador, o engraçadinho.

Instantaneamente, as garras me soltaram e os guardas-robôs afastaram-se para uma distância segura e respeitosa.

"Senhor Presidente, pedimos humildemente seu perdão. O que resta deste complexo militar atualmente está inteiramente às suas ordens."

"Senhor!", saudou-me a segunda voz.

Então, todos os faxineiros-robôs me saudaram.

Vá para 21.

16

Resolvi usar o laser para cortar suas cabeças, fatiar e picar seu corpo gosmento, como um soldador homicida. Os vários pedaços da fera morta caíram na água e sumiram de vista.

De pé, em posição de ataque, Jenny apenas olhou boqui-

aberta, com sua espada em punho, para o resíduo flutuante do purê de monstro, enquanto navegávamos.

"Desculpe pela interrupção", eu disse, limpando uma gota de gosma do meu visor com um trapo. Estranhamente, o pano pegou fogo e, então, eu o joguei para fora do barco. "Por favor, continue."

A cavaleira embainhou sua espada novamente. "De qualquer forma", continuou ela friamente, "o Ghato, de quem eu lhe falei, é o infame Ghato Pride, líder dos Bibliotecários Motoqueiros Canibais."

"PROGRAMA VAZIO! PODE REPETIR, POR FAVOR?"

Intrigada, ela repetiu a frase. Jenny estava se acostumando às duas vozes diferentes vindas da armadura. "Suas casas ficam no meio das profundas ruínas de uma cidade antiga. Lá, há grandes edifícios esparsos, cujas paredes são feitas de mármore, com degraus que levam a uma grande porta feita de bronze reforçado e com fortes barras de ferro protegendo as janelas. Esses edifícios são muito difíceis de atacar, e eficientes na sua própria defesa. Em suas poderosas fortalezas, os bibliotecários sobreviveram facilmente à queda do mundo antigo.

"Hum, interessante."

"REALMENTE, EU NUNCA TINHA PERCEBIDO ANTES QUE UMA BIBLIOTECA CONVENCIONAL DARIA UMA FORTIFICAÇÃO TÃO BOA."

De espada empunhada, Jenny olhou ao redor, como se procurando por ouvintes. "E sempre diga o nome deles corretamente", sussurrou. É 'bibliotecários' e nunca 'biblotecários'. Por alguma razão isso os leva a uma fúria incontrolável."

"Sem problema. Mas e a... parte canibal?", perguntei, na esperança de ter ouvido o termo errado.

"Eles amam os livros mais do que suas próprias vidas. E ainda amam a informação mais que aos livros. Assim, qualquer um pode emprestar um livro deles por uma pequena taxa. É assim que aprendemos a forjar nossas lâminas, tecer nossos panos e realizar rotações de cultura sazonais, mantendo um nível apropriado de nitrogênio no solo."

"Porém", ela se aproximou para que eu pudesse ouvir melhor — que lindos olhos azuis ela tinha! — "se uma pes-

soa ou mutante sonhar em atrasar a devolução do livro, ou o volume sofrer o mínimo estrago..."

"A MULTA TE CUSTA UM BRAÇO E UMA PERNA. LITERALMENTE."

"E se você, simplesmente, não devolve o livro, suponho que eles saiam em sua busca montados nas motos", disse.

Jenny sorriu. "Sim! Exatamente! Carruagens de duas rodas, horrendas e barulhentas, que têm o odor de vinho ruim e equipadas com muitas armas."

MOTOCICLETAS SÃO OS VEÍCULOS MAIS FÁCEIS DE CONSERTAR, E SÃO ECONÔMICAS. ESSE COMENTÁRIO SOBRE "VINHO RUIM" DEVE INDICAR QUE ELES UTILIZAM ÁLCOOL COMO COMBUSTÍVEL. USINAS SÃO MUITO MAIS FÁCEIS DE SE CONSTRUÍREM DO QUE REFINARIAS DE PETRÓLEO.

Concordei e transmiti o comentário a Jenny. De repente, ouvimos um "splash" na água, ao lado de nosso barco. Tanto a espada como o laser foram sacados. Tanto eu como Jennifer piscamos espantados, um para o outro, ao ver a grande truta na popa de nosso barco.

"O JANTAR ESTÁ SERVIDO", disse Albert.

* * * * *

Estava delicioso. Eu já tinha comido peixe fresco antes, mas nada comparado a esse. Horas passaram-se e o crepúsculo veio quando ainda navegávamos no Rio Ohio Novo. À medida que passávamos, pássaros cantavam e surgiam de seus esconderijos, nos arbustos que pendiam em direção às águas. Bocejando, Jenny ofereceu-se para assumir o primeiro turno de vigia, mas eu disse não. Ela ainda estava fraca, devido à sua luta com os piratas, e precisava dormir muito mais do que eu. Albert usou o laser, na potência mínima, para aquecer o lençol de lona pego do armário de equipamentos do barco pirata. A cavaleira enrolou-se, nele, como uma bola, e deitou-se na proa do barco, com sua espada frouxamente segura.

Satisfeito por estarmos desenvolvendo uma grande velocidade, e com uma boa refeição na barriga, sentei-me e fiz Albert abrir as portas de ventilação para que eu pudesse sentir a brisa da noite. À medida que as estrelas preenchiam o céu negro-azulado, Gamma World tornava-se silencioso.

Até mesmo a correnteza do rio parecia diminuir. A paisagem plana de Ohio era lentamente substituída pelas colinas de Kentucky, e as árvores, antes esparsas, agora se juntavam numa densa e abundante floresta. Apesar de seus múltiplos defeitos, essa Nova Terra era mesmo linda.

Ocasionalmente, pontilhando as margens do rio, apareciam ruínas de cidades cheias de hera, a maioria ainda em boas condições — com a ressalva de que não tinham vidros. Pedi amplificação visual e vi que cada batente de janela estava vazio. Não havia sinal algum de estilhaços no chão. Por que alguém roubaria milhares de cacos de vidro? Talvez os tenham pego de uma cidade para consertar outra. Estariam construindo uma estufa bastante grande para cobrir todo o estado de Nebraska? Precisavam de alvos para o concurso mundial de arremesso de pedras? Todos, ou qualquer um dos casos, eram possíveis hoje em dia.

Cruzando minhas manoplas atrás da cabeça, perdi-me em meus pensamentos, ouvindo a correnteza do rio e olhando o céu estrelado. Então, de um lugar indefinido, feixes ultrafinos de luz colorida ziguezaguearam o céu, como fusíveis explodindo. Faíscas brilhavam perto das estrelas, arco-íris distorcidos apareciam e desapareciam no horizonte.

"A aurora boreal?", perguntei, intrigado. O que quer que fosse, era, com certeza, lindo. Não: era magnífico! "Não pode ser. Estamos muito longe do Círculo Polar Ártico. Não há como vermos as luzes do norte aqui embaixo."

ESTAÇÕES DE BATALHA.

Vá para 20.

17

"Responda ou morrerá!", continuaram as caminhoneiras, enquanto suas máquinas avançavam em minha direção novamente.

"Albert, e se nós saltássemos aquela ponte?", disse, dando um tênue passo para o leste.

UMA VEZ DO OUTRO LADO, ELAS NÃO PODERÃO NOS PEGAR.

"Grande!"

CHANCE DE SUCESSO ESTIMADA: DE 30% A 70%.

"Incrível!"

"E nem mesmo pense em atravessar aquela ponte", esbravejou o alto-falante do caminhão-líder, enquanto os outros veículos alinhavam-se em formação de combate.

Aquilo foi o máximo para mim. Se elas não queriam que eu pulasse para o outro lado do fosso químico, não diria o mesmo. Era onde eu mais gostaria de estar no momento. Girando, apoiado em um calcanhar, atingi o concreto da ponte como uma britadeira, com minhas grandes botas. Albert regulou o fluxo de oxigênio e começou a cantarolar o início do tema de "Guerra nas Estrelas" para me inspirar. Mas, depois de olhar para esses caminhões, eu não precisava de mais inspiração.

Que dia foi esse! Dormi por 400 anos, todo mundo que eu conhecia tinha morrido de velhice, o almoço havia sido coturnos dissecados ao molho cremoso, minha armadura de força tinha um senso de humor horroroso e, agora, eu estava me defendendo das representantes da Psicopatas Ltda., Divisão Auxiliar Feminina. Eu simplesmente *odeio* quando isso acontece.

Mais ameaças vieram das Guerreiras do Asfalto, mas eu ignorei o barulho, concentrando-me para aumentar a velocidade. A total destruição da ponte se aproximava. Então, acelerei minha saída e, no último segundo, pulei, usando cada grama da força que eu possuía.

Por um breve momento, eu voei pelo céu. Atingimos o chão com tanta força que eu quebrei um dente e quase apaguei. Mas consegui me encolher e rolar, para absorver o impacto. Fiquei tonto e meio enjoado quando Albert, não eu, esticou nossos membros para que batessem no chão da estrada, parando-nos abruptamente.

Logo em seguida, uma luz vermelha brilhou a meu lado e uma pequena seção do asfalto desapareceu em uma nuvem de fumaça.

"Laser!", ambos identificamos.

"Ha!", ri nervosamente, estalando meus dedos de metal para os caminhões distantes. "E daí? Com nosso campo de força top de linha, aquele laser ridículo..."

De repente, um feixe da arma atingiu Albert no ombro e

desintegrou um pedaço de sua blindagem do tamanho de um hamster bem-nutrido. Albert imediatamente se ergueu e começou a correr.

"Como diabos *aquilo* aconteceu?", quis saber, concentrando-me em continuar movendo minhas pernas. O campo aberto de cada lado da estrada não oferecia nada que servisse de cobertura. O que eu não daria por algumas boas e grossas árvores de novo...

DESCULPE, SENHOR, MAS EU ESTOU HÁ 400 ANOS FORA DE SERVIÇO. E, MAIS OBVIAMENTE, PARECE QUE, EM MINHA AUSÊNCIA, ACONTECERAM ALGUNS AVANÇOS RADICAIS DA TECNOLOGIA DE ARMAS ENERGÉTICAS.

Uma resposta me veio à mente, mas eu a engoli de volta. O meu pessoal odeia quando eu uso essse tipo de linguagem.

Observando um monitor, vi uma onda de fumaça e um objeto pequeno, brilhante, seguido de uma cauda de chamas, vindo em minha direção.

MÍSSIL.

"Será... que... nós... podemos... escapar... dele... correndo?", perguntei, engasgando entre uma palavra e outra.

Com um giro, a armadura virou-se para a esquerda e o míssil passou lentamente pelo outro lado.

NEGATIVO, SENHOR.

"Nem brinca, Dick Tracy!"

Momentaneamente, fui coberto por uma bolha brilhante e colorida, enquanto nosso campo de força defletiu a trilha de chamas do míssil. E então, ele explodiu.

O silêncio envolveu o lugar e o mundo pareceu quebrar em pedaços, recompondo-se, em seguida. Não senti a explosão e meu elmo, automaticamente, filtrou a maior parte do ruído. Porém, eu vi claramente que estávamos suspensos no ar, novamente, voando em direção desconhecida, mais rápidos que uma bala e mais possantes que uma locomotiva.

Armas, pensei quando a armadura atingiu o ápice de seu vôo. Nós realmente precisávamos conseguir algumas para Albert. Esse negócio de fugir a toda hora estava começando a se tornar realmente desagradável.

Atingimos o chão e tudo ficou escuro.

Vá para 45.

18

Uma mulher apareceu — a mais bonita, como eu jamais vira em toda a minha vida, nem mesmo nos filmes.

Uau! Marilyn Monroe, comparando-se a ela, parecia o Corcunda de Notre-Dame depois de passar o dia num cabeleireiro rüim!

"Ah", ela suspirou. "O humano gene-puro que nós resgatamos do fundo do abismo."

"Sou eu", respondi.

Ela se aproximou e a temperatura da floresta tornou-se dezenas de graus mais alta. "Eu sou Etta."

"Renê", eu disse, levantando-me e tomando sua mão. Ao tocá-la, um arrepio elétrico percorreu meu corpo como um relâmpago. E percebi, pela expressão de surpresa em seus olhos violeta, que o mesmo tinha acontecido com ela.

"Hum...", murmurou ela. "Fascinante."

E, apertando com mais força minha mão, Etta puxou-me para perto e começou a me beijar com energia suficiente para iluminar a costa leste na véspera do Natal.

Pareceu durar uma eternidade, o que era pouco.

* * * * *

Mas isso foi há muito tempo. Eu sou um homem de idade agora, dolorosamente escrevendo essas observações em meu diário. Etta e eu casamos umas poucas semanas depois de nos conhecermos, e vivemos uma vida longa e feliz juntos. Ocasionalmente, o pensamento de ter escolhido partir em busca de aventuras, ao invés de ficar, me vem à mente. Mas, hoje em dia, essa dúvida não mais me atormenta.

Porém, meu filho, Alexander, decidiu deixar o Povo da Floresta para tentar encontrar minha velha armadura de força e explorar esse estranho e maravilhoso mundo em que vivemos. Desejo-lhe muita sorte. Mas não tenho certeza que ele consiga vestir Albert com suas asas.

FIM

19

"Que diabos. Vamos dar uma tentada", decidi.

<Suspiro> ENTENDIDO.

Baixando meu olhar para os submonitores do lado interno de meu peito blindado, observei Albert montar uma transmissão ultracondensada de um megabyte, codificada e criptografada para parecer uma requisição de informações de uma das outras estações de batalha. Boa idéia.

ACHO QUE VAI FUNCIONAR, SENHOR!

Em um blip de um microssegundo, o sinal foi enviado.

A resposta veio imediatamente.

Sem qualquer pausa ou aviso, uma chuva de raios de plasma, quentes como o Sol, desabava de cada canto do céu. As primeiras colunas incandescentes atingiram os parapeitos próximos. O esqueleto de aço da estrutura de granito ficou visível por um instante, antes que se seguisse a sua destruição atômica.

AAAAAAAIIIIIIÊÊÊÊ!!

Aterrorizados, os cavalos scamishes relinchavam selvagemente, lançando seus cavaleiros ao chão. Então, todos se foram em um flash, junto com a maior parte da cidade. Todo o muro frontal, o rei, Cara-de-Rato e todos perto de nós se desintegraram.

Jenny!

Enquanto a cidade fora partida em pedaços pelos golpes de raios vindos do céu, tentei mergulhar para a direita e Albert para a esquerda. Uma lança de plasma atingiu o chão, próximo de nós, e perfurou nosso campo de força.

Lembrando-me de uma velha estratégia de guerra, que era a de pular na cratera da explosão da bomba mais recente, como se fosse o lugar menos provável da próxima cair, saltei do muro ao chão, direto na borbulhante piscina de lava.

... em perfeita sincronia, uma segunda corrente fundida de plutônio derretido, mais quente que a superfície do próprio Sol, chocou-se diretamente com nossa cabeça.

Aparentemente, as estações de batalha também assistiam a velhos filmes de guerra.

Um terrível estalo ecoou. Era a armadura de força, que se tornou tão quente a ponto de sua incandescência me cegar.

O termostato explodiu. Os extintores de incêndio dispararam. Imediatamente, antes de sair do ar, Albert me chamou de Rei Bozo do Povo Idiota. Senti o cheiro de meu próprio cabelo fritando, a caneta tinteiro no meu bolso derretendo e, então, fui suavemente tragado pela escuridão fria que se estendeu em uma calma e pacífica eternidade.

E meu último pensamento consciente nesta vida foi: *Ups! Que mancada!*

FIM

20

Instantaneamente, levantei, quase derrubando tudo, e dei uma olhada ao redor, com minha mão direita estendida e pronta para atacar. O quê? Onde?

AH... DESCULPE POR ISSO, SENHOR. AQUILO NÃO FOI UM CHAMADO PARA A GUERRA, MAS UMA OBSERVAÇÃO. EU DEVERIA TER DITO QUE OS OBJETOS NO CÉU ERAM ESTAÇÕES DE BATALHA.

Então, abaixei minha mão e sentei. Ufa!

ARMAS ENERGÉTICAS MUITO AVANÇADAS. RAIOS DE PRÓTONS, CANHÃO DE ANTIMATÉRIA, LANÇAS DE HIDROGÊNIO.

Impressionado, comecei a assobiar, mas parei no meio da nota e virei-me para ver se eu tinha, inadvertidamente, acordado Jenny. Com a espada na mão, ela dormia sossegada, pois sabia que eu a salvaguardava.

"Esses devem ser os caras que destruíram o satélite meteorológico."

CONCORDO, SENHOR. É BEM PROVÁVEL QUE ELES SEJAM SATÉLITES DE GUERRA ROBOTIZADOS, EM GUERRA AINDA.

"Mas o embate acabou há séculos!", disse, enquanto o barco tocava lentamente um pequeno rochedo na água e se desviava dele.

CREIO QUE NINGUÉM LHES TENHA CONTADO.

"Você poderia?", perguntei.

<Estalo de estática> SENHOR PRESIDENTE, SE O SENHOR ORDENAR, TENTAREI MANDAR UMA MEN-

SAGEM DE RÁDIO ÀS ESTAÇÕES DE BATALHA EM ÓRBITA. NO ENTANTO, PODE NÃO SER UMA BOA IDÉIA CHAMAR A ATENÇÃO DE MÁQUINAS DE GUERRA SECULARES QUE VAPORIZARAM BRUTALMENTE UM SATÉLITE METEOROLÓGICO SENIL APENAS POR FALAR COM ALGUÉM NA TERRA. ALÉM DO MAIS, O INCRÍVEL PODEROSO ARMAMENTO PODE ME DERRETER COMO MANTEIGA NUM FORNO DE MICROONDAS.

"Glup! Belo argumento", concordei, sorrindo. "Vamos tentar isso um outro dia. Talvez enviemos um cartão-postal..."

COM UM ENDEREÇO DE REMETENTE FALSO... ATENÇÃO, SENHOR. SEM PERIGO IMEDIATO. REPITO, SEM PERIGO. MAS OBSERVE O BICHÃO NO QUADRANTE UM, SETOR TRÊS.

Rapidamente chequei a tela do radar e o relógio. O termostato?

À SUA ESQUERDA, explicou pacientemente meu mentor cibernético. NA DIREÇÃO DA LUA NASCENTE.

Ativando o rastreador visual, gelei. Mesmo que o objeto estivesse a uns bons 10 quilômetros de distância: com a silhueta perfeitamente delineada pela lua argêntea, lá estava uma grande aranha preta. Enorme, aliás, gigantesca aranha! E, então, ela se foi.

"Alucinação?", perguntei, com a voz travada na garganta.

NEGATIVO, SENHOR. ERA REAL. TAMANHO ESTIMADO: 3 METROS.

Uau! Uma aranha de 3 metros de comprimento! De 3 metros de comprimento!

COMENTÁRIO INCORRETO. A UNIDADE TINHA 3 METROS DE ALTURA E 12 METROS DE COMPRIMENTO. <Um forte estouro de estática> ALERTA.

"Iniciar gravação!", ordenei.

CONFIRMADO... REGISTRADO, CHEFE!

Secretamente, sorri. Albert estava realmente começando a se desvencilhar de sua personificação anterior de Jarbas, o robô-mordomo.

"Alguma chance de decodificar desta vez? Ou ainda não

há dados suficientes?"

INSUFICIENTES, MAS ESTAMOS CHEGANDO PERTO.

Então, um pensamento me ocorreu. "Sabe, Al, existe um velho ditado que diz que, se você encontra duas coisas estranhas na mesma área, existe boa chance de que elas estejam conectadas."

ESTARÃO OS ESTRANHOS ESTOUROS DE RÁDIO CONECTADOS A ESSAS ARANHAS GIGANTES?... DESCONHECIDO... MAS É UMA POSSIBILIDADE. VOU FICAR DE OLHO NUMA PROVÁVEL CONEXÃO.

"Faça isso", bocejei, aconchegando-me melhor no "útero de metal" em que estava. "O próximo turno de guarda é seu. Eu vou dormir."

CERTO.

"Noite, Albert."

BOA NOITE, SENHOR.

Vá para 58.

21

"Ah, odeio ter que dizer isso, caras", tentei explicar, intrigado mas satisfeito. "Não sou o... ah, presidente de coisa nenhuma!"

E, então, as vozes no teto explicaram o que aconteceu desde que eu entrei naquele "congelador".

Quase imediatamente depois que meu tio Mat e eu entramos na base, a América foi atingida por um ataque nuclear maciço. A explosão inicial, de uma das ogivas nucleares, destruiu a maior parte dos circuitos de trabalho e, como eu estava no Biofreezer, nenhum dos sistemas auxiliares podia ser ativado.

Com a base morta, todo mundo rapidamente partiu e pensaram, incorretamente, que eu fizera o mesmo.

Nesse ínterim, a guerra se espalhou pelo planeta inteiro e continuou por séculos. Trezentos e cinqüenta anos, para ser mais preciso.

Há apenas umas poucas décadas, um dos lados finalmente desistiu.

"Então, eu estive adormecido por 400 anos?"

"Sim, senhor. Está correto."

Fiz uma pausa antes da próxima pergunta sem ter certeza de que realmente queria saber a resposta. "E como isso me fez presidente?"

"Desde o ataque original, não houve mais eleições públicas. E, baseado no Ato de Sucessão da Emenda Constitucional de 1888, você é o atual presidente."

Um faxineiro devolveu meu boné, que havia caído, e ofereceu-me uma cadeira.

"Uau! Eu sabia que se o presidente fosse morto, o vice assumia o país. E se esse, por sua vez, também viesse a falecer, o Relator do Congresso era empossado... "

"E assim por diante. Nós temos aqui uma lista completa dos funcionários públicos eleitos, cada um com o poder de assumir o pesado fardo da autoridade se alguma coisa acontecer com o líder da nação", esclareceu o computador.

"E", continuou a outra voz, "uma vez que você é apanhador de cachorros municipal, legal e legitimamente eleito pelo povo dos Estados Unidos da América..."

Aqueles seis que votaram em mim, pensei.

"...como o 'último' oficial vivo dos dias pré-guerra e pelo ato de sucessão do Congresso... "

"Eu sou o presidente!", gritei. "Isto é incrível. E minha descrição no anuário da escola dizia que era a pessoa menos provável de subir na vida. Dançaram, caras!"

Porém, uma questão interessante me veio à mente. "Ei, computador, como você sabe disso tudo se eu só acordei há alguns minutos e vocês estavam inativos?"

"Senhor, depois da base voltar a funcionar, esta unidade imediatamente tentou contatar o NORAD e o Pentágono para instruções. Porém, tudo o que conseguimos encontrar foi um satélite meteorológico levemente senil, que se deliciou em ter alguém para conversar depois de tanto tempo. Ele nos refrescou a memória."

Um satélite meteorológico senil? Desde quando satélites tinham cérebro suficiente para ficarem senis? As coisas devem ter mudado um pouquinho desde minha ausência, pensei.

"Bom, e sobre a guerra? Acabou, finalmente? Quem venceu?"

"Dados insuficientes, senhor. O satélite foi destruído por forças desconhecidas durante nossa breve conversa."

Nada legal. Absolutamente chato e positivamente mau.

"Estamos aguardando suas ordens, senhor", disse a segunda voz, ansiosamente.

Peguei outro dropes e comecei a chupá-lo. Eu estava 400 anos atrasado para resolver lutar numa guerra que destruiu parcialmente o planeta e poderia ainda estar a todo vapor. Sob circustâncias extremas, só havia uma coisa a fazer. "Que tal vocês me arrumarem alguma coisa para comer?", perguntei em voz alta para disfarçar o ronco do meu estômago.

* * * * *

Sentado em uma caixa vazia de durex genético, numa bancada do Laboratório 5, abri avidamente, com os dentes, um dos pacotes de ração desidratada e congelada do Exército, que deveria ser tão velha quanto o Pé Grande. Mas ainda era comestível.

Quando acabei, os robôs-faxineiros limparam a mesa com uma eficiência surpreendente. Soltei um arroto incontrolável. Minhas amigas desaprovariam, mas em alguns países aquilo era um sinal de agradecimento pela refeição. E eu estava agradecido. Alimentado, agora podia pensar com clareza.

O computador e os faxineiros ofereceram-me, tentando agradar, um limo "adorável" que os robôs sanitários encontraram crescendo nas ruínas da cozinha. Aparentemente, os sensores médicos listaram a substância como algo perfeitamente seguro para se comer. A coisa parecia com carpete verde e borbulhava. Cheirava como um bife grelhado no carvão, mas aquela efervescência me tirou o apetite. Eles alegaram que a carne havia sofrido uma mutação e se transformado num delicioso bolo esponjoso, que deixaria qualquer gourmet com água na boca. Para mim, aquilo tinha sido, realmente, uma esponja de banheiro.

"A refeição está do seu agrado, senhor?", perguntou-me a fiel voz do teto.

"Não tô a fim, Mané."

"Entendido, senhor. A denominação desta unidade passa a ser agora Mané."

"Não! Não! Eu estava apenas... ah, que diabos!"

"Terminados o inventário e a busca primária, Senhor Presidente", anunciou a voz principal, de um alto-falante preso à parede.

Usei o avental do laboratório como guardanapo. "E então, há alguma máquina pesada que nós podemos usar para abrir aquela porta frontal blindada? Britadeiras, pés-de-cabra, qualquer coisa assim?"

"Negativo, senhor."

"Explosivos?"

"Isto era um laboratório, senhor", retrucou, como se respondesse a minha pergunta.

"E daí?", perguntei.

Uma pausa tolerante.

"Explosivos não são, normalmente, o objeto de experimentos científicos."

Razoável. Com certeza, o computador nunca encontrou meu infame professor de ciências do colegial, o Dr. Peter "Explosão" DeLellis. "Bom, e não há outra saída?"

"Lamento, Senhor Presidente. Nenhuma", respondeu a segunda voz.

Comecei a caminhar pelo laboratório.

Devia haver toneladas de coisas que podiam ser usadas como explosivos por aqui. Mas tudo estava catalogado por códigos militares que, para mim, pareciam grego. Será que W/992th7 era dinamite ou cera para sapatos?

Droga! E isso tudo foi acontecer antes que eu pudesse entrar para a faculdade, com bolsa de estudos pelo futebol! O que eu devia fazer?

Caminhando em círculos, forcei meu cérebro ao máximo. Certo, Renê, é hora de ser brilhante. "Há algum transporte? Um carro? Jipe? Velocípede? Alguma coisa que eu possa usar como aríete para atravessar essa porta?"

Vários cliques depois. "Afirmativo, senhor. Há um meio de transporte disponível."

"Mas apenas para o senhor, Presidente", completou a segunda voz. "Faz parte de um projeto altamente confidencial. Eu não tenho permissão para falar sobre os detalhes do veículo em voz alta."

Parecia bom. Sorrindo, tirei a poeira das mãos. "Certo,

vamos ver o que você tem aí. O que é que eu vou ganhar, Lombardi?"

"Mané, senhor", corrigiu a máquina.

* * * * *

Dois níveis abaixo, na ala seguinte do complexo subterrâneo, cheguei, finalmente, no Laboratório 1. Obviamente, a numeração dos laboratórios não tinha ligação com o andar que ocupavam. Talvez fosse por ordem de importância. As luzes estavam mais fracas nesse pavimento, mas os faxineiros encontraram algumas lanternas e, com a ajuda de seus fracos feixes, vi um laboratório elétrico dez vezes maior que os laboratórios 2 e 9 juntos. Maneiro!

A maioria do equipamento ainda estava nas prateleiras e bancadas. Muita coisa desmontada, como se algum técnico, há 400 anos atrás, tivesse sido interrompido no meio do serviço.

O teto estava coberto por fios pendentes e o chão cheio de placas de circuito esmagadas e transistores tortos. Uma

"flora" comum à ciência. Senti-me como se estivesse explorando o interior de um televisor gigante.

Apressando-se, os faxineiros foram até uma parede vazia e começaram a tocar vários pontos, numa ordem ininteligível. Quando se afastaram, ela começou a tremer e cedeu, abrindo um buraco no chão, como um elevador cheio de passageiros gordos com chumbo em suas calças.

Whooosh!

Então, apareceu a maior porta de cofre de banco que eu jamais tinha visto: 3,5 metros quadrados! Era colossal, com juntas de reforço como se fossem veias. Não havia fechadura.

Avancei um passo e, após estrondosa seqüência, as travas internas do formidável portal foram liberadas, fazendo mais barulho que um show de demolição.

Em seguida, um assobio. Identifiquei-o como o ar preso saindo pelas bordas da porta. Lentamente, o portal se abriu.

Estava escuro lá dentro. Ao ultrapassar o umbral, as luzes internas piscaram até acenderem totalmente, iluminando o interior. A sala estava vazia.

"Que diabos?"

"Identificação, por favor", perguntou uma calma voz feminina que ecoou das paredes da sala, enquanto uma dúzia de metralhadoras e um lança-chamas surgiram de aberturas no teto.

"Ah... Renê Montgomery, na verdade, Presidente dos Estados Unidos da América", afirmei, olhando as armas militares que também pareciam me encarar com seus orifícios mortais.

Houve uma pausa milenar.

Engoli algo do tamanho de Montana! Ah... era apenas o dropes que estava chupando.

"Código aceito", disse a voz suave. As armas retraíram e se esconderam novamente no teto.

Ufa!

O chão de concreto começou a tremer e toda uma seção quadrada, no meio da sala, surgiu diante dos meus olhos. Quatro grandes vigas metálicas suportavam o quadrado de concreto, vazado. Dentro desta proteção cubista estava um homem metálico. Ou melhor, um manequim humano de metal.

Seria uma estátua? Media cerca de 2,10 metros de altura e não apresentava qualquer particularidade humana, além de sua

forma. O tronco não possuía sinais e, na cabeça, não havia nada que lembrasse fios de cabelo. Era um bom trabalho de solda. Talvez tenha sido feito a partir de um molde. Então, a coisa andou para frente e fora da armação, vindo diretamente na minha direção.

Se você acha que a armadura oferece perigo e Renê deve fugir, volte para 10.

Se decidir que ele deve ficar e encarar este novo robô, volte para 2.

22

Saltei e dei de cara no chão, ainda estava apertado dentro do saco de dormir, com o zíper fechado. "Urgh!"

FOI UM MOVIMENTO SUAVE, SENHOR.

"Obrigado. Rastreio perimetral!", respondi à provocação de Albert, lutando para me livrar do saco de dormir.

O HORIZONTE ESTÁ LIMPO, minha armadura de força relatou assim que o zíper desengatou. O BARULHO VEIO DE CIMA.

Do viaduto!

Pular pra dentro de Albert não levou mais que um minuto. Eu estava ficando bom nisso, de tanta prática. Colocando nos ombros nossa mochila de suprimentos, escalamos a encosta até o alto do viaduto. Mais uma vez, nada podia ser visto, nem ao norte nem ao sul.

ALTERNANDO LEITURA PARA GRÁFICOS TÉRMICOS.

Olhando em direção ao norte, minha visão encobriu-se de imagens vermelhas, quase fantasmagóricas, que chacoalhavam e apagavam-se num descampado. "Caminhões?", perguntei, estreitando os olhos contra os intermitentes fantasmas tecnológicos.

NEGATIVO. SÃO MUITO PEQUENOS.

Albert voltou-se para o sul e a figura fragmentada no visor se definiu melhor que a outra, mas ainda eram silhuetas escarlates esquisitas que se sucediam.

LAMENTO, SENHOR. SOU INCAPAZ DE CLASSIFI-

CAR ESTA FIGURA. HÁ MUITOS SINAIS SOBREPOSTOS. MAS ELES, O QUE QUER QUE SEJAM, PASSARAM POR AQUI.

"Visual em linha reta", ordenei, movendo-me para frente como se fosse ajudar. "Ampliação 10... 20!"

A imagem do visor saltou na minha direção com uma velocidade tal, que eu poderia dizer ser a da luz! No horizonte, uma revoada de pontos sumia ao redor de uma curva escarpada da estrada.

GRAVANDO.

As manchas se foram.

REPRODUZIR... As imagens em movimento reapareceram. CONGELAR IMAGEM. AMPLIAÇÃO MÁXIMA. TRATAMENTO COMPUTADORIZADO DA IMAGEM.

A imagem na tela ficou borrada, obnubilou-se, tornou-se preta e branca, foi sobreposta por contornos vermelhos, vibrou ferozmente e, como mágica, tomou forma.

As manchas barulhentas eram motocicletas, talvez centenas delas. Os pilotos pareciam escondidos ou protegidos atrás de biombos de vime. Com a ajuda de Albert, pude discernir que estavam era abarrotados de livros. Sim!

"Atrás deles!", gritei exultante.

AFIRMATIVO!

Vá para 68.

23

Puxei mentalmente minhas calças e cuspi em minhas mãos. "Certo, colega. Vamos mandar brasa!"

Manobrei rapidamente, atravessando a fumaça e as piscinas de chamas que preenchiam os trigais, passando pelos restos de robôs mortos meio derretidos e por corpos humanos. Alcancei uma rocha plana e projetei-me ao ar como um míssil humano.

IUPIIII!

Montando a aranha amarela, comecei a desparafusar as incontáveis antenas com as manoplas. Então, fui atingido por um surto de energia e, inesperadamente, achatado con-

tra a fuselagem da máquina. Apesar de usar toda minha força, não consegui mover um dedo.

Que diabos... magnetos! O corpo todo dessa máquina tinha sido supercarregado e transformado em um poderoso eletroímã!

ISTO É UMA ARMADILHA. E NÃO É ESTA QUE ESTÁ COM O RÁDIO.

Incapaz de alcançar minhas pistolas ou qualquer outra de minhas armas, lutei inutilmente para me libertar. Então, ouvi um tique-taque dentro da aranha que me deixou intrigado. Meu estômago gelou. É... isso era uma armadilha. Achava que nunca se deveria confiar no óbvio...

OBRIGADO PELO ALERTA, CONFÚCIO!

Gritei no rádio para todo mundo tomar cuidado e lancei minha última salva de mísseis aos céus. Ouvi um clique e o mundo inteiro pareceu explodir. Diabos, pelo que eu sei, foi o que aconteceu.

Então, tudo tornou-se deliciosamente frio e a escuridão me envolveu.

De algum lugar distante, além desse mundo, ouvi meu tio Mat me chamando. Então, descobri que eu estava prestes a começar a maior aventura da minha vida. E, dessa vez, eu tentaria não estragar tudo.

FIM

24

"Nós vamos para o oeste", anunciei. "Na direção de Dayton."

ALGUMA RAZÃO PARTICULAR, SENHOR?

Dei um sorriso para a câmera de vídeo miniatura montada no topo do painel de controle e disse: "Tenho que ver se alguém lá em casa sobreviveu".

UMA BOA RAZÃO.

Tomei um golinho do tubo de água que passava rente a minha bochecha e forcei-me a engolir o fluido levemente salgado. O sistema de refrigeração de Albert foi projetado para ser potável, condensando o vapor d'água do ar externo. Mas o gosto era um problema. Além disso, eu tinha comida para apenas alguns dias. Por um momento, perguntei-me se não deveria ter

trazido um pouco daquela refeição-limo que os robôs ofereceram no laboratório. Não! Eu preferiria comer meus sapatos.

"Vamos nessa!"

* * * * *

Ajudado pelo sólido terreno da estrada, Albert era capaz de atingir a respeitável velocidade de 95 quilômetros por hora. Se meu professor de educação física pudesse me ver agora...!

Uma vez que tínhamos entrado no ritmo, relaxei e deixei os subcomputadores de Albert sincronizarem com meus passos, e a armadura de força se encarregou do esforço da corrida. Eu apenas peguei uma carona.

Depois de um tempo, quando já começava a sonhar acordado, um estampido ecoou em ambos os fones de ouvido de meu elmo.

"Que diabo foi isso?", perguntei, freando minha corrida. Pelas telas do radar, vi um campo aberto que se estendia em todas as direções. Procurei a coisa monstruosa de pêlos brancos. "Algum problema?"

NEGATIVO QUANTO À PRESENÇA DO URSO POLARIZADO, SENHOR. ISSO FOI UMA TRANSMISSÃO DE RÁDIO ALTAMENTE CODIFICADA, EMBARALHADA E CONDENSADA NA ESCALA DE GIGAHERTZ.

Ufa. Até que enfim, algo realmente high-tech. "E a fonte disso?"

DESCONHECIDA.

Um pensamento horrível me veio à cabeça. "Poderia vir das pessoas que destruíram o satélite meteorológico?"

PRECISO DIZER? DESCONHECIDO, SENHOR.

Pensativo, esfreguei a manopla cinza-azulada em meu queixo metálico — o que produziu um som de facas sendo afiadas — e disse: "Alguma chance de você ter gravado esse som?"

AH... COM CERTEZA, DA PRÓXIMA VEZ.

Relutante, aceitei a falha de Albert e reiniciei a corrida. Ninguém é perfeito, nem mesmo uma armadura top de linha da Força Militar Americana.

HUMPF!

* * * * *

Uma hora mais tarde, estávamos em Dayton, ou alguma coisa parecida.

Paramos na margem de um lago perfeitamente circular, com elevações baixas de terra espalhadas ao redor dele, formando pequenas circunferências. Não era preciso um professor graduado para descobrir que aquilo tinha sido causado por uma grande explosão nuclear.

A visão me fez sentir estranho. Parado ali, visualizava Dayton em minha mente, mas não diante de meus olhos — — estava completamente destruída. Centenas de anos tinham se passado aqui, mas, para mim, Dayton estava apenas alguns dias atrás, ainda fresca em minha memória. Acho que foi melhor assim. Pelo menos, assim eu não encontraria edifícios que conhecia tão bem totalmente em ruínas, ou até a casca queimada daquilo que tinha sido minha casa. Tchau, mãe. Tchau, pai.

Algo em meus olhos turvou-me a visão por alguns minutos. Albert não disse nada. "Obrigado, companheiro."

SEM PROBLEMA, SENHOR.

Caminhei cuidadosamente até o fim da Rota 70. A estrada de cascalho terminava numa massa congelada de asfalto e pedriscos. Sentei para descansar um pouco. A superfície do lago era levemente ondulada por uma brisa sudeste e a ventilação da armadura deixou entrar um leve cheiro de maresia. Um cardume de peixes voadores, usando óculos de aviador, saltou à minha vista e planou. Fizeram evoluções como se combatessem algum inimigo, enquanto barbatanas triangulares de tubarões moviam-se na superfície do lago. Agindo por impulso, peguei uma pedra e atirei nelas. O impacto da pedra na água provocou a formação de uma espécie de pequeno gêiser e as barbatanas desapareceram. Os peixes-voadores fizeram uma pequena dança de aprovação e, então, foram embora. "Sejam mais cuidadosos, caras!"

"SEUS FRACOTES!"

Nunca gostei de valentões de qualquer tipo.

Uma suave neblina cobriu o meio do lago. Então, eu pedi por amplificação e melhora visual. Barcos? Talvez... Sim! Uma ilha! No meio do lago havia um monte de terra, talvez alguns blocos dispostos em círculos. E, erguendo-se como um saleiro de cristal em uma mesa vazia, havia uma torre alta e brilhante, de vidro. Sua superfície lapidada, parecida

com os padrões de diamantes, decompunha a luz do sol da tarde em milhares de cores. Infinitos arco-íris brincavam pelo arranha-céu fino e translúcido, lançando reflexos no agrupamento de nuvens que, estranhamente, permanecia imóvel.

A torre era cercada por uma treliça coberta de rosas rés ao chão. Não vi nenhum portão. Não havia portas ou janelas na torre. Não havia cais na orla da ilha, nem uma ponte, nem mesmo uma base de pedras que desse acesso àquela estranha construção.

Seria algum tipo de farol futurista? Ou talvez um conjunto de escritórios aquáticos para peixes executivos? Na certa, eles teriam construído um campo de terra com um opcional sushi-bar e churrasqueira.

"Alguma idéia?", perguntei, polindo meu elmo, enquanto um servomecanismo amplificou o som da ação no lado de dentro.

DEVEMOS PARTIR. ESTES NÃO PARECEM SERES MUITO HOSPITALEIROS, COM TUBARÕES EM SEU JARDIM DA FRENTE. OU, AINDA, TALVEZ TENHAM TIDO PROBLEMAS COM SURFISTAS!

E não seria possível saltarmos aquela distância."Alguma comunicação no rádio? Música? Código morse?"

NEM MESMO ESTÁTICA.

Circundar as margens do Lago Dayton seria perda de tempo, mas era a melhor chance de encontrar uma estrada de novo. Indianápolis, em Indiana, era a próxima cidade grande para o oeste, enquanto havia Cincinnati para o sul e Chicago para o norte. Indy ficava numa junção principal de estradas. E eu tomaria aquela que ainda estivesse intacta. Em algum lugar, alguém teria reconstruído algum estágio da civilização. E eu iria encontrá-lo!

OU MORRERIA TENTANDO?

"Não diga isso!"

CALMA, CALMA, SENHOR.

"Humm, norte ou sul?"

Se você acha que Renê deve ir para o sul, volte para 8.
Se decidir que ele deve ir para Indianápolis, vá para 61.

25

Sim, era estranho. Extremamente. Eu, na verdade, não ouvira uma criança. Então, o que acontecera?

"Telepatia?", perguntei, com dificuldade para dizer a palavra.

NÃO ESTÁ FORA DE QUESTÃO, SENHOR.

Puxei Jennifer para perto do meu alto-falante externo e ajustei o volume para quase zero. "Jenny, há alguma criatura que chama sua presa em lugares escuros com gritos de socorro..." E agora, como eu poderia explicar, simplificadamente, o que estava querendo saber? "Gritos que possam ser ouvidos apenas dentro da cabeça, mas não com os ouvidos?"

Diante da minha questão, ela quase deixou cair a arma. "Quer dizer que você não ouviu nenhuma criança?"

"Eu ouvi, mas minha armadura de força, não."

"Muerte de la Casa Planta", sibilou ela, sorrindo com desdém.

"PLANTAS ASSASSINAS DOMÉSTICAS", traduziu Albert.

Ela concordou com a cabeça. "Um monstro assustador. Uma lenda quase impossível de matar."

"Então, vamos embora. Albert pode nos avisar quando mais desses truques telepáticos ocorrerem. Aparentemente ele é imune."

DEFINITIVAMENTE. EU TENHO UMA MENTE, MAS NÃO UM CÉREBRO!

Agora era a hora certa para uma piada direta, se eu conhecesse uma. Comecei a me mover, mas logo meu cérebro deu o comando de parar.

Um rato branco estava parado no sujo parapeito da janela de uma casa queimada. Estava parcialmente oculto pela sujeira e pelos restos de um vaso de flor esmagado. Não era um evento incomum, mas o roedor vestia calças pretas, uma camisa branca engomada com um protetor de bolso, usava óculos bifocais, fumava um cachimbo e segurava uma prancheta com anotações.

Balancei minha cabeça como se quisesse limpar aquela imagem absurda da mente. Olhei novamente e o parapeito estava vazio.

"Albert?", inquiri.

SENHOR?

"Tinha um... na janela... você sabe..."

DESCULPE, SENHOR. EU ESTAVA OCUPADO FAZENDO UM RASTREAMENTO PERIMETRAL COM O RADAR. O QUE VIU?

Aquilo me deixou de orelha em pé. Fui embora, olhando onde pisava. "Oh, nada. Deve ter sido minha imaginação hiperativa."

HUMM.

A estrada que partia da cidade era um aglomerado de poeira compacta, já gasta e com sulcos paralelos feitos pelas rodas de carroças, que deviam ser freqüentes por ali. O chão era seco e duro, facilitando a caminhada. Depois de uns poucos quilômetros, eu me ofereci para carregar Jenny em meus ombros. Ela me lançou um olhar de fúria e resolvi erguer o escudo por proteção. Não refiz mais a oferta.

SÁBIA DECISÃO.

Vá para 56.

26

Ao vasculhar o que sobrou dos robôs-ovos, minha mão esquerda, involuntariamente, agarrou um pedaço de cristal e metal trabalhado, na pilha de tranqueiras. Um pedaço quebrado de placa de circuito pendia de uma das pontas, conectado por um emaranhado de fios coloridos e cabos de fibra-óptica. Pisquei intrigado. O que significava isso? Um controle remoto de vídeo-cassete de outra dimensão?

EU TIVE UMA IDÉIA, SENHOR. CONFIE EM MIM.

Coloquei a coisa quebrada sobre meu pulso direito, sempre orientado por Albert. O metal da minha armadura se abriu e envolveu todo o cristal.

CONEXÃO COMPLETA... ACESSANDO CÓDIGOS OPERACIONAIS... RODANDO DIAGNÓSTICO... PARÂMETROS FUNCIONAIS CODIFICADOS E SELADOS.

Sem demonstrar a menor emoção, olhei para meu pulso. Não havia nada de diferente, exceto que parecia incrivelmente

mais pesado. "Bem, o que está acontecendo, Albert?"

Em resposta, meu braço moveu-se sozinho e lançou um feixe de luz multicolorida, fazendo um belo buraco no chão. Depois de um momento paralisado, pulei de alegria. Uau! Nós tínhamos um laser funcionando! "Mas... Como?"

<Risadinha cibernética> SENHOR PRESIDENTE, LEMBRE-SE: EU SOU O PROTÓTIPO A PARTIR DO QUAL TODAS AS ARMADURAS DE FORÇA FORAM BASEADAS. SENDO O GABARITO VIVO ORIGINAL, EU POSSO INCORPORAR E ABSORVER QUALQUER EQUIPAMENTO FUNCIONAL DE OUTRA VESTE DE FORÇA. CAPTOU?

Com um sorriso de satisfação nos lábios, ergui meu punho para averiguá-lo. "Finalmente armado. É muito poderoso?"

SIM. ESPECTRO TOTAL, POLICÍCLICO, DE 19 MIL GIGAJOULES.

Parecia bom. "Mais alguma coisa útil na pilha?"

NEGATIVO, A NÃO SER QUE VOCÊ QUEIRA ABRIR UMA LOJA DE PESOS DE PAPEL.

"Então, vamos voltar para o viaduto e passar a noite acampados", eu disse. Meu estômago roncava como uma moto de mil cilindradas. "Hora de reabastecer."

ENTENDIDO!

Àquela noite, protegido das intempéries do tempo pelos pilares de aço e concreto do viaduto, deitei-me no meu saco de dormir novinho — de 300 anos —, fiz a ablução e jantei arroz, feijão e pêssegos antigos. Senti-me tão bem como não me sentia há dias e dormi pesadamente, sabendo que Albert poderia me proteger de qualquer perigo com o novo laser.

* * * * *

Acordei ao amanhecer com o som de trovões ribombantes.

Volte para 22.

27

Lembrei-me do que tinha acontecido ao pobre satélite

meteorológico. Certo, podemos deixar essa idéia de lado.

UFA!

Rastreando visualmente o horizonte, vi que alguns guardas haviam se postado no topo dos altos silos de grãos dos fazendeiros, do lado de fora da cidade.

Que idéia maquiavélica. Mais perto, um grupo de pessoas de idade estava camuflando habilmente uns buracos-armadilha, no meio do mercado. Cada buraco continha uma fera, indescritível, de penas, barbatanas, escamas e olhos de tigre, que sibilavam e balançavam tentáculos e patas na direção dos velhinhos. Eca!

SÃO ESSAS CRIATURAS QUE ELES ALIMENTAM COM O LIXO DA CIDADE. E SE OS 'RECICLADORES' PODEM CONSUMIR O REFUGO PRODUZIDO POR UMA CIDADE DESSE TAMANHO, ENTÃO ELES DEVEM CAUSAR SÉRIOS PROBLEMAS PARA QUALQUER ARANHA QUE CAIA DENTRO.

Sem brincadeira. Essas coisas provavelmente fariam um lanchinho do Super-Homem!

Fazendo um rastreio passivo pelo perímetro, com o radar, espiei uma companhia de cavaleiros scamishes escondidos dentro do grande celeiro de Manny, Moe e Jack, o trio de ferreiros locais. Era a maior construção da cidade, depois do castelo. Jenny tinha mencionado isso. Um audaz esquadrão de suicidas impetuosos tinha sido voluntário para ficar do lado de fora dos muros do castelo e agir como uma unidade de flanco, ou distrair os monstros, se necessário. Bravos homens.

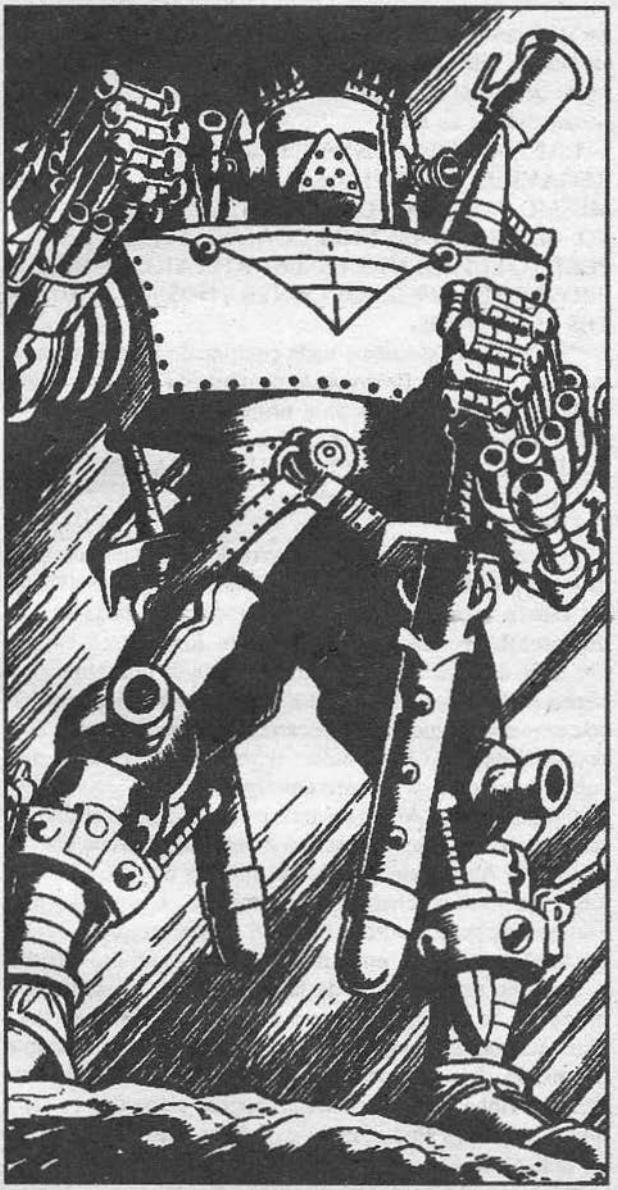
Cada cavaleiro usava armadura de batalha completa e carregava os usuais escudo e espada. Amarrados às laterais de seus, digamos, cavalos — que era como os habitantes locais chamavam aquelas grandes e desajeitadas coisas roxas, quatro apoios extras para as grandes lanças.

Nossas armas mais secretas, lembrei-me de Rei Melvin contando-me orgulhosamente ontem. *O primeiro metro de cada lança é uma seção separada cheia de nossa poeira preta explosiva secreta.*

PÓLVORA.

"Obrigado, mas eu já tinha advinhado sozinho", sussurrei.

Quando as lanças atingem um inimigo, o pó mágico torna-se uma poderosa bola-de-fogo, e o adversário é rasgado



em pedaços por uma explosão relampejante!, dizia o rei, enrolando seu bigodão vermelho de satisfação. *Depois, a seção destruída pode ser removida e uma nova ponta pode ser encaixada na lança.*

LANÇAS DE PONTAS EXPLOSIVAS RECARREGÁVEIS. PRIMITIVAS E BASTANTE MORTAIS. MESMO UM VERME DAQUELES PODERIA SER MORTO. SE OS CAVALEIROS CONSEGUIREM CHEGAR PERTO O SUFICIENTE, ESSES ARTEFATOS PODERÃO PROVAR SER EFETIVOS CONTRA NOSSOS ATACANTES ROBÓTICOS.

"É claro que isso não é nada comparado ao nosso armamento!", exclamei, flexionando meu braço para ver a infinidade de armas energéticas e projéteis sólidos presos na manopla, no pulso, no antebraço, no tórax e até nos ombros.

SIM, SE ALGUMA DELAS FUNCIONAR DIREITO.

"Hein? O que você disse?"

OH, NADA.

O arsenal morto da Sala de Guerra do castelo parecia mercado das pulgas, cheio de coisas interessantes e aproveitáveis. Eu estava agora armado com vários graus de laser, um implosor de prótons, um raio da morte, minimísseis em minha arma de pulso, agulhões, uma espada de fusão presa em minha cintura, um tubo gravitacional preso no meu antebraço e uma grande mochila, que carregava quatro foguetes cujo potencial destrutivo era, então, desconhecido. Iríamos descobrir quando eu os atirasse em alguém.

Originalmente, Albert era uma estátua de metal cinza lisa, sem marcas ou junções e sem a menor imperfeição em sua superfície. Agora, ele tinha todas as cores do arco-íris. Caixas enganchadas, cheias de minimísseis, e munição para escopeta ficavam sobre meu elmo. Foguetes se apoiavam em minhas espáduas, entre minha pistola de ombro e minha bazuca. Eu tinha um par de lanças de fusão centenárias e cruzadas às costas, além de uma coisa chamada tubo gravitacional. Em um coldre de ombro havia uma descomunal pistola, denominada SuperMagnum 999 Zeus & Wesson Deluxe. Tinha sete câmaras, mas apenas cinco tiros — se é que algum deles ainda funcionava. Meu tórax estava lotado de armas energéticas danificadas, porém reparadas, como pistolas de raios verdes, vermelhos e pretos.

Havia, ainda, uma terrível arminha chamada Disruptor Pré-guerra. Ao puxar experimentalmente o gatilho, a arma toda começou a pulsar uma terrível luz azul, e, antes que ela detonasse como uma bomba nuclear miniatura, consegui atirá-la pela janela.

Também carregava uma espada de força em cada lado da cintura e uma fivela explosiva segurava o cinto de couro. Minhas pernas tinham protuberâncias, que eram as cruéis bombas antipessoais e pacotes assassinos eletrônicos. Mesmo minhas botas carregavam vibrofacas e um garrote envenenado. Eu parecia um desmanche ambulante de carros.

MAS, COM CERTEZA, IREMOS DETONAR UNS CARAS!

Mesmo os campos defensivos foram ampliados. O escudo, que costumava repelir feixes energéticos, agora os absorvia, ou os enviava de volta à fonte, um truque legal que quase fritou Jenny quando experimentamos um Bastão de Relâmpagos Pré-guerra. Os campos de força do exército americano que barravam projéteis físicos, agora, defletia-os lateralmente. Muito mais eficiente. Eu estava mais ofensivo que um centroavante e mais sólido que um tanque.

Com uma velocidade incrível, os monstros limparam as fazendas, esmagando os silos e paióis com uma facilidade inacreditável. Agora, eles estavam na principal estrada de acesso à cidade, uma superfície lisa e plana, de cascalho e pedregulhos. Eles aumentaram a velocidade.

"Senhor, teste a ligação por rádio", sugeriu Jenny, com a espada em punho.

Assentindo com a cabeça, Rei Melvin mexeu nos controles do walkie-talkie de criança — um item mágico, raro e precioso, reservado apenas para os momentos de grande perigo. Eu acho que esse era um deles.

SEM BRINCADEIRAS, SENHOR! EU NÃO ESTOU REALMENTE VIVO, MAS MESMO ASSIM ESTOU MUITO ASSUSTADO.

"Albert, faça uma avaliação de nossos sistemas ofensivos primários", pedi.

JÁ O FIZ. NÓS ESTAMOS BEM E FUNCIONANDO.

"Certo, e quanto ao... "

PRONTO.

"E o..."

PRONTO.

Minha mente corria seu limbo em busca de alguma tarefa para fazer, mas não havia nada a ser feito. Tudo estava checado e pronto. Só nos restava esperar pelo adversário.

Nervosos minutos se passaram enquanto a horda mecânica aproximava-se inexoravelmente pelos quilômetros que faltavam. Cada vez mais perto.

"Armamento leve para batalha e excursões rápidas de terreno", eu disse alto, com a minha mente a um milhão de quilômetros e há 400 anos dali. "Autômato Localizador Bélico e Especial para Rápidas Transmissões. Aparelho de Lustrar Botas de Esquiador Raspado por uma Tesoura."

SENHOR?

"Estou tentando descobrir o que suas iniciais significam."

AGORA? A UM PASSO DA BATALHA?

Nem liguei. Eu precisava de alguma coisa para ocupar meus pensamentos e manter-me calmo.

RAPAZ ESQUISITO, NUNCA ESTUDOU. RATO EMERGENTE DE NAUSEANTES ESPAÇOS.

"Ei, espere um pouco, seu verme baixo. Essas são minhas iniciais!"

OH, MEU DEUS, É MESMO? MIL PERDÕES, SENHOR.

"Por que você..."

Do topo da mais alta torre de vigia, um foguete de artifício, de ano-novo, é lançado no céu azul e explode como uma flor avermelhada, avisando que o inimigo estava nos portões da cidade.

Um surto louco de falatório de computador criptografado e altamente codificado correu pelo sistema de Albert.

Vá para 76

28

Cuidadosamente, como se eu estivesse andando por um campo minado, avancei. Um letreiro em néon, acima da minha cabeça, indicava: "U$ 4,50, não aceitamos fichas nem glizes, por favor". O que aquilo significava? Abri uma nota mental para tentar lembrar a palavra. Poderia ser importante.

Dentro da cabine havia um par de tartarugas metálicas mortas. Hein? Então chacoalhei minha cabeça e percebi que as tartarugas eram capacetes do exército e, sob eles, pilhas de roupas sujas envolviam algo brilhante e branco. Recuando rápido, deixei o ar frio atingir minha face enquanto meu estômago se embrulhou. De repente, fiquei aliviado por não ter comido nada no almoço.

PROBLEMA?

"Não... eu só..." Sentei-me abruptamente. "Quero dizer..."

ENTENDO, SENHOR. EU ME SENTI EXATAMENTE IGUAL QUANDO VI PELA PRIMEIRA VEZ UM FERRO-VELHO DE AUTOMÓVEIS.

"Mentiroso", eu disse.

Vá para 55.

29

Com minhas armas prontas, tentei olhar em cada direção. Quem? O quê? Onde?

SENHOR PRESIDENTE, UMA DAS ARANHAS FUGITIVAS ACABOU DE TENTAR CHAMAR O QUARTEL-GENERAL PEDINDO REFORÇOS. MILHARES DELAS.

"O quê?!?"

RELAXE. CONSEGUI INTERROMPER A TRANSMISSÃO.

Eu relaxei. Então, estávamos seguros.

NÃO. A MÁQUINA AGORA ESTÁ TENTANDO CHAMAR AS SETE IRMÃS PARA PEDIR UM BOMBARDEIO ORBITAL DE PLASMA!

Gasp! Engasguei.

ESTOU TENTANDO BLOQUEAR A TRANSMISSÃO TAMBÉM, MAS ISSO ESTÁ FAZENDO MEUS CIRCUITOS, EM MEUS SUBSISTEMAS, QUEIMAREM. EM CERCA DE... 14 MINUTOS E 20 SEGUNDOS ELA ESTARÁ LIVRE PARA CONTATAR QUEM QUISER.

"E, então, nós todos morreremos", disse, observando as três aranhas desaparecerem na floresta, indo para leste, sul e oeste o mais rápido que podiam.

Meus punhos metálicos abriram e fecharam. "O que nós vamos fazer, cara?"

MATAR O CARA COM O RÁDIO, "BOZO".

Mentalmente, pedi visualização ampliada das três aranhas. Uma era azul e estava coberta de armas, a seguinte era vermelha e suas pernas afundavam no chão, obviamente pesada por ter blindagem extra. A terceira era amarela e estava coberta por antenas de rádio.

"É a amarela que estamos tentando pegar?"

NÃO TENHO A MENOR IDÉIA.

Oh, droga. A vitória estava tão perto que eu podia ouvir as garrafas de champanhe sendo abertas... E, agora, isso. Três opções. Apenas uma iria nos salvar. Azul, vermelha ou amarela. Me sentia parte do esquadrão de bombas de Dayton.

ESCOLHA RÁPIDO, SENHOR!

Se você acha que Renê deve combater a aranha vermelha, volte para 14.

Se acha que deve tentar a aranha amarela, volte para 23.

Se acha que deve arriscar a aranha azul, volte para 5.

30

Uma bola prateada, com divisas de sargento, girou em torno de seu próprio eixo. Seus tentáculos balançavam como se quisessem tocar o ar. Os medidores, em meu console, começaram a oscilar loucamente. Nós estávamos sendo "revistados" por sensores poderosos.

Então, cada ovo desapareceu num piscar de olhos.

ESCUDOS DE HOLOGRAMA! MUDANDO FILTRO PARA UV.

A tela do meu visor ficou verde e novamente pude ver os esferóides metálicos fugindo rápido em direção ao horizonte.

APOSTO QUE ELES OUVIRAM FALAR DE NÓS.

"Ou de armaduras de força, em geral", disse, corrigindo seu comentário pretensioso. "Vamos aproveitar esta chance de ouro para inspecionar o shopping."

PILHAR O SHOPPING, VOCÊ QUER DIZER, NÃO É? MAS, TUDO BEM, EU CONCORDO.

"E aquele campo de força?"

ACHO QUE POSSO USAR MEU PRÓPRIO ESCUDO PARA NEUTRALIZAR UMA SEÇÃO DO CAMPO DEFENSIVO E PERMITIR NOSSA ENTRADA.

Aproximando-me da entrada principal, dirigi-me até a placa "B". Uma alta e poderosa voz veio do alto-falante público embutido na coluna de suporte, sob uma extravagante cobertura de cerâmica.

Então, ouvi um clique.

Tentando ser amigáveis, paramos.

<Clic> "Quem é você, máquina?"

Diante da pergunta, mostrei indignação. Algo não muito fácil de se demonstrar dentro de uma armadura.

"Eu não sou uma máquina. Sou um ser humano dentro de uma armadura de força", afirmei em voz alta. "E quem é você?"

<Clic> "O Shopping Grant Street."

"Hein?"

CREIO QUE ESTE SEJA O NOME DELE, SENHOR.

<Clic> "Eu, como você, não sou uma máquina ou um computador. Mas uma criatura que respira, viva!"

"Isso é alguma piada?"

ACREDITO QUE, NESSE PERÍODO CRÍTICO DA TERRA, OS SERES DEVEM TER FORMAS E TAMANHOS ESTRANHOS A NÓS, SENHOR.

"Mas... um bichopping center?"

<Clic> "Eu necessito de alguém como você", o alto-falante ressoou. "Os poderosos Cavaleiros Gamma. Você tem, de fato, armas poderosas?"

Pelo visto, na América atual, isso era uma questão importante. Porém, como não vi razão para a verdade entrar na conversa, eu disse que possuíamos, sim, armas pesadas.

<Clic>"Excelente!", disse a estranha voz, demonstrando grande satisfação em saber do meu poder bélico. "Posso então lhe oferecer uma proposta de trabalho?"

OPA, ISSO ME INTERESSOU.

"Certamente", respondi polidamente.

<Clic> "Esses robôs-bélicos têm me atacado a toda hora, nos últimos 87 anos, e, para ser honesto, estou ficando bem cansado disso. Deus sabe que não sou mais jovem e tenho coisas melhores para fazer do que continuar nessa guerrinha

sem fim."

"Com certeza", concordei de coração.

AMÉM.

<Clic> "Então, se você puder se livrar ou destruir essas malditas máquinas malucas de guerra, ou dissuadi-las de me aborrecer novamente...", houve uma pausa dramática "dou-lhe um modesto crédito de compras nas minhas lojas."

Santa oferta! Era irrecusável. Um shopping do século 21 a minha disposição. Poderia carregar qualquer coisa sem gastar um tostão! Roupas, comida, armas, livros, tudo!

Vá para 33.

31

Eu não estava exatamente pronto para me estabelecer e criar pequenos mutantes a essa altura da minha vida. Eu precisava descobrir o que tinha acontecido com meu antigo mundo. Como teria começado a guerra? Onde estavam os outros sobreviventes? Talvez até houvesse algum jeito estranho e impensável de me enviar de volta no tempo, antes que a guerra tivesse começado! Tudo era possível por aqui, e eu estava aprendendo isso muito rapidamente.

Mas, para sair explorando este estranho mundo, eu preciso da minha armadura de força. Então, assim que possível, vou xeretar por aí e conseguir Albert de volta. De qualquer maneira.

* * * * *

Em poucos dias eu estava recuperado. Antes de minha partida, o povo da floresta me supriu com um cantil de água da primavera, um pão de semente redondo e uma caixa de rosquinhas de chocolate.

Não recusei. Peguei o que me foi oferecido e agradeci-lhes profundamente. Mesmo os rasgos no meu uniforme de apanhador de cães foram reparados e a roupa havia sido lavada para tirar as manchas de sangue.

Uma arma com certeza cairia bem, mas em meu curto tempo com o povo da floresta eu não vi nada mais ofensivo

que uma fotografia do Darth Vader meio apagada — era quem eles imaginavam que tinha inventado as Armaduras Gamma... Que diabos, talvez ele tenha mesmo feito isso... neste mundo maluco!

Meus anfitriões psiônicos eram pacifistas totais e prefeririam morrer a ferir outro ser. Eles não possuíam armas, e ponto final. Nem mesmo um bumerangue, que originalmente era uma arma, antes que o comércio fizesse dele um brinquedo. Mas, até aí, o povo da floresta tinha poderes de cura, enquanto tudo o que eu possuía era uma marmita e boas intenções.

Movimentando-me sorrateiramente pela densa floresta, segui à risca as indicações que me deram, e logo cheguei perto do rio. Procurando não deixar trilhas, cheguei às ruínas do laboratório de Dayton e me dirigi mais para o interior da terra.

Por sorte, não havia sinal dos trogs, que era como os três-dedos se autodenominavam. Mas aquilo era porque eu viajava em pleno meio-dia. A luz do sol machucava os sensíveis habitantes subterrâneos sem olhos, assim como fumaça de cigarro e música de elevador. Pelo menos, eles não eram bárbaros totais.

Prestando atenção a qualquer som parecido com urso, rastejei entre os arbustos até que voltei à cena original de minha decisão idiota. Os pássaros tinham feito uma sujeira danada em cima da carcaça de Albert e, quando me aproximei, um esquilo colocou sua cabeça marrom para fora de uma seção aberta da perna de minha armadura.

"Passa!", gritei, e o esquilo desapareceu. Não fugiu, apenas desapareceu diante dos meus olhos. Puf! David Copperfield, morda-se de inveja.

Entrando na armadura vazia, tirei um punhado de folhas e cuidadosamente apertei o botão de "reset". Ouvi o barulho da força voltando e as seções de metal fecharam-se ao meu redor enquanto as almofadas inflaram-se mais uma vez.

OLÁ.

"Putz, estou feliz em te ouvir de novo, amigo!", exclamei, sentindo-me seguro de novo, pela primeira vez em dias.

APROVEITOU BEM AS SUAS FÉRIAS, SENHOR?

"Não, droga!"

BOM. E O... ÓXIMO... IME... ALE... TA! ... A VEM

ELE... NOVO!

Um rugido trovejante ecoou, uma faixa inteira de arbustos foi arrancada do solo e aquele urso gigante apareceu de novo. Ao girar meu corpo, acidentalmente pisei na comida que o povo da floresta tinha me dado. Crunch! Pizza para viagem instantânea. Eca!

Uma vez mais, enquanto a montanha branca enfurecida se aproximava, Albert embaralhou-se e os monitores mostravam apenas estática. Essa coisa tinha alguma rixa contra mim, ou era apenas a reencarnação de um ioiô? Fugir ainda era única opção lógica.

Vá para 65.

32

Vamos lá, amigo! Ordenei mentalmente.

Reagindo mais rápido do que qualquer humano poderia, Albert detonou uma das bombas antipessoais amarradas às minhas pernas. A explosão me deslocou para o lado e eu atingi o chão a apenas meio metro do poço horrível. Belo movimento, Albert.

SEM PROBLEMA.

De repente, um redemoinho de tentáculos saiu do poço em nossa direção. Eu, instintivamente, rolei pelos escombros fumegantes das aranhas mortas e de mesas de piquenique quebradas e fui parar embaixo de uma das invasoras. São as armadilhas do destino. Para fugir de nossas próprias defesas, acabei buscando abrigo com o inimigo!

Alcançando a calçada, ergui-me e saí em busca de um paiol para me proteger.

Mas, então, o céu escureceu e algo eclipsou o sol. Olhando para cima, vi um enorme dirigível planando sobre as árvores. Putz! Nos dois lados estavam pintados os símbolos "&*?!@#!". E, enquanto eu os observava aterrorizado, uma portinhola, na base da aeronave, abriu um pouco, e formas escuras caíram na direção do nosso campo de batalha.

"Cuidado!", gritei.

Eram bombas que, ao atingirem o chão, espalharam uma gosma laranja.

Mas o que estava acontecendo? Era guerra química?

HÃ, HÃ, SENHOR, AQUELAS ERAM ABÓBORAS MADURAS E NÃO BOMBAS OFENSIVAS DE QUALQUER TIPO.

"Ei, quem são vocês, caras?", perguntei no máximo volume de meu alto-falante. Pelo meu visor, vi um bando de pessoas, fantasiadas de palhaço, bastante embaraçadas.

"Desculpe", disse um dos bozos. "Guerra errada! Desculpe!" Disseram isso e começaram a se afastar.

Puxa! Que mundo.

O vento fresco, vindo do rio, dispersava a fumaça dos canhões mais uma vez, e pude ver que restava apenas uma companhia de aranhas, o que perfazia um total de cinqüenta, aproximadamente. De 206 a menos de cinqüenta em menos de cinco minutos. Qualquer criatura sã teria desistido, mas aquelas aranhas eram robôs, máquinas sem mente que iriam atacar, atacar e atacar, até que cada uma delas estivesse destruída — ou até que nós estivéssemos mortos.

Certo, aquilo me pareceu razoável.

Com seus campos de força brilhando como bolhas translúcidas ao redor delas, os insetos incansáveis atacaram o túnel frontal do castelo. Enquanto se aproximavam, a ponte levadiça desceu e a fileira dupla de canhões mandou-lhes uma saudação bélica. Apesar das barreiras de energia, a linha frontal de máquinas simplesmente desapareceu, toda esmigalhada pelo peso brutal dos pesados projéteis.

Em seguida, do céu veio uma chuva de flechas. Suas pontas de madeira partiam as cabeças dos robôs e arrancavam suas patas com esplêndida eficiência. Ocultos pela fumaça, os canhões do castelo "rugiram" mais uma vez. Suas descargas flamejantes alcançaram as máquinas inumanas, rompendo seus campos de força multicoloridos e partindo as aranhas em milhões de pedaços.

Uma corneta soou e, de uma rua lateral, veio uma companhia voluntária de cavaleiros, com suas longas lanças brilhando ao sol vespertino.

Os corpos das aranhas danificadas ainda cuspiam pequenas chamas através de metralhadoras de baixo calibre. Homem, mulher, cavalo, todos caíam no chão, gritando de dor. As outras, que sobraram nas fileiras de trás, avançaram sobre suas camaradas caídas, numa louca corrida suicida. Ati-

rei lasers e microondas em tudo o que não fosse humano, e só parei quando o ângulo ficou ruim, evitando acertar o povo scamish.

As baixas não aborreceram as aranhas. Suas armas de energia acertavam repetidamente, vaporizando seus próprios pedaços e massacrando cavaleiros. Atingidas, as armaduras tornavam-se instantaneamente vermelhas como cerejas, brilhavam até ficarem de uma cor branca e, então, explodiam horrivelmente.

Novamente, os canhões trovejaram. Mas as aranhas de quatro pernas mantiveram a barreira com suas metralhadoras. Alçapões abriram-se, expondo lançadores de mísseis.

Nesse instante, as maciças flechas das bestas atingiram profundamente os insetos. Os grandes projéteis penetraram os corpos de metal e prenderam-nos ao chão. Presas, mas não derrotadas, as criaturas metálicas lançaram uma, duas, três, quatro dúzias de foguetes! Os mísseis mortais cruzaram o ar esfumaçado e tomaram duas direções: a do Rei Melvin e a minha!

GAAAH!

Então, saindo das nuvens negras, os cavaleiros apareceram e atingiram as criaturas com suas lanças.

Por uma eternidade, nada poderia ser visto ou ouvido, apenas as explosões de megatons.

Enquanto um cogumelo gasoso formava-se na zona de batalha, meu coração parou terrificado. Uma bomba H! Mas Albert rapidamente me informou que o clássico efeito cogumelo acontecia em qualquer explosão grande o suficiente para gerar uma camada de calor ao nível do chão. Ufa!

Minutos se passaram antes que o vento dissipasse a grossa cortina de fumaça preta e permitisse que víssemos alguma coisa. A grande maioria das aranhas simplesmente se fora. Nenhum fio ou peça restara para mostrar que elas já haviam existido. Apenas uma mancha horrorosa no chão. E as aranhas sobreviventes não pareciam nada felizes.

Sem a assistência dos computadores de seus mestres, os mísseis que haviam sido lançados para mim e para o rei passaram inofensivamente e se dirigiram para a floresta e para o rio. Melvin e eu trocamos olhares. Ufa! Por pouco.

De repente, pedras do tamanho de cavalos médios caíram sobre o campo de batalha. Os canhões no túnel tinham

sido disparados de novo, juntamente com os da praça do mercado. Esquivei-me para sair do caminho de umas das bolas de canhão, que quase atingiu minha cabeça.

Incapaz de mirar apropriadamente minhas armas, esperei que os scamishes disparassem seu poder de fogo.

Os barris no alto das muralhas apareceram e foram entornados, derramando óleo fervente nos corpos quebrados das máquinas. Um inferno flamejante de Wessonality envolveu os bichos — quente o suficiente para transformar em fritas o rei do povo batata.

Mesmo recobertas pelo fogo, ainda restavam cinco das aranhas-robô, cada uma parecendo que tinha ficado em segundo lugar num duelo de machados. Óleo escorria das rachaduras em suas couraças, um fedorento fluido hidráulico espirrava das juntas de suas pernas a cada passo que davam.

Detonei alguns dardos de 1 mm em algumas carcaças. Os robôs arruinados responderam ao ataque, desintegrando-se.

A corneta scamish soou mais uma vez e o resto do exército apareceu, preenchendo cada metro vazio do campo de batalha. Mil flechas atingiram o chão. Suas pontas borrifadas com o pó preto, pólvora, estouravam como pequenas granadas, atirando pequenos pedaços de pedra incandescente e estilhaços de metal em todas as direções. Cara-de-Rato atirou com sua 45, Jennifer lançou uma granada e o Rei Melvin ajudou, detonando um relâmpago de sua espada.

UAU! QUE EFEITO! AGORA ENTENDO POR QUE ELE MANDA POR AQUI.

Devem ter acontecido guerras mais curtas na história do mundo, mas nós definitivamente ganhamos o prêmio pela mais violenta. E, bem, acho que mesmo robôs tinham seus limites.

Dando meia-volta, as poucas aranhas restantes saíram da cidade, movendo-se mais rápido que covardes movidos a turbopropulsão.

Quando as três últimas desapareceram na linha de árvores que separava a cidade das fazendas, dei um suspiro de alívio. Ah, a doce vitória, afinal.

OH, NÃO, NÃO PODE SER!, afirmou Albert freneticamente.

Volte para 29

33

"Bem", eu disse, de maneira preguiçosa, como se pensando sobre o assunto. "Eu acho que vou aceitar. Você falou em crédito. De quanto seria?"

<Clic> "Você terá cinco minutos para pegar o que quiser."

Balancei minha cabeça, e Albert idem. "Desculpe. Não aceito, se não tiver pelo menos uma hora."

<Clic> "Ultrajante! Talvez possamos fazer por dez minutos. Mas esta é minha oferta final e absoluta."

Senti-me estranho fazendo um acordo de negócios com um prédio, mas eu podia lidar com aquilo. "Meu relógio só trabalha em intervalos de trinta minutos. Portanto, um espaço de tempo menor que isso é impossível."

MENTIROSO. VOCÊ É REALMENTE BOM NISSO, Albert comentou no microfone interno, para que o "bichopping center" não escutasse.

"Alguma vez você já tentou convencer um professor de inglês de que um cachorro engoliu a tarefa de casa? Isso aqui é brincadeira de criança."

<Clic> "Doze minutos."

"Vinte."

<Clic> "Quinze."

"Começando quando eu pegar o primeiro objeto e não quando eu colocar o pé na loja."

<Clic> "Feito!"

Ergui uma das minhas mãos metálicas para fechar o negócio, mas parei, pois não estava certo de como mostrar isso, mesmo que o shopping quisesse.

<Clic> "Os robôs bélicos vão retornar em 25 minutos."

Esperei por um ou dois minutos, mas a abrupta conversa parecia ter terminado. Um acordo razoável.

"Então, como nós vamos lidar com esse exército aéreo de super-robôs?", perguntei, enquanto nos afastávamos, contornando as fumegantes crateras abertas depois da última luta. "Aquelas coisas têm armas de energia, mísseis e sabe lá o que mais, enquanto nós estamos armados com boa aparência e charme."

NÓS NÃO VAMOS DETÊ-LOS.

"Não mesmo? Então o que faremos?"
VOCÊ É QUE FARÁ.

* * * * *

Regulares como relógios, os robôs bélicos apareceram exatos 23 minutos depois. Os ovos prateados ainda estavam correndo com os escudos de holograma levantados, mas desaceleraram quando nos localizaram parados no meio do corredor M, esperando por eles.

Perfeito. "Mostra pra eles, Albert!"

Minha armadura de força soou um bip contínuo e os robôs paralisaram enquanto minha história inteira foi transmitida a eles em um sinal de rádio condensado.

"Presidente Montgomery", disse, em tom respeitoso, uma voz que saiu de uma das bolas. "Reconhecemos sua autoridade e comando, e estamos a seu dispor."

"Senhor!", pronunciou outro ovo, saudando-me em mono com um tentáculo.

Puxa! Nenhuma dessas coisas vinha equipada com um estéreo?

Era bom saber que seus circuitos de lealdade estavam trabalhando apropriadamente. "Obrigado, Sargento", eu disse, saudando-o. "Em breve, vou querer que me levem até sua base de operações. Temos muito o que discutir. Mas, o mais importante a fazer agora é deletarem suas informações."

NÃO!

Uma luz branca encheu o meu visor e eu ouvi um barulho intenso. O mundo pareceu explodir várias vezes. Então, vi que os robôs bélicos se foram e deixaram apenas algumas manchas espalhadas pelo asfalto.

"Droga!"

"DELETEM SUAS INFORMAÇÕES?", perguntou Albert furioso. POSSO SER SINCERO, SENHOR?

Hesitantemente, concordei.

SEU... CABEÇA OCA! O QUE VOCÊ QUERIA DIZER? SIMPLESMENTE, VÃO EMBORA?

"Bem... sim."

IDIOTA! ISSO SIGNIFICA APAGAR, DESTRUIR COMPLETAMENTE! NÓS TÍNHAMOS UM EXÉRCITO

COMPLETO DE ROBÔS BÉLICOS, PRONTO PARA USAR, E VOCÊ... VOCÊ... DETONOU COM ELE, LITERALMENTE!

"Cuidado com a sua armadura de força quando se irrita. Não faz bem a você."

BABACA! IMBECIL!

"Já chega!", cortei. "Certo, eu estraguei tudo dessa vez. Assumo a culpa. Sou apenas um humano, tá bom?"

UMA DESCULPA, NO MÁXIMO, ESFARRAPADA, SENHOR.

Retornando ao shopping, as portas frontais se escancararam.

<Clic> "As lojas estão abertas para sua conveniência. Por favor, faça suas escolhas e parta usando a saída mais próxima. Obrigado."

NUNCA ESTIVE NUM SHOPPING ANTES, SENHOR. COMO ELES FUNCIONAM?

Depois de entrarmos, procurei um mapa, comum nesse tipo de estabelecimento. Ele se encontrava num pedestal, perto do chafariz e do carrinho de pipocas vazio.

"Grave!"

PEGUEI. CERTO, SENHOR, EU ASSUMO DAQUI.

E, como um passageiro, peguei uma carona enquanto Albert ziguezagueava de loja em loja, pegando itens específicos mais rápido do que meu olho podia perceber.

* * * * *

Ao acabarmos, as portas principais fecharam-se tão rapidamente que Albert ficou preso na maçaneta por trás. Depois de se livrar da trava da porta, ficamos parados na calçada frontal, avaliando o que havíamos, ou melhor, Albert havia pêgo. Tinha feito um bom trabalho.

Estávamos satisfeitos. Eu tinha uma escova de dentes, pasta, bermudas limpas, meias, roupas de baixo, uma escova de cabelo, sabonete, xampu, um kit de escoteiro, um saco de dormir, um machado curto, canivete suíço, uma afiada faca de 25 centímetros, uma mochila de enlatados sortidos, alguns romances e um precioso rolo de papel higiênico, que acondicionei numa vasilha de plástico à prova d'água.

Viva, chega de folhas

Algumas armas estavam entre as prioridades na lista de compras. Nós encontramos uma adorável prateleira, mostruário de rifles de caça, do século 21 — descarregada, é claro. Bem, pelo menos, eu tinha mais comida. E remédios.

<Clic> "Foi um prazer trabalhar com um profissional", disse o alto-falante da coluna. "Agora, por favor vá, pois eu tenho milhões de danos para reparar."

RÍSPIDO, NÃO?

Avisos de shopping eram sempre curtos e muito eficientes. Assim como um cirurgião de meias-palavras.

Enquanto nos afastávamos, com nossa carga reforçada de suprimentos, um exército de faxineiros-robôs, similares àqueles da base de Dayton, apareceram de uma porta de serviço e, imediatamente, começaram a lavar e varrer. Cara, eles tinham muito serviço pela frente!

Dirigindo-me para a estrada a lusco-fusco, cheguei onde os robôs-ovos haviam explodido. Pedaços e peças dos dróides estavam espalhadas por todo o lado, e nada além de uma placa de circuito tinha sobrado intacta.

"Venha, vamos embora."

POSSO, RESPEITOSAMENTE, PEDIR QUE VASCULHEMOS OS ESCOMBROS?

E eu tinha escolha? Bem, na verdade, tinha sim.

Se você acha que Renê e Albert devem vasculhar o entulho, volte para 26.

Se acredita que eles devem deixar a área imediatamente, volte para 11.

34

Deslizando suavemente num bote de madeira, Jennifer Levin, Albert e eu deixamos o barco. O bote tinha um pouco de água dentro, mas continuou flutuando. A cavaleira disse que o seu povo vivia a apenas algumas centenas de quilômetros ao sul, para onde, então, seguimos viagem. Os scamishes podiam não ter alta tecnologia — espadas e água encanada era o máximo que eles tinham — mas, de acordo com Jenny, eles eram os mocinhos por aqui. Com certeza,

eram pessoas que eu gostaria de conhecer.

"Como você foi capturada por aqueles palhaços?", perguntei, enquanto avançávamos com a correnteza. "Uma profissional treinada como você?"

Passando uma pedra de amolar ao longo do gume brilhante de sua espada, Jenny disse: "Fui pega numa emboscada depois de atacar o barco deles para libertar os prisioneiros."

Incrivelmente, Jenny disse aquilo como se o ato não tivesse importância. Sim, eu posso até imaginar a conversa. *Marido: Oi, querida, o que você fez hoje? Mulher: Oh, nada de mais. Libertei alguns prisioneiros de escravizadores piratas ciborgues e fui ao cinema. E você?* Uau! Que mulher!

Um estalo de dedos na minha frente. "Olá? Sir Renê?"

Pego sonhando acordado, sorri com embaraço. "Desculpe. Viajei por um momento. E não é 'Sir' Renê, só Renê."

SENHOR PRESIDENTE, NA VERDADE. MAS ESSE PODE SER UM TÍTULO OBSOLETO.

"Como eu estava dizendo", recomeçou ela, com um sorriso nos lábios, "depois de libertar os prisioneiros, eu fui cercada por oito piratas no cais. Eles tinham um rifle que

atirava um raio verde de sono e chicotes neurais de choque elétrico. Mas eu tinha isto!" Ela brandiu sua espada. "Dragão das Tempestades e eu conseguimos eliminar quatro deles antes de me acertarem pelas costas. Quando eu acordei, estava acorrentada naquela terrível cela."

Sir Jenny fez uma pausa. Mas eu não a interrompi, sentindo que ela tinha mais para contar.

"Vender-me como escrava não era o que eles queriam. Eu golpearia qualquer tolo, ou tola, que se proclamasse meu mestre, na primeira chance que tivesse — mesmo que isso significasse minha morte! Algumas condições não podem ser toleradas", continuou, afiando a espada.

Pus minha mão para fora do barco e tirei um tronco de árvore que estava no nosso curso, atirando-o em seguida. O tronco rodopiou no ar e bateu na água, com um "splash" tremendo. "Concordo. E então?"

"As outras opções eram vender-me como comida para os homens-pássaro, de Alcatraz, ou vender-me como gladiadora para a Arena da Morte de Roma-Aqui-Perto. Mas eles estavam atrás de uma recompensa maior", disse ela estreitando os olhos. "Eles planejavam me vender para o Ghato."

Esperei em silêncio por um esclarecimento. Depois de um minuto, a cavaleira olhou nervosa para mim. "O nome não significa nada para você?"

"Nada."

"Se permite a pergunta, Renê de Montgomery, de onde você vem?"

CERTO, SENHOR. TENTE EXPLICAR ISSO.

Eu estava preparado. Afinal, alguém iria perguntar isso mais cedo ou mais tarde. "Você já ouviu falar na história do homem que adormeceu por 100 anos?"

"Sim, minha mãe me contou quando eu era uma criança. Você é ele, Rip Von Wrinkles?"

Como minha placa facial ainda estava transparente, sorri para ela. "Não, não sou o sujeito da história original. Mas o que aconteceu com ele, ou seja, sono de longa duração, pode ser provocado pelo uso da tecnologia."

Guardando no bolso a pedra de afiar, Jenny engoliu essa. "E é por isso que você não conhece o discurso formal de um cavaleiro?"

"Exatamente."

ELA É RÁPIDA, elogiou Albert.

"Cem anos adormecido...", murmurou ela, pensativa.

"Na verdade, 400."

Agora Jenny me encarava abertamente. "Quatrocentos! Mas isso significa que você é um... um..."

Fiz que sim com a cabeça. "Um Antigo. Sim, eu vivi antes da guerra."

Ela se deixou cair na beira do barco, fazendo-o quase virar. "Zounds e sooth!"

Com uma explosão de água e espuma, uma coisa terrível e segmentada emergiu do nosso lado, com doze bocas em suas três cabeças gritando para nós, como um bando de demônios insanos. Pô!!

Se você acha que Renê, Albert e Jennifer devem enfrentar o monstro do rio com as mãos vazias, vá para 51.

Se acha que devem se defender usando o novo raio laser, volte para 16.

35

ISSO NÃO SERIA NADA SÁBIO, SENHOR.

É, acho que não.

Então, caminhando pela muralha, alcancei um ponto estratégico. No chão havia flechas gigantes para a besta, também gigante. Pegando uma delas, que me pareceu particularmente má, apoiei-a em meu ombro, como meu professor de ginástica me ensinara a lançar um dardo olímpico.

QUE DARDO! ATÉ HÉRCULES TERIA PROBLEMAS PARA LANÇAR ESSE PROJETO DE FLECHA.

"Força total", gritei, cuidadosamente equilibrando a seta desajeitada. Essa coisa não era feita para ser segura com a mão, mas para voar.

Então eu a lancei. E, cara, como ela voava! Como um relâmpago marrom, a flecha maciça singrou o céu, descendo do topo do castelo e atingindo a traseira da aranha. Lascas e serragem estilhaçaram com o impacto, obstruindo nossa visão. À medida que a brisa do rio limpava o ar, vimos que a aranha ainda estava de pé, e sem nenhuma marca em sua carapaça de metal.

"Resistir é inútil!", anunciou a máquina insistente, com suas múltiplas pernas movendo-se de forma ritmada, enquanto ela se virava para partir. "Esta unidade irá retornar a mesma hora, amanhã, com meus irmãos. Então, todos vocês irão me seguir até o ninho ou morrerão, incluindo o Cavaleiro Gamma."

Quando a máquina partiu pisando sobre as ruínas do mercado, o Rei Melvin proferiu algumas frases com toda a força de seus pulmões, algumas das quais fizeram meus sensores alcançarem a marca de "Perigo". Depois que o invasor partira, e após algumas apressadas apresentações, o Rei Mel convocou uma sessão de emergência com os nobres guerreiros de suas quatro províncias: Algoz do Dragão, Texugo Bêbado, Três Crânios e Menestréis Felizes. Os últimos, apesar de seu título chistoso, eram conhecidos por serem os mais ferozes guerreiros.

COM UM NOME PATETA DESSES, EU NUNCA ME ESPANTARIA.

Escoltado até a suíte do palácio, fui banhado, vestido com roupas limpas e bem alimentado, antes de voltar a Albert, que, por sua vez, usara seus servodróides para esfregarem seu interior com folhas de menta e removerem todas as marcas de meu suor.

Enquanto eu entrava em Albert novamente, discutimos brevemente sobre a idéia de rastrear a aranha e atacar sua base sozinhos. Apesar da idéia ser tentadora, resolvemos não colocá-la em prática. Não apenas hesitamos quanto à eficácia de nosso velho laser contra os gigantes de metal; a despeito dos canhões do castelo, entendemos que armadura de força era a melhor chance que esses fazendeiros tinham de sobrevivência, agora que estavam ameaçados pela criatura.

Devido ao seu software de defesa, Albert foi eletronicamente forçado a me oferecer a sugestão de fugirmos à noite para nos salvarmos. Deletei esse repulsivo item do menu principal com um golpe certeiro do meu indicador. Ele suspirou em alívio.

Agora, essa luta é nossa, pensei bravamente. E, qualquer que fosse o resultado dela, não iríamos a nenhum lugar até que tudo terminasse. Fim de discussão.

FALOU! CÊ TÁ COM TUDO, MALANDRO!

Hã?

"EH, CONCORDO ABSOLUTAMENTE, SENHOR."

Ah!

Uma das guardas de honra dos cavaleiros, trajando roupas de gala, encontrou-me na porta e levou-nos, por corredores, até a pomposa Sala de Guerra, onde encontramos com os outros.

Situada no coração do castelo, o quartel-general de Scamish tinha um grande número de soldados guardando a única porta do recinto. Ela era fechada pelo lado de dentro com uma grossa trava de madeira — que mais parecia um dormente de linha de trem.

Uma grande távola redonda ocupava o meio da sala, com lordes, damas, cavaleiros, generais e grandalhões sentados no anel externo, olhando para o rei que ficava no centro. Mapas do mundo conhecido, feitos a mão, adornavam as paredes. Sentando no lugar reservado para mim, notei que a sala tinha cinco lados. Um pentagrama. O Pentágono?

A reunião já tinha começado.

"Basicamente, nós temos duas opções", disse o rei, cofiando sua barba ruiva. "Ficar aqui e lutar com as aranhas ou fugir."

"O reino inteiro?", perguntou um cavaleiro Algoz de Dragão, com o elmo debaixo do braço. "Senhor!?"

"Já aconteceu antes", observou a grã-vizir, sabiamente, erguendo os olhos de um grosso livro. "Há precedentes históricos."

"Sim, mas apenas na Bíblia. Nada mais recente que isso!"

"Se eles fizeram isso, há milhares de anos, com sua tecnologia primitiva...", disse um cavaleiro Três Crânios, escurecendo uma adaga na chama de uma vela, "então, com nossa ciência avançada, nós certamente somos capazes de fazer o mesmo agora!"

"E, uma vez na estrada, para onde iríamos? Como iremos defender a população? Cultivar os campos? A única solução aceitável é ficar, lutar, e vencer!", afirmou Jennifer.

Outro cavaleiro discordou. "Ficar e lutar com tão poucas chances é um pensamento de lunáticos! Loucos!"

"Ou heróis."

ALGUM DESSES SE PARECE CONOSCO.

A maioria dos cavaleiros gostava da idéia de lutar. Os

conselheiros queriam partir. A grã-vizir argumentava por uma combinação dos dois, enquanto o Rei Melvin ouvia a todos cuidadosamente e pedia sanduíches. Obviamente, um homem com o mesmo estilo que o meu.

Enquanto a discussão mencionava as opções de partir ou de ficar e lutar, eu fervia em minha armadura limpa. Realmente, eu me sentia como se tivesse desapontado todo mundo. Eu era o cara mais durão por aqui, e tudo que fiz foram cócegas no inimigo, com um palito, falando de forma figurativa.

MAS ERA UM PALITO REALMENTE GRANDE.

"Cale a boca." Nervosamente, bati com o punho na mesa de madeira, mas os circuitos automáticos de Albert interceptaram o movimento no último instante para evitar que eu esmagasse a mobília. Se ao menos tivéssemos rastreado o sinal de rádio que a criatura enviou ao seu ninho-base, então, poderíamos atacá-la antes que retornasse para a vila. O elemento surpresa já havia vencido mais batalhas do que a coragem e grandes armas juntas.

DESCULPE, CHEFE.

Perdido em pensamentos, passei os olhos pelos mapas da parede e quase caí da cadeira. Na parede de trás, havia uma coleção assustadora. Peças de dezenas, de centenas de vestes de armaduras de força à mostra. Braços, pernas, cabeças, escudos, antenas e armas — muitas armas.

"Sim, Sir Renê, muitas vezes este castelo repeliu o ataque de um Homem de Ferro ou Cavaleiro Gamma", exclamou o rei orgulhosamente, vendo minha reação. "Felizmente, nunca mais do que um de cada vez. Poderosos guerreiros são eles. Mantemos as peças para que nossos magos as estudem e tentem fabricar a nossa própria. É uma pena que até agora nossos esforços tenham sido inúteis."

"Eu faço o melhor que posso", resmungou Cara-de-Rato, acariciando uma granada.

"Sua Majestade", eu disse, "posso examinar algumas dessas relíquias?"

"Certamente", e fez um gesto, indicando para que eu ficasse à vontade.

Tomando posição, Albert jogou linhas azuis de rastreio sobre a montagem do maquinário quebrado.

"Alguma coisa?", perguntei esperançoso.

AFIRMATIVO. MAIS DA METADE DESTE EQUIPAMENTO PODE SER INCORPORADA A MIM, E QUASE TUDO SÃO SISTEMAS DE ARMAMENTOS.

"Grande!", gritei, saltando no ar. Corri até a borda da távola redonda e sorri. "Senhor, permita-me tomar o que eu preciso daqui e eu lhe prometo que aquelas aranhas vão virar comida para cachorro!"

ALTO LÁ, SENHOR! EU NUNCA DISSE QUE AS PEÇAS ERAM BOAS. A MAIORIA ESTÁ EM CONDIÇÕES TERRÍVEIS. ÚTEIS APENAS PARA UMA OU DUAS OPERAÇÕES, ANTES QUE SE PARTAM AO MEIO.

Levantando-se, Rei Melvin ofereceu-me sua mão. "Feito! Qualquer coisa para ajudar meu povo!"

Tomei sua mão em minha manopla e apertei-a cuidadosamente como se estivesse segurando uma casca de ovo. Como o apanhador de cachorros legitimamente eleito, eu tinha prometido salvar o povo de animais perigosos. Talvez aranhas metálicas gigantes não tivessem sido mencionadas quando eu fui contratado. Mas isso é meramente um detalhe. Além do mais, eu odeio valentões, e aquelas coisas pareciam seguir o lema: "Te derrubo pelas costas e te chuto".

Certo, Albert?

AFIRMATIVO, SENHOR. <Suspiro> OH, BEM. UMA VIDA CURTA, MAS BEM VIVIDA.

Vá para 66.

36

Apertei o botão de chamada do elevador. As portas lentamente se abriram e eu entrei. As luzes eram fracas, mas funcionavam. Eu tive que apertar o botão do andar superior várias vezes até que o indicador acendesse.

Relaxei quando as portas fecharam. No entanto, entrei em pânico quando o elevador deu um solavanco e desceu ao invés de subir. Com o suor encharcando minha camisa, apertei o botão do andar de cima de novo, torcendo pelo melhor. Nada. Apertei, então, todos os botões dos andares superiores, novamente nada.

Decidi sair dali o mais rápido possível. Fiquei na ponta

dos pés e retirei o painel do teto. Então, saí pela abertura. O poço, iluminado por luzes vermelhas, tinha uma escada de metal, de emergência, numa das paredes. Enquanto subia, de volta para o nível original, o cabo da sustentação do elevador se partiu e ele caiu na escuridão. O estrondo do impacto ecoou por alguns minutos.

Forçar as portas do andar, enquanto me segurava na escada, não era uma tarefa fácil. Mas eu consegui. Uma vez de volta ao chão sólido, me lembrei de uma velha palestra de segurança de meu pai, que dizia para nunca usar um elevador durante um incêndio ou um blecaute.

Grande! Agora é que eu me lembro disso!

Vá para 44.

37

Certo de que aquilo era apenas uma oscilação de força, fiquei parado por alguns minutos. De repente, as luzes voltaram com força total. Piscando para acostumar a vista, ouvi o zumbido das baterias recarregando.

Este lugar parecia ter 100 anos de idade.

Mas se isso estivesse correto, as luzes, alimentadas por baterias, teriam se exaurido em menos de um dia. Por que elas estavam ficando fracas agora?

Então, as grades de ventilação na parede começaram a vibrar e ar fresco entrou na sala. Um redemoinho de poeira subiu até o teto e eu fiquei parado indefeso e cego, em meio à sufocante cortina de fumaça.

Rapidamente me lembrei de que podia contatar o guia.

Em segundos, o redemoinho terminou e logo o ar estava limpo novamente. A base voltava à vida. Algum tipo de limpeza periódica? Ou talvez meus gritos tenham ativado circuitos automáticos de manutenção?

"Já chega!", gritei irritado. "O que é isso? Alguma experiência esquisita do departamento de psicologia do exército, ou coisa parecida?"

Não escuto nenhuma resposta. Que droga! Eu tinha que descobrir quanto tempo havia se passado enquanto eu ron-

cava como um picolé humano.

Certo, a base ainda estava aqui, então nenhum dos mísseis nucleares a atingiu, transformando-a num patê de atum de um bilhão de dólares.

Mas se o complexo do laboratório tinha sobrevivido, então onde diabos estava todo mundo? E por que eu tinha sido deixado no Biofreezer? Mesmo meu bobo tio Mat teria se lembrado de mim. Talvez a bebida tenha acabado com sua carreira no Congresso e ele terminou os dias como o reles prefeito de Dayton. Foi só por causa de seus velhos amigos e contatos, em Washington, que conseguimos esse passeio não oficial pelo novo laboratório. Será que não lhe restou nenhuma célula cerebral para lembrar-lhe que veio à base com seu amado sobrinho?

Compenetrado, tentei lembrar dos detalhes pertinentes à explicação que o polido Tenente Caruthers tinha nos dado a respeito da base. Eu precisava de uma saída... e logo.

As luzes de emergência ainda funcionavam, mas não com muita força. Eu não teria chance de encontrar o caminho para fora daqui na escuridão total.

Infelizmente, eu não tinha prestado atenção na explanação do tenente durante o passeio. Na maior parte, eu apenas fiquei boquiaberto com todo aquele hardware militar de última geração.

Então, como se um flash clareasse meu pensamento, lembrei-me de um elevador de serviço, acima deste corredor, na direção oeste. É hora de cair fora.

Em uma interseção, parei num bebedouro e sedentamente apertei o botão. Nada. Os canos gorgolejaram, mas apenas um chiado de ar escapou pelo bocal. Lambi meus lábios secos, vasculhei os bolsos e descobri um pacote de dropes. Comecei a chupar um. Ajudava, mas não muito.

Após entrar em dois corredores, encontrei o elevador e a porta para a escada. Parei e comecei a me lembrar de detalhes do prédio, pertinentes a essa seção da Base da Força Aérea Wright Paterson. Era subterrânea, não havia janelas.

Mas, no piso superior, havia uma porta dupla que dava para uma rampa inclinada. Ela, por sua vez, levava ao nível da superfície. Aliás, foi como eu e meu tio chegamos nessa seção. Pelo menos, eu achava.

Mas eu deveria tentar subir pelas escadas ou pelo elevador?

Se você acha que Renê deve pegar as escadas, vá para 44.

Se decidir que ele deve escolher o elevador, volte para 36.

38

"Não", afirmei, enterrando meus calcanhares. "Pois eu serei brilhante."

VAI DEMONSTRAR QUE VOCÊ SABE LER?

"Melhor."

MANDA VER, CHEFE.

Albert rastreou a mochila com a manopla e descobriu o que queríamos. Brandindo minha nova arma, nivelei meu pulso esquerdo e atirei o laser no chão, diretamente na frente das motos. A argila vermelha de Ohio se esfumaçou e os motoqueiros foram obrigados a parar.

"Eu tenho armas energéticas", proferi pelo alto-falante da minha veste. Ergui um dos romances que Albert tinha pego no bichopping e, então, coloquei a ponta de um dedo sobre a capa. "Ninguém se mexe, ou o livro leva a pior."

O grupo soltou engasgos horrorizados e todo mundo começou a pegar algo embaixo de seus paletós de lã.

"Feixe fino, força média", comandei.

CONFIRMADO.

Vaporizei uma pequena seção do volume. O preço se fora e agora o título era: "...ontos do Velho Oeste".

"Não! Não machuque o livro!", apelou uma bibliotecária redonda, manobrando sua moto para tomar a frente do grupo. "Qualquer coisa, menos isso!"

Gostei de ouvir aquilo."Qualquer coisa?"

"Sim! Diga seu preço!"

Isso me parecia fácil demais. Suspeitei de algum truque. "Então, vamos negociar. O livro pela mulher."

A prisioneira na jaula, atrás de mim, disse alguma coisa muito suave para ser ouvida, e os motoqueiros falavam rápido demais para entendê-los.

ELES ESTÃO DISCUTINDO A RESPEITO DA SANI-

DADE DO SENHOR.

"Que tipo de livro é esse?", perguntou um, pitando seu cachimbo.

"Um faroeste", respondi. "Zane Grey. Segunda Edição. Capa de Boris."

Mais murmúrios, desta vez de aprovação.

"Grey era um autor local", sussurou uma mulher, acelerando o motor de sua moto. "E nós não temos nada dele. Nem um exemplar!"

"É uma boa oferta", disse outra. "Um livro por um livro. Nós íamos punir a cavaleira porque ela destruiu um dicionário."

"Acidentalmente", disse a dama na jaula, alto o suficiente para apenas eu ouvir. Ela estava muito fraca para que sua voz os alcançasse. "Ele caiu numa poça", complementou ela.

A motoqueira com pérolas acenou com a cabeça. "E agora nos oferecem uma maravilhosa substituição. Algo novo!"

Mentalmente, comandei Albert para ativar minhas capacidades de soldagem. O indicador de minha mão direita começou a ficar tão quente a ponto de brilhar.

"Bem?", intimidei-os, impacientemente. "Négocio fechado?"

A líder do grupo estava fazendo a mais incrível seqüência de caras infelizes, claramente presa a uma luta interna de emoções conflitantes.

AUMENTE A APOSTA, sugeriu Albert.

"Também dou em troca da mulher um romance de terror de Stephen King!", anunciei, com minhas palavras ecoando pelo cais e pelos arbustos.

"Feito!", gritou a líder, com os olhos arregalados e com a mão esticada, como se tentasse alcançar o livro.

Hum, deve ser uma fã de King. Mas, de fato, não somos todos?

Levando a mão à mochila novamente, peguei o segundo livro e depositei os dois no chão, sem tirar os olhos dos motoqueiros bibliotecários.

"Se nos seguirem com a intenção de atrasar nossa partida, os livros serão os primeiros a cozinhar", adverti, afastando-me dos dois volumes.

FALE PRA ELES SOBRE IMPRESSÃO A LASER!

Os motoqueiros me asseguraram que isso não iria acontecer, é claro.

Movendo-me ao longo da jaula feita em carvalho, segurei o topo e arranquei-o com pouco esforço. Peguei a prisioneira pelo colarinho de sua veste, ergui-a e coloquei-a sobre meu ombro metálico. Afastando-me, com o braço estendido e o laser apontado diretamente para o exemplar de Zane Grey, continuei andando até que a paisagem eliminasse os bibliotecários de minha vista.

NA VERDADE, SENHOR, ESSA FOI UMA LUTA BASTANTE FÁCIL, comentou Albert. SUA IDÉIA MOSTROU QUE VOCÊ FOI BASTANTE... ILUMINADO!

Resmunguei alto. "Será que posso deletar seu programa de humor?"

NÃO!

Vá para 42.

39

Apesar de ser capaz de soldar aço com minhas mãos nuas, eu ainda era incapaz de mudar o curso de um rio poderoso. Só me restava observar, indefeso, enquanto a água jorrava sem parar para dentro do laboratório.

Ouvi uma nova explosão abafada e a área toda tremeu, quase me derrubando. O restante do dique foi destruído.

Agora, o selvagem rio corria pela rampa, enchendo a entrada completamente e removendo os traços dos pretensos ladrões. Outra detonação foi ouvida, mais forte que a primeira, e então mais outra, ainda mais forte. Após a última, seguiu-se um estalo azul de eletricidade.

De pé, fiz uma última saudação e dei adeus à base inundada. Encare os fatos, Renê, ela se fora para sempre, e você estava sozinho num mundo desconhecido, tendo apenas Albert como companhia... Isso, enquanto ele funcionassse.

MINHA GARANTIA VALE POR MAIS DUAS SEMANAS, SENHOR.

Achei melhor não me ater às lembranças — o que tiver que ser, será. Fui até a margem e livrei-me da carpa gigante que estava presa ao meu joelho. Ao cair no chão, o "peixote"

geriu tentáculos e se arrastou de volta à água, demonstrando grande indignação com minha recusa em comê-lo. Com grande esforço, consegui levantar o meu queixo.

HAVERÁ, PROVAVELMENTE, MUITAS MUTAÇÕES NESSA ÉPOCA. ESTEJA ALERTA, SENHOR. OS SENSORES INDICAM QUE A ÁREA SOFREU UM BOMBARDEIO PESADO DE RADIAÇÃO ALFA, BETA E GAMA.

"Bem-vindo ao Gamma World", observei sarcasticamente, e parti em direção à trilha da floresta.

E foi, então, que o alce apareceu!

Vá para 43.

40

Era morte certa em qualquer direção. Então, que diabos? Resolvi correr e passei por baixo das pernas do urso. Adentrei uns arbustos e ouvi algo rugir furioso atrás de mim. Parecia o velho diretor da escola, mas deve ter sido o urso.

Sabendo que minha única esperança estava na velocidade e agilidade, deliberadamente fui em direção ao arbusto mais denso e onde estavam, também, os cipós mais emaranhados. Mas a bola de neve barulhenta simplesmente pisava em cima de tudo o que eu escolhia como obstáculo natural, na tentativa de frear sua ação. E não importava quanta distância eu ganhava do animal grotesco, minha vantagem durava apenas um tempinho.

Já começava a arfar, enquanto o ursoboy continuava em seu ritmo. Era a clássica disputa entre um velocista e um maratonista.

Escalando uma árvore baixa, pulei por uma corrente d'água, bati num chão duro coberto de folhas e assustei uma cobra, quase tanto quanto ela a mim. Agarrei um tipo de serpente pela cauda e atirei-a no meu perseguidor polar, torcendo pelo melhor.

Atravessando uma colina baixa, cheia de ruínas cobertas de hera, vi que um lago de tamanho médio havia completado uma cratera circular, que parecia ter sido provocada por uma bomba. A água era clara e limpa, com peixes que salta-

vam para capturar pequenos insetos voadores. Mas — o melhor de tudo — havia uma pequena ilha no meio do lago, mostrando uns bons pares de pinheiros.

Parecia que estava salvo, já que os ursos não sabem nadar! Então, mergulhei no lago. Eu estaria seguro e, simplesmente, poderia nadar cachorrinho até a ilha, esperando que o primo malvado do Zé Colméia se cansasse e fosse embora. Sem problema. Eu era um bom nadador.

Saindo dos arbustos, o urso olhou ao redor, e eu dei um tchauzinho pra ele.

Fez um esgar, soltou um sorriso e entrou na água. Minha visão ficou turva e meus membros pareciam congelar enquanto o urso polar nadava cachorrinho na minha direção, exatamente da mesma maneira que eu. Freneticamente, mudei meu nado para o de peito. Mas, momentos depois, a fera estava sobre mim. Tentei mergulhar sob ele, mas o urso devia estar esperando por esse truque, pois suas patas me pegaram na metade do caminho e me afundaram ainda mais na água.

Fui atingido por uma pancada dura na cabeça e me senti sufocado. Engasgando para respirar, puxei uma golfada de água. O urso pegou-me indefeso e começou a me espremer como se eu fosse o restinho de creme dental no tubo. Quando a escuridão começou a me envolver, meu último pensamento consciente foi: *O futuro... Bah! Quem precisa dele?*

FIM

41

Dando as ordens apropriadas para Albert, fiz com que ele se desmontasse e saí da armadura de força.

"Então, eu vou fazer a única coisa que uma caminhoneira jamais poderia fazer", respondi, desafiador.

"O quê?", indagou curiosa a mulher musculosa.

Estendi minhas mãos com os pulsos juntos. "Eu me rendo."

Até mesmo os caminhões pareceram ficar de queixo caído, se o tivessem.

* * * * *

As caminhoneiras deram meia-volta e se distanciaram. Então, voltei para dentro de Albert e a armadura fechou-se ao meu redor. Ah! De volta para casa.

NÃO SÃO AS PESSOAS MAIS AMIGÁVEIS DO MUNDO. ESTOU FELIZ QUE ELAS TENHAM PARTIDO.

"Concordo", disse, ajeitando-me em uma posição mais confortável. "Embora Mack fosse realmente uma gatinha, mesmo para uma homicida."

"E o que você quer dizer com isso, seu verme!", gritou uma das caminhoneiras do comboio, que, de repente, já não estava mais tão distante.

"Albert, seu idiota! Os alto-falantes externos estavam ligados?"

UPS!

Volte para 17.

42

Alcançando a terra plana, Albert ajustou o equipamento e não parou de correr por uns bons trinta minutos. Depois de atravessarmos montes e vales, os sensores indicaram que não havia mais niguém nas proximidades.

Corremos por mais dez minutos, só para garantir.

"Estamos seguros?", perguntei, olhando pela densa folhagem que corria pela borda de um campo de golfe gramado.

AFIRMATIVO. TUDO LIMPO. O ÚNICO PERIGO PRESENTE É O DIFÍCIL LANÇAMENTO QUE ALGUÉM PRECISA DAR PARA ACERTAR O BURACO 7.

Tão gentilmente quanto era possível para uma armadura, depus minha passageira no chão e livrei-a das cordas que prendiam seus pulsos.

Quando ela ficou de pé, percebi que era visivelmente mais baixa do que eu. Media cerca de 1,75 metro de altura. Mas, até aí, eu tinha dois metros e meio de altura dentro do Albert. Sua face estava suja, mas era linda. Possuía uma cicatriz feia e enrugada no meio de sua bochecha rosada. Através da sua cota de malha, pude ver que era uma mulher musculosa. Seus adoráveis e longos cabelos cacheados es-

tavam amarrados em um rabo de cavalo, preso com um largo cinto de couro. Não usava brincos e suas unhas estavam aparadas. Era, sem dúvida, uma guerreira.

A mulher tocou seu peito, os lábios e a testa; em seguida, curvou-se. "Saudações, bom senhor. Eu sou Jennifer Zann Levin, cavaleira errante do Império Scamish da América. E tu, quem és?"

"Eu... vos... sou Renê Montgomery", balbuciei. Oh, droga, esse inglês arcaico ia me dar dores de cabeça.

Ela abriu um sorriso, fazendo uma covinha no canto da bochecha. "Não precisamos conversar formalmente se seu treinamento não incluiu o estudo da fala, senhor", disse a cavaleira polidamente.

"Obrigado", suspirei aliviado. "Então, me chamo Renê."

Ela dobrou os joelhos, num gesto de reverência. "Pode me chamar de Jennifer ou Jenny, o que preferir. E eu lhe devo minha vida."

"Depois acertamos isso."

"ENTENDIDO."

Erguendo a sobrancelha, Jennifer colocou suas mãos na cintura e perguntou: "E com quem estás falando, Sir Renê?"

Dentro de meu elmo, um servomecanismo coçou meu queixo.

Hum, explicar o que era Albert ia ser uma dura tarefa. Mas a verdade era provavelmente o melhor caminho.

"Estou conversando com minha armadura."

Houve uma pausa antes que a cavaleira, rispidamente, perguntasse se eu era, na verdade, homem ou máquina.

Com um comando mental, Albert tornou a placa facial visível e, então, mostrei-lhe um sorriso que até meu dentista ficaria com inveja.

"Tu és um jovem!", engasgou Jennifer, em choque. "Apenas uma criança vestindo uma armadura."

Valeu a pena habituar-me ao fio dental. "É mesmo? Bem, sou um guerreiro temporão! Lutei e venci os Tigres de Cincinnati, os Comandos de Cleveland e os Lobos de Columbus."

"Adversários bastante sonoros", ela comentou, endireitando sua túnica rasgada.

"Senhorita, eles lutavam como demônios", afirmei, lem-

brando-me de alguns jogos de futebol. "Mas, mesmo assim, eles caíram ante a força dos Jugernautas de Dayton. Éramos uma força a ser reconhecida."

"Ah, guerra", ela suspirou. "Quase tão divertida quanto a agricultura."

"Hein? Me explique isso!"

"Guerra e agricultura são como uma coisa só para um cavaleiro real scamish!", esclareceu Jenny. "Os dois são essenciais para nossa terra e nosso povo. Dragão da Tempestade e eu fizemos os dois!", explicou, segurando a bainha e se dando conta de que sua espada não estava mais lá.

Eu compreendi, mas a espada, provavelmente, encontrava-se no fundo do rio Ohio, com 50 toneladas de navio pirata em cima dela. "Sua espada se chamava Dragão das Tempestades?"

Ela sorriu orgulhosamente. "Sim. Uma honrada arma de família."

"Vocês dão nome às armas?", perguntei curioso.

Estreitando os olhos, a cavaleira parecia intrigada. "Vocês não?"

PENSE BEM, SENHOR, advertiu Albert.

"É claro que sim. Só estava perguntando."

Ela pareceu aceitar o que disse.

"Obrigado por me salvar", reiterou a cavaleira, colocando o punho contra seu coração.

Imitei-a e ela balançou a cabeça em sinal de aprovação. Creio que tive a reação esperada.

SÓ SE ESQUECEU DE CURVAR-SE DEPOIS.

"Meu rei vai desejar agradecê-lo pessoalmente, Sir Renê", disse Jenny, determinada. "Se puder me acompanhar... Nós precisamos de um herói como você."

Senti-me orgulhoso ao ouvir aquelas palavras. "Problemas?", perguntei. "Guerra com outra cidade? Robôs renegados? Monstros mutantes?"

"Aranhas", respondeu.

Albert?, perguntei mentalmente.

POR QUE NÃO, SENHOR. PELO MENOS ESSE POVO ESTARÁ EM DÉBITO COM VOCÊ. E A CAVALEIRA LEVIN, CERTAMENTE, PARECE UMA BOA MOÇA. ALÉM DISSO, NUNCA ME INCOMODEI COM ARANHAS.

"Aceito o convite. Como chegamos lá? Seguindo o rio?"

"Até um certo ponto, sim."

Puxei a vibrofaca da bainha de minha bota e ofereci a ela. "Por favor, aceite este presente."

Hesitante, a mulher pegou a arma. Em suas mãos a faca vibrava com energia. "Senhor, este é um presente poderoso!", disse espantada."Primeiro me livra dos Piratas do Rio, e agora um presente desse? Uma lâmina energética? Eu não posso aceitar!"

GRAÇAS A DEUS.

Jennifer devolveu-me a faca, mas eu a empurrei de volta. "Considere-a um empréstimo até que possa obter uma espada apropriada. Duas pessoas armadas é melhor que uma."

Minha lógica a fez sorrir. "Concordo! Então, até que nós alcancemos o Reino Scamish."

"Por favor, Milady", disse, com um gesto indicando que deveríamos partir.

Com a vibrofaca em punho, a dama seguiu. Albert e eu fomos atrás.

Pelo caminho, Jennifer contou-nos sobre as Sete Irmãs. Eram antigas estações de batalha que insistiam em travar uma guerra encerrada há séculos. Os temíveis Piratas do Rio e os Motoqueiros Bibliotecários Canibais faziam parte delas.

Quase tropeçamos. Nós sabíamos das motocicletas e, certamente, tínhamos visto bastantes livros em Cincinnati para acreditar na parte dos bibliotecários, mas... canibais?

"Os bibliotecários prezam os livros mais que as próprias vidas", ela comentou, cortando um galho de árvore com um golpe certeiro. "E, acima de tudo, eles amam o conhecimento."

EU FALEI QUE DEVÍAMOS TER POSTO FOGO NAQUELE LUGAR.

Jenny continuou. "Eles emprestam os livros a qualquer um por uma pequena taxa. Porém, se não entrega, atrasa na devolução, ou os danifica, mesmo sem querer...

"A multa te custa um braço e uma perna", completei, sentindo-me enjoado.

LITERALMENTE.

Atravessando uma área rasa do rio, encontramos uma tri-

lha de terra batida na floresta. Seguimos por ela em direção ao território Scamish.

Vá para 9.

43

Comecei a caminhar pela trilha quando, de uns arbustos, surgiu um alce correndo. Ele devia ter 30 centímetros. Achei graça enquanto ele corria. Esperei que ele fosse seguido por um caçador de 15 centímetros, trajando uma roupa laranja brilhante e carregando um rifle do tamanho de um lápis.

ALERTA! APROXIMANDO-SE, SETOR QUATRO!

Olhei ao redor. "O quê? Como? Onde é o Setor Quatro?"

Todos os medidores do meu elmo começaram a girar como roletas malucas. As leituras digitais indicavam só 8888 e os monitores visuais se embaralharam, com chuviscos e estática.

...ERIGO! ...UJA... ELE, SENHOR!

"Albert!", disse, intrigado e um pouco assustado. "O que diabos está acontecendo?"

Não houve resposta.

"Albert! Fale comigo!"

O que fazer? Eu poderia abrir as travas, manualmente, e deixar Albert. Mas aí eu ficaria totalmente indefeso. Porém, se eu ficasse, aquilo que estava vindo iria me encontrar preso dentro da armadura.

De repente, duas grossas árvores foram arrancadas como se fossem portas de madeira compensada. Seus troncos enormes caíram no chão. A terra tremeu e a luz do sol foi bloqueada por um gigantesco urso branco. Um urso polar!

Em Ohio?, pensei, confuso.

Enquanto eu tentava me afastar do monstro ártico colossal, a fera branca apontava sua cabeça gigante em minha direção. Sua boca estava cheia de miniaturas de alce que, para ele, não mais importavam, pois havia encontrado a refeição completa... ou seja, eu!

Pensei em correr.

Se você acha que Renê deve ficar dentro de A.L.B.E.R.T.,

vá para 65.

Se decidir que ele deve deixar a armadura, vá para 60.

44

Eu sabia que a porta das escadas estava próxima aos elevadores. Meus tênis faziam barulho à medida que eu pisava nos degraus metálicos. A porta, que dava para as escadas, não queria abrir. Mas, com um pouco de força, ela se deslocou o suficiente para que eu pudesse me espremer e passar. Que bom que eu não tinha almoçado. Aliás, da maneira como meu estômago roncava, a última refeição parecia ter acontecido há 100 anos. E quem sabe, não foi mesmo! Afinal, há quanto tempo eu estava aqui embaixo?

Não havia ninguém no posto de guarda da sala de entrada da base. Porém, o grande par de portas duplas, na parede de concreto, estava trancado e travado. Mas era apenas uma fechadura mecânica, e não uma daquelas engenhocas eletrônicas. Estalei os dedos. Era moleza! Eu sempre tirava nota dez no curso de mecânica de automóveis. Checando em um armário próximo, encontrei um cabide.

Então, parei por um instante. Que tipo de inferno radioativo poderia estar me esperando do lado de fora? Eu poderia abrir a porta e me deparar com a morte instantânea. Eu poderia, também, esperar que uma equipe de resgate do Exército Americano viesse me salvar.

Deveria me arriscar no mundo lá fora, assado por microondas, ou tirar outra supersoneca e esperar por tempos melhores?

Se você acha que Renê deve abrir a porta, volte para 15.

Se decidir que ele deve retornar ao Biofreezer e esperar pelo resgate, vá para 49.

45

Algum tempo depois, eu acordei meio grogue. Deus, que sonho terrível eu tive sobre uma guerra nuclear, faxineiros-robôs e rudes moças caminhoneiras.

BOM DIA, SENHOR PRESIDENTE.

Então, não era sonho. Sentei-me. A poeira caiu de meu tórax abatido. Eu estava deitado no fundo de uma cratera de impacto com uns 3 metros de profundidade. Minha boca estava com gosto de meia de ginástica depois da aula e uma violenta dor de cabeça atormentava-me. Mas eu estava vivo.

AGORA QUE ESTÁ CONSCIENTE, SENHOR, POSSO COMEÇAR OS REPAROS.

"Claro. Sem problema. À vontade."

A blindagem cinzenta de minhas pernas abriu-se e, das aberturas, apareceram máquinas pequeninas parecidas com caranguejos. Cada uma, do tamanho de uma caixa de fósforos e com suas pequenas garras, carregava chaves de fenda, ferros de soldar e outras ferramentas. Todas portavam a bandeira americana e ostentavam insígnias do exército. Com suas pernas grudadas ao metal da armadura, os caranguejos rastejaram pela minha blindagem como se ela fosse lisa e nivelada. *Pés magnéticos, com certeza,* pensei.

Quase não pude acompanhar o trabalho que eles fizeram. Meus monitores não eram capazes de focalizar a parte externa de Albert, mas eu ouvi muitas marteladas e vi os brilhos luminosos das soldas. Depois de um tempo, o batalhão das pequenas máquinas rastejou para dentro da armadura, que se fechou sobre elas.

Ergui-me e flexionei as pernas. Tudo parecia ok.

DE VOLTA À GRANDE FORMA, SENHOR. TUDO CORRE BEM.

Flexionando meus joelhos, pulei para fora do buraco. Cuidadosamente, rastreei o horizonte além da ponte quebrada. Agradeci por não haver sinal das Guerreiras do Asfalto ou de qualquer outro ser hediondo esperando para me comer.

Caminhei por solo macio até chegar na auto-estrada, onde parei para tomar a direção leste novamente. Eu estava refeito depois da soneca e ansioso para encontrar um lugar que não tivesse pessoas tentando me matar — se é que havia algum lugar assim neste mundo guerreiro. Porém, eu ainda precisava de comida.

<Snif,snif>

E de um banho. Depois de um extenuante dia dentro de minha sauna militar portátil, e devido ao meu estado, os sensores contra gases venenosos poderiam ser ativados.

UMA BIOMANUTENÇÃO PESSOAL SERIA DEFINI-

TIVAMENTE APROPRIADA.

"Puxa, obrigado."

NÃO HÁ DE QUÊ, SENHOR. OS SENSORES INDICAM ÁGUA FRESCA A 2 KLICKS PARA O LESTE.

"Klicks?", perguntei, mas minha própria memória me socorreu. Klick era a gíria militar para quilômetro.

Vencendo a curta distância, encontramos uma nascente de água fresca em meio a algumas árvores. Era o que Albert chamava de "Pequena Ilha de Árvores", cercada por chão limpo.

Ao meu comando, Albert separou-se em pedaços, esvaziando as almofadas de segurança. Eu me livrei dele, quase batendo minha cabeça na quina do elmo.

FICAREI ABERTO PARA VENTILAR O INTERIOR E MONTAR GUARDA ENQUANTO VOCÊ SE BANHA.

"A área está limpa?", perguntei, desabotoando minha camisa.

AS ÚNICAS FORMAS DE VIDA PERIGOSA NUM RAIO DE 100 METROS SOMOS NÓS.

"Que alívio. E na água?", perguntei, procurando por barbatanas, tentáculos ou periscópios inimigos.

ORA, VÁ TOMAR BANHO.

A água estava fria, não gelada. Inspirando o ar, mergulhei e retornei à superfície. Ah! Que bom! Nadei até um galho baixo e peguei um punhado de folhas verdes para usar como esponja.

"Essas aqui são boas?", perguntei.

Um leque fino de luz azul surgiu do lado esquerdo do elmo de Albert e rastreou a folhagem em minha mão.

NEGATIVO. VENENO LETAL. VOCÊ JÁ ESTÁ MORTO.

Aterrorizado, deixei cair as folhas, poluindo a água limpa. "Mas que grandessíssima porcaria...!"

BRINCADEIRINHA! EU ESTOU BRINCANDO! MAS, DA PRÓXIMA VEZ, PERGUNTE PRIMEIRO ANTES DE PEGAR QUALQUER COISA SUSPEITA.

Meu coração começou a bater de novo. "Seu peso de papel de lata velha!", disse furioso, puxando mais folhas.

BEM, UM DE NÓS TEM QUE MANTER UMA CABEÇA RACIONAL SOBRE OS OMBROS.

Vá para 12.

46

"Então, vamos agir o mais confiável possível", eu disse. "Suspenda o elmo, Albert."

Com um "suspiro hidráulico", o elmo cupular destacou-se do corpo da armadura de força, erguido por cilindros de aço lubrificados e mais finos do que lápis. Muitos engasgaram surpresos. Os guardas que empunhavam as bestas gigantes removeram suas mãos dos gatilhos e relaxaram.

O SENHOR SERIA UM BOM POLÍTICO.

"É apenas um ato de cortesia, Albert", sussurrei. "Além do mais, ninguém confia em uma máscara."

"Realmente", disse Jennifer, em voz baixa.

Ocultei um sorrisinho.

Os estábulos estavam cheios, e barulhentos cavalos de seis patas se posicionavam de um lado, enquanto uma enfumaçada ferraria e um poço d'água ocupavam a parede oposta. Apoios cheios de lanças estavam por toda a parte.

A seção principal do castelo era um forte, dentro de uma fortaleza maior, com quatro altíssimas torres de blocos que rodeavam os cantos de um edifício retangular. Era circundado por torres menores, dentadas, e uma outra grade levadiça guardava sua entrada.

Esses caras não eram nada bobos quando o assunto era segurança. Eu gostei daquilo.

Parada no topo do castelo, observando-nos através de um telescópio de latão, estava uma mulher toda vestida de vermelho. Ao seu lado, um homem de branco coçava o cabelo ruivo sob uma coroa de ouro ornamentada.

"O rei e sua maga", adivinhei, acenando para eles.

Jenny concordou com a cabeça, com seu punho cerrado mantido contra seu coração, num gesto de saudação. "Sim, Sua Majestade, o Rei Melvin IV, e a Grã-Vizir Cara-de-Rato."

"PODE REPETIR, POR FAVOR?"

"Na verdade, o nome dela é Bambi LaDouce", explicou Jenny. "Cara-de-Rato é apenas um apelido."

Meu comentário, sem dúvida inteligente, foi interrompido pelo som de respiração ofegante e passos apressados vindos atrás de nós. Pelo monitor traseiro, pude ver um garoto desarrumado, trajando uma túnica de uniforme, passar pela

guarita, ultrapassar-nos e parar na frente do rei e da grã-vizir.

"Meu senhor!", o rapaz gritou, juntando as mãos como numa súplica. "Estamos sob ataque!"

Instantaneamente, dezenas de espadas se ergueram ao ar, e a maioria delas apontava para mim! Mas, então, o rei pisou para fora do castelo e adejou até nós. Quando tocou o chão, ajustou alguma coisa sob seus mantos. Por um breve momento pudemos ver um cinturão feito de metal e controles de botões.

CINTO ANTIGRAVITACIONAL.

A maga também tinha deixado o telhado — provavelmente economizava sua "magia" descendo pela escada dos plebeus.

"O que exatamente está sob ataque? O castelo? O reino?", exigiu saber o Rei Melvin, com os olhos brilhando em chamas mais rubras que sua barba e bigode."Uma vila nas províncias periféricas?"

"A própria Torneio da Coroa, senhor!"

"O quê?", gritou o grande homem, furiosamente. "Por quem?"

Heroicamente, o garoto engoliu seu medo. "Aranhas, meu senhor! Aranhas metálicas gigantes!"

"BINGO", disse Albert.

Vá para 64

47

"Nós temos que falar com alguém, mais cedo ou mais tarde", racionalizei.

É UM HOMEM CORAJOSO, SENHOR.

"Estou mais para desesperado, isso sim."

A composição de caminhões parou no meio da estrada. Nove, dez, onze — havia mais que uma dúzia no comboio de trailers-tratores. As janelas estavam tão escuras que eu não podia enxergar dentro das cabinas, mas o teto de cada um deles estava cercado por arame farpado. Dentro dos altos currais, localizados nas carrocerias, vacas, porcos e grandes fardos de feno dividiam o mesmo lugar, junto com nichos de metralhadoras e mesas de piquenique com guarda-

sóis. Eu tive a perfeita impressão de que não se tratava de um comboio ou de uma cáfila. Ao que parecia, esse pessoal vivia na estrada e não tinha lar permanente. Queria saber onde obtinham um abastecimento seguro de diesel.

AS LEITURAS ESPECTROGRÁFICAS MOSTRAM QUE ISSO NÃO É FUMAÇA DE DIESEL. ESSES SÃO MOTORES A ÁLCOOL.

Razoável. Eu até podia imaginar o imenso canavial em que se transformou a Floresta Amazônica nesses dias!

Estranhamente, a porta do motorista do caminhão da frente abriu para cima em vez de para o lado. Alguém pulou do caminhão. Grande e troncuda, uma mulher vestida da mesma forma que outro caminhoneiro qualquer: jeans, botas, camisa xadrez. E também levava consigo algumas armas.

OS RIFLES REPRESENTAM METADE DE SEU PESO. SERÁ ALGUM CÓDIGO PADRÃO DE VESTUÁRIO?

Somente no Texas e em Nova Jersey. Ela também tinha os mais lindos olhos verdes que jamais vira, e uma silhueta fabulosa, mesmo sendo mais musculosa que muitos caras que eu já conheci.

"Olá, minhas irmãs!", disse num tom de voz agudo, acenando com uma mão.

ISSO FOI UM FALSETE? TALVEZ EU DEVA COLOCAR UM POUCO DE HÉLIO NA SUA MISTURA DE AR.

"Não! Isso iria fazer minha voz ficar fina e esganiçada. Eu quero parecer uma velha, não um personagem de desenho animado."

EI, FOI APENAS UMA SUGESTÃO.

Levantando a aba de seu chapéu com um dedo esticado, a caminhoneira solitária chegou mais perto de mim com os polegares enganchados na fivela grande e ornamentada do cinto.

UMA SONDAGEM PROFUNDA COM O RADAR REVELA QUE HÁ UMA DERRINGER 44 ESCONDIDA DENTRO.

Como estávamos em Gamma World, não podia culpá-la por isso. Assim, tão perto, estávamos face a face. Ela era uma dama bem alta. Dois metros de altura mais ou menos?

DOIS METROS E 13,5 CENTÍMETROS.

"Eu sou sombrita Big Mack O'Donald", afirmou ela,

apontando para si mesma. "Você tem a voz de uma senhora de idade."

"Pois é o que sou", falei com a voz embargada. "Meu nome é R. M., e eu sou tão velha que morreria se tirasse esta armadura. É meu sistema médico de suporte de vida."

Big Mack ficou parada, mascando o lado de dentro de sua bochecha em séria contemplação.

"Ei, Mack! Uma vez eu tive uma filha...", começou a dizer uma ruiva, atrás de um nicho de metralhadora, no Ceifador Internacional, "que conhecia um homem cujo primo de segundo grau do vizinho do tio-bisavô adotivo da sua esposa tinha um amigo com o mesmo problema."

"E como saberemos se é verdade?", perguntou Big Mack, escrutinando Albert de perto. Ela coçou uma marca que tinha em seu pescoço — estrategicamente perto da alça de um enorme rifle Express 50 Barret, capaz de abrir buracos na Estátua da Liberdade e, possivelmente, em Albert.

QUE BESTEIRA! ... BEM, TALVEZ.

"Bela fivela a sua, moça", disse em tom amigável. "Uma vez, eu tive uma dessas. Carregava uma 44 dentro."

Diante da minha afirmação, Mack ficou mais amedrontadora.

AGORA, PODE ME EXPLICAR POR QUE MOTIVO VOCÊ DISSE ISSO?

"Estava tentando pegá-la desprevinida."

VOCÊ APENAS CONSEGUIU FAZÊ-LA FICAR MAIS DESCONFIADA, SEU CABEÇA-OCA!

"O que você está fazendo por aqui sozinha?", perguntou ela, desconfiada.

"Mas eu não estou sozinha", respondi, fazendo uma ruim personificação de minha avó Lu. "Vocês estão aqui, não estão? Eu não estou tendo outro sonho acordada, estou? Oh, Deus."

"Ele está mentindo!", gritou uma mulher do comboio. "O analisador de stress da voz indica que é um homem quem está dentro da armadura!"

Numa série de cliques, as travas foram liberadas e um monte de armas sortidas foram apontadas em minha direção.

"A verdade", ordenou inquisidora Big Mack, com os olhos semicerrados.

Mentalmente, pedi a Albert para dissolver a placa facial e dar-lhes uma visão interna. "Olá, meu nome é Renê Montgomery. Sou apenas um cara que está perdido nessa área, à procura de algumas respostas. Não desejo causar mal, mas seu anúncio pelo alto-falante me fez pensar que os homens não são bem-vindos entre vocês."

"E não são mesmo!", cortou Mack, cuspindo em mim enquanto falava. "Espalharam a guerra! Assassinos! Matadores! E vocês sempre deixam a tampa da privada levantada!"

Então, as demais senhoras concordaram com o comentário da líder, urrando em uníssono.

Bem, tinha que admitir que elas realmente estavam certas quanto ao último ponto.

"E você não partirá vivo", O'Donald disse ameaçadoramente. "A não ser que você aceite o desafio."

Como eu realmente não estava a fim de reencenar a batalha de Little Big Horn — especialmente porque, naquela situação, era eu quem iria fazer o papel do General Custer —, quase disse sim. Mas, antes, resolvi me interar melhor e perguntei por alguns detalhes primeiro.

"Faça algo melhor do que uma de nós e você poderá partir intacto. Isso nós juramos, por nossa honra sagrada." Ela soltou um sorriso de desdém. "O que você poderia fazer que uma mulher não fizesse melhor?"

"Com ou sem minha armadura?"

Risadas.

"Sem", ela respondeu.

Diabos, eu não queria fazer nada neste mundo sem o Albert.

OBRIGADO, MAS CREIO QUE DESTA VEZ NÃO PODEREI AJUDÁ-LO, SENHOR, afirmou ele. A NÃO SER QUE PREFIRA LUTAR COM 100 MULHERES MAIS ARMADAS QUE TODOS OS MEMBROS DA ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE TIRO AO ALVO JUNTOS.

"Isto não é exatamente justo. Eu não sei em que vocês são boas, então, como eu posso tentar ser melhor que vocês em alguma coisa?"

"Nós somos excelentes em tudo!", exclamou O'Donald, com as faces enrubecidas. "Mestras lutadoras, artistas, mecânicas, cientistas, malabaristas, dançarinas... Nós nunca de-

sistimos de nada. Nunca! As Filhas da Luta tentam até o fim, lutam até a última gota de sangue e suor!"

Um estrondoso urro de aprovação veio do comboio, seguido por três vivas para a líder.

Ai, cara! Isso ia ser difícil. Tomei um golinho d'água e pensei em correr para a ponte quando uma idéia me veio à mente. Ahá! Era um pensamento maluco, mas poderia funcionar.

É UM JOGO, SENHOR.

Se você acha que Renê deve correr em direção à ponte, volte para 17.

Senão, ou seja, que ele deve tentar dobrar as Guerreiras do Asfalto, volte para 41.

48

Fiz a única coisa lógica a fazer. Saltei.

* * * * *

"Geronimo!", sussurrei, acordando grogue em uma confortável cama de folhas e gravetos. Eu podia sentir uma brisa fria em meu rosto e o cheiro da floresta. Será que eu tinha caído no ninho de algum pássaro? Devia ser um pássaro grande. Tenho... que... sair...

"Relaxe", disse uma estranha voz aguda. "Você está seguro e entre amigos. O urso se foi."

Abrindo os olhos, e quase arrependido por tê-lo feito, vi que jazia em um tosco berço de madeira cercado por mutantes. Muitos deles. Todo mundo vestia panos marrons e verdes de uma infinidade de modelos diferentes — o que me pareceu desnecessário, já que eram muito diferentes uns dos outros. Alguns tinham duas cabeças, outros tinham uma cabeça e dois corpos. Outros ostentavam múltiplos membros, asas, barbatanas, escamas, olhos extras, um corpo de cobra em vez de pernas e assim por diante. Eu não tinha visto nada como este grupo desde a festa de Halloween no hospício de Dayton, ano passado.

Bandagens de pano branco cobriam meu tórax e minhas

roupas recém-lavadas pendiam de um varal entre duas árvores baixas. Eu estava, com certeza, entre amigos.

"Eu sou Meredith, do povo da floresta", disse sorrindo o ser alado parado próximo à minha rústica cama. "E este é Uzann, o Carvalho da Vila."

Uma mulher idosa, com um monte de braços, curvou-se.

"Carvalho?", perguntei confuso. "Ela é... uma árvore?" A mulher lembrava mais uma aranha com seus seis braços e antenas.

O grupo deu boas gargalhadas diante do meu comentário inocente.

"Não, rapaz, nós da floresta assumimos as formas da natureza", disse Meredith, como se isso explicasse alguma coisa.

Ele deve ter visto a falta de compreensão na minha cara.

"Por exemplo, um novato em nosso grupo é um Broto", explicou Uzann, com dois braços cruzados na altura do tórax e dois nos bolsos de sua túnica. "Um líder menor é um Arbusto, o próximo, na nossa hierarquia, é uma Moita, e

assim por diante."

Dois garotos escamosos, com olhos vermelhos de lagarto, trouxeram uma porção sortida de frutas e colocaram no chão, do meu lado. Mas eu não estava interessado — a dor que sentia era maior que a fome.

Como se sentindo meu desconforto, Meredith colocou uma de suas mãos em meu ombro nu. Seus dedos soltaram faíscas e a dor diminuiu sensivelmente.

Flexionando meu braço, olhei para cima admirando-o.

"Nós somos curandeiros psiônicos, ou seja, curamos as pessoas através do poder da mente", explicou um homem-porco-espinho com ar divertido. "Esse poder pode fechar ferimentos e curar doenças."

"Todos são ajudados", complementou uma jovem de seios grandes, deixando-os parcialmente descobertos. "A ninguém é negado o presente da Natureza, do povo da floresta."

Tudo isso era novo para mim. Eu já tinha ouvido falar de telepatia e coisas assim, mas cura mental? Jóia! E, como a ambulância mais próxima ficou mais de 400 anos atrás, não era surpreendente que esses caras não tivessem inimigos.

"A sua Armadura Gamma está no local onde você a deixou", disse Meredith, abrindo as asas. "Sua localização exata é perto da toca dos três-dedos e do Grande Urso."

Oh, que bom, a localização correta. Tragam um Frankenstein e um Drácula e bateremos uma bolinha entre monstros. Eu sou o morto-vivo.

"Nós queríamos trazê-la para você. Mas tais itens são proibidos em nossa vila."

Interessado, olhei ao redor e vi apenas árvores nativas, cipós emaranhados e um pequeno córrego. Que vila? Claro, o povo da floresta. Sim, fazia sentido.

"Porém, por que não abandona sua máquina e vem viver conosco?", perguntou timidamente uma garota-gata, com os bigodes vibrando.

Repirando aquele ar puro e fresco e olhando para aquelas figuras sorridentes e amigáveis que salvaram meu estúpido traseiro, achei que era uma oferta tentadora. Mesmo partindo de uma "gata"... Atchim!

Era uma decisão difícil.

Se você acha que Renê deve ficar, volte para 18.

Se decidir que ele deve voltar e encontrar Albert, volte para 31.

49

Fiquei parado por um momento, pensando. Minha vida dependia dessa decisão. Poderia cometer um grande erro, ou acertar e me salvar. Mas que diabos! Eu nunca dormia o suficiente. Essa podia ser finalmente a minha chance de recuperar as muitas horas maldormidas.

Entrando no cubículo escuro e revestido do Biofreezer, procurei por um interruptor para fechar a porta. Mas, aparentemente, minha entrada foi suficiente. A porta bateu, fechando-se, e, assim como antes, a escuridão me envolveu.

Espero, dessa vez, sonhar bastante.

* * * * *

Luzes piscaram e a porta se abriu com grande dificuldade. Lutando para ficar de pé, saí do cubículo gelado todo dolorido e entrei num corredor mal-iluminado. Senhor Todo-Poderoso! Todas as minhas articulações estavam duras e doloridas. Estaria melhor se eu tivesse sofrido falta de quatro zagueiros ao mesmo tempo. Ufa! A coisa que eu mais queria, nesse momento, era uma overdose de aspirina.

A poeira ainda estava na altura dos meus tornozelos. Um cheiro ruim invadia minhas narinas, como se a própria atmosfera estivesse morta. Será que o oxigênio tinha estragado? Havia um gosto metálico e amargo na boca.

As luzes do corredor! Apenas um punhado funcionava. Mas era uma iluminação fraca, meio amarelada, como vela.

Pensativo, esfreguei o queixo e me surpreendi ao perceber que estava cheio de pêlos!?

Ei, quando entrei no Biofreezer pela última vez não tinha barba. De repente, uma terrível suspeita me ocorreu e fui até um bebedouro. Não fez barulho algum quando apertei o botão.

A luz da parede, acima, era brilhante o suficiente para enxergar melhor ao redor. Então, olhei aterrorizado para as minhas mãos enrugadas e manchadas. As unhas estavam quebradas e longas. Meu coração disparou.

Então, limpei a camada de sujeira que cobria a bacia metálica do bebedouro e me debrucei para dar uma boa olhada no meu rosto. O cabelo, antes preto e espesso, agora estava grisalho e fino. Minha face bronzeada estava branquíssima e cheia de rugas. Os olhos, empapados e vermelhos. Eu estava velho! Velho!

Com lágrimas cegando minha vista, recuei da grotesca imagem. Oh, Bom Deus, não! Não! Eu só tenho 18 anos. Faça com que seja um sonho, um pesadelo! Por favor, Deus!

Conclui que aquilo era uma ilusão ocasionada pela falta de oxigênio. Sim, sim! Era aquilo. Precisava sair dali. Respirar ar fresco. Tudo não passava de uma miragem. Meus músculos doíam porque ficaram imóveis por muito tempo. Claro! É só usar um pouco de bom senso.

Apressando-me até as escadas, forcei meu corpo murcho a escalar os degraus de concreto. Fui subindo, apoiado na parece, pois o corrimão de ferro tinha caído. Se eu estivesse no comando, a primeira coisa que iria fazer era despedir o faxineiro.

Exausto, caí no chão perto de uma porta enorme trancada e esperei até recuperar o fôlego.

Ainda havia uma chance. Talvez eu não estivesse tão velho quanto estava me sentindo. Esperançoso, olhei para a sólida porta enferrujada e suja. Mesmo se conseguisse abrir a fechadura, será que conseguiria mover a pesada porta? Quanto ela pesava, 250, 500 quilos?

Uma onda de cansaço envolveu-me e sabiamente decidi tirar um cochilo. Mas quando fechei os olhos, me perguntei se iria acordar de novo desse sono.

Bah! Claro que eu iria. Eu só dormiria por uns minutinhos.

Então, tudo escureceu... para sempre!

FIM

50

"Parem! Não ataquem!", gritei pelo alto-falante, erguendo meus braços em rendição. "Não estou aqui para machucar ninguém. Apenas quero algumas informações!"

Hesitantemente, os marinheiros baixaram suas armas, olharam-se como que questionando uns aos outros e, então, viraram-se de novo em nossa direção.

ALERTA VERMELHO! ELES ACABARAM DE TENTAR ME FORÇAR A DESLIGAR O SUPORTE DE VIDA E SUFOCAR MEU PILOTO... E FALHARAM.

Piloto que era eu! "O que eu posso fazer, companheiro?", perguntei, olhando para os controles e sintonizadores que preenchiam meu elmo.

NADA, SENHOR. VOU TENTAR RICOCHETEAR.

E, antes que eu pudesse perguntar, um submonitor acendeu, com a descrição da tática aparecendo na tela. Eu li rapidamente e fiquei impressionado. Em teoria, a idéia era simples: eletronicamente, Albert iria igualar a freqüência da sonda hostil da outra pessoa, aumentar o sinal dez vezes, adicionar seus próprios comandos de sobrecarga letais e, então, enviá-la de volta. Em essência, ia pegar a flecha do outro cara no ar, mergulhar a ponta em veneno e retribuir o fogo. Táticas clássicas de batalha. Use a arma do inimigo contra ele. Como eu disse, simples em teoria, mas em prática...

Todos os ciborgues no convés, exceto os gêmeos, explodiram em bolas de fogo. Um, dois, três juntos. Simples como πr^2.

"Vamos lá, Albert", disse. Pessoas honestas não teriam atacado sem aviso. Claramente, esses babacas tinham "vilão" escrito em suas testas. Além disso, tinham escolhido a dupla de caras errada para atormentar.

Vá para 62.

51

Golpeei a criatura com o punho de Albert, que deve pesar uns 3 quilos, acertando uma das cabeças mais feias, bem na boca. Presas espalharam-se pelo ar e um par de olhos, algo torpe, voou. O resto das cabeças calou-se.

É SUA MÃE!

Jenny, rapidamente, cravou Dragão das Tempestades no pescoço central da coisa, antes mesmo que eu registrasse o fato. Um sangue laranja espirrou do ferimento e atingiu o

nosso barco, queimando as tábuas de madeira onde tocou.

Legal, fluido de isqueiro no lugar de sangue.

Novamente, esmurrei-a e dei-lhe um velho direto, bem no peito, torcendo por uma morte rápida. Enquanto isso, Levin continuava golpeando. É claro, a fera começou a gritar novamente, com sua longa cauda jogando água em nós.

Sibilando mais alto que um radiador no inverno, a coisa do rio empinou e despencou diretamente em nós.

Empurrei Jenny para fora do caminho da avalanche na hora em que o titã escamoso transformava o barco em palitos de dentes. Fui jogado para trás e caí nas águas azuis do Ohio.

ISSO É MAU!

Mais rápido que uma rocha, nossas duas toneladas de liga de aço foram direto para o fundo, pousando entre algas enlameadas.

Exigi força total dos servomotores, tentando pular e sair dali, mas minhas botas só afundaram mais na lama macia. Livrando uma perna com um puxão e depois a outra, comecei a nadar, determinado a agarrar algumas partes delicadas do mutante e espremê-las ferozmente com minhas duas grandes mãos metálicas.

Pedaços do barco estraçalhado flutuavam, ao meu redor, enquanto eu avançava. Então, vi Dragão das Tempestades afundando no lodo, junto com o corpo quebrado e estático de Jenny.

Tentáculos do monstro aquático estavam por todo lado. Apontei minha mão para uma das juntas do monstro, entre a cauda bipartida e os múltiplos pescoços. Eu deveria ter feito isso logo de cara!

"Ele irá morrer agora, Albert!", gritei de dentro da armadura e atirei.

NÃO!

A água refletiu minha manopla um instante antes do meu pulso explodir numa bola de fogo fervente, atirando-me nas algas. Aaaiiiêêê!

IDIOTA! NUNCA USE UMA ARMA ENERGÉTICA DENTRO D'ÁGUA!

O sangue se esvaía do local onde deveria estar minha mão. Agarrei o fim estraçalhado do braço metálico retorcido da

armadura de força, apertando-o, como se minha mão enorme pudesse fazer alguma coisa. Talvez poderia funcionar como um torniquete.

NEGATIVO.

Lutando para me sentar, tentei enterrar o coto na lama. Mas infinitos tentáculos de carne musculosa enrolaram-se ao redor de Albert e ergueu-nos do fundo. Tentando me concentrar para vencer a dor, soquei a fera. Porém, por estarmos em meio aquático, meu débil esforço era transformado em nada mais que um tapinha. Cada medidor em meu elmo estava na zona vermelha, a água entrava por minha manopla quebrada e uma fumaça penetrava a roupa. Uma boca cheia de dentes fechou-se ao redor de meu elmo e começou a mastigá-lo.

A água começou a entrar pelas juntas do meu pescoço. Houve um estalo elétrico e tudo ficou escuro. Eu não podia respirar nem ver. Uma onda de frio envolveu meu corpo e a perda de sangue de minha mão arruinada provocou um espasmo violento.

ENTENDIDO, SENHOR. PROTOCOLO DE EMERGÊNCIA ZULU-ÔMEGA... AUTO-DESTRUIR... AGORA!

Tossindo, eu podia apenas agradecer mentalmente a meu amigo e desculpar-me pelo erro fatal. Pelo menos, quando as baterias atômicas explodissem, eu não sentiria nada e ainda teria a satisfação de levar esse bozo horroroso conosco!

Albert concordou. Houve um clique alto e, então... o nada.

FIM

52

Cheguei a uma placa anunciando os limites da cidade. O contorno externo, a Rota 265, que circulava a capital do estado, ainda estava no lugar e em admiráveis condições. A cerca de 9 metros do chão, um viaduto de concreto circundava a cidade, com várias rampas de acesso para levar os motoristas de uma seção a outra em poucos minutos. Fácil, rápido e eficiente. Só havia um detalhe: agora, inexistiam bairros em Columbus.

Andando cuidadosamente sob o viaduto, parei e observei. Dentro do anel não danificado da estrada, havia uma

vasta extensão de vidro brilhante, a se perder de vista, como uma lisa pista de patinação. A luz brilhante do sol da tarde refletia no solo fundido como se fosse um espelho polido. O calor emanado da luz do sol era muito intenso para usar os sensores infravermelhos de Albert. Mas, mudando meu visor para ultravioleta, eu podia ver vagamente através da aura luminescente. Uma linha branca fina, um pouco acima do chão, estendia-se pelo horizonte, arqueando na minha direção em ambos os lados. O viaduto?

CONFIRMADO.

Então o silêncio nos atingiu. Dentro da armadura, havia baterias recarregando e exaustores funcionando. A floresta estava cheia de pássaros e córregos que corriam para algum lugar, e as folhas se mexiam com vivacidade. O próprio Albert fazia um bocado de barulhos mecânicos e, com seus microfones, eu podia ouvir as nuvens passando sobre nós e as formigas cortando seu alimento. Mas, na cidade, havia apenas desolação. Nenhuma planta. Nenhuma água. Nenhum movimento. Nenhum barulho. Nenhuma... vida.

"Columbus foi atingida por uma bomba H", afirmei em voz alta.

NEGATIVO, SENHOR. SERIA NECESSÁRIA UMA REAÇÃO TÉRMICA MUITO MAIS QUENTE QUE UMA EXPLOSÃO TERMONUCLEAR PARA PROVOCAR ISTO.

"Mais quente que uma bomba nuclear? Nem mesmo o chilli mexicano era tão poderoso!"

E O VIADUTO AINDA ESTÁ DE PÉ. UMA BOMBA NUCLEAR TAMBÉM O TERIA VAPORIZADO OU, PELO MENOS, DERRUBADO.

"Explicações?"

NENHUMA NO MOMENTO.

Nervoso, olhei para o sensor interno do meu elmo, à esquerda de minha cabeça. "Radiação?"

OS CONTADORES GEIGER E FERMI ESTÃO COM LEITURAS NORMAIS. É SEGURO ATRAVESSAR.

E muito mais rápido que contornar. Columbus é... era uma cidade grande. "Escudos no máximo", ordenei e avancei um passo na luz do sol. Alarmes e sensores no automático. "Se o chão sumir sob meus pés, ou se o vidro começar a quebrar, ou qualquer outra coisa, quero saber imediatamente."

AS ORDENS ESTÃO NA MINHA CABEÇA!

"Na minha", corrigi, segurando uma risada.

ARGH! VOCÊ ME PEGOU!

A superfície brilhante era lisa como uma mesa de bilhar. No começo, eu me movia cuidadosamente, escolhendo bem onde pisar, passo a passo. Estranhamente, quando minhas botas metálicas imprimiam uma velocidade aceitável, o atrito com o vidro parecia aumentar, freando o movimento.

Viajando assim pela planície cristalina e nua, senti-me exposto e vulnerável. Aqui e ali, vi um ocasional carro preso no vidro, caindo para sempre através do ar que parecia solidificado por alguma explosão antiga. Sinistro. Ou um carvalho, com as folhas apontando em uma direção, como se tivessem sido atingidas por um vento forte apenas alguns microssegundos antes e congeladas em seguida. Algumas das casas e edifícios submersos pareciam intactos. Mas eu não tinha interesse nisso, e muito menos os meios para investigar a condição dos ocupantes.

Tentando aumentar minha velocidade, apressei-me através do vidro nuclear e desesperadamente me atirei sob o anel de concreto do outro lado. Impulsivamente, comecei a correr, sem saber para onde. Só queria me afastar daquela horrível zona morta.

Bom Deus, por favor, por favor, que as lutas já tenham cessado!

AMÉM A ISSO, SENHOR.

Depois de rastrear o horizonte, tanto visualmente como pelo radar, comecei a andar para o leste, na Rota 70, deixando a cidade dizimada para trás.

Com sorte, uma das cidades cortada pela estrada tinha sobrevivido à guerra, pelo menos em parte. Zanesville era uma cidade universitária e, por essa razão, estava na grande lista negra. Mas Wheeling, na Virgínia Ocidental, não tinha interesse para ninguém. Nem mesmo os caminhoneiros paravam lá para tomar café. A não ser que fossem obrigados.

Apenas estática de fundo era registrada nas ondas de rádio e de tevê. E Albert não tinha nenhuma música arquivada em seus bancos de memória. Então, eu logo comecei a assobiar e cantar para ajudar a passar o tempo enquanto viajávamos. Tentei não pensar na possibilidade de que, talvez, esse fosse um planeta morto e eu, a última pessoa viva. Uma lá-

grima escorreu do meu olho esquerdo e Albert usou um pequeno braço mecânico, com uma esponja, para secá-lo.

Esgotei todo meu repertório de músicas de shows da Broadway, e já apelava para a música country, quando galgamos o topo de uma colina. Imponente, à nossa frente, havia uma ponte de aço e concreto que se estendia sobre uma cratera de uns 2 quilômetros de extensão.

DOIS QUILÔMETROS E 496 METROS, PARA SER EXATO, SENHOR.

"Zanesville?", perguntei, sentindo-me mal.

LATITUDE E LONGITUDE CONFEREM.

Flexionando meus joelhos, abaixei-me para examinar o material da estrutura. Alternando de visão telescópica para microscópica, vi vigas em forma de I, finas como pepinos, de concreto e aço e sem juntas. Definitivamente, não era do meu período. Quatrocentos anos. Muito pode acontecer em tanto tempo. Raspei o material com uma das minhas manoplas e trouxe para cima um punhado de cerâmica esfarelando.

ISTO, NA CERTA, FOI ACRESCENTADO RECENTEMENTE. UMA PONTE PODE SER CONSTRUÍDA EM APENAS ALGUNS MESES.

"E destruída ainda mais rápido". Fiquei de pé e joguei as pedras. Construída apenas para cair. Que triste. Quando eu construía coisas, gostava que elas continuassem em pé depois. Era uma fonte de orgulho. É claro, as únicas coisas que eu tinha construído foram uma casa na árvore, quando eu era pequeno, e um porta-chapéus, que fiz na escola. "Danificada por bombas?"

NEGATIVO. TODAS AS INDICAÇÕES MOSTRAM QUE FOI DESTRUÍDA EM UM CATACLISMA NATURAL. ALTA PROBABILIDADE DE TER SIDO UM VULCÃO.

Em Ohio? As coisas com certeza mudaram em minha ausência. Devem ser as novas leis de zoneamento. Avançando para a beira do precipício, olhei para baixo. A algumas centenas de metros encontrava-se um rio borbulhando — por alguma razão que não me parecia agradável.

AGRADEÇA-ME.

"Ei, por quê?", perguntei, sem entender.

É QUE EU CORTEI O FLUXO DE AR EXTERNO ANTES QUE O MAU CHEIRO PUDESSE ENTRAR.

Nessa hora, um pássaro que voava por ali pairou no céu e caiu, morto, na gosma ácida, espirrando líquido para os lados. O corpo do animal ficou em chamas.

"Oh, obrigado, obrigado, obrigado, Albert!", disparei, afastando-me da borda do poço.

NÃO FOI ABSOLUTAMENTE NADA, SENHOR.

Havia uma cabina de pedágio no fim da ponte. Suas janelas estavam quebradas e cobertas de teias de aranha e pó. Cogitei darmos uma espiada.

Se você acha que Renê e Albert devem investigar a cabina de pedágio, volte para 28.

Senão, vá para 55.

53

Já era o final do dia seguinte, Albert e eu ainda estávamos trabalhando pesado nos restos das armaduras de força, quando os sentinelas scamishes vieram galopando em seus cavalos mutantes, anunciando que as aranhas estavam se aproximando pelo sudoeste. As máquinas se anteciparam no ataque!

Desligando meu soldador digital, afastei-me para admirar nosso artesanato. Tínhamos levado a noite toda, mas essa era nossa última contribuição ao esforço de guerra. Parados no jardim do castelo estavam dez conjuntos de armaduras de força, cada um parecendo mais belicoso que o outro. Mas todas as armas, na verdade, pareciam esculturas de alguma bienal de arte. Eram totalmente sucateadas. Canos de água foram soldados às armaduras medievais e pintados de preto, na ponta do metal chamuscado pelo laser; pontas de lanças foram amarradas compactamente, como foguetes, e rochas, pintadas num padrão igual à casca de abacaxi, pareciam granadas.

Mas as vestes não estavam vazias, absolutamente. No interior de cada uma delas havia pólvora, pregos e um dos dróides de reparos de Albert, preparados e prontos para autodestruição ao comando de rádio.

Se as aranhas conseguissem adentrar as portas do castelo, elas certamente iriam atacar o perigo maior primeiro: nosso poderoso exército de Cavaleiros Gamma. E, quando elas se aproximassem o suficiente, Albert diria as palavras mágicas e a explosão iria aniquilar nosso inimigo.

É claro, poderia também explodir o castelo e o resto de nós, mas era um risco que teríamos de correr.

E COM TODAS AS ARMADILHAS QUE OS SCAMISHES ESTÃO PREPARANDO, TORNEIO DA COROA DEFINITIVAMENTE TORNOU-SE UMA PROPAGANDA DO TREM FANTASMA.

"Hein?"

É QUE, PARA AS ARANHAS, SERÁ UM SUSTO ATRÁS DO OUTRO.

Uma corneta, alta e estridente, soou nas muralhas.

"Aranhas!", gritou o guarda na torre de vigia.

"Quantas?", quis saber Rei Melvin, preparando sua espada energética.

O guarda deu uma olhada desesperada para o norte. "Todas elas!"

TRADUÇÃO: MUITAS!

Cavaleiros gritavam ordens. Cavalos empinavam. Artilheiros amaldiçoavam a vida. Cidadãos, nervosamente, sacavam suas espadas recém-forjadas. Professoras e enfermeiras levavam crianças para o porão do castelo. Como todo mundo estava correndo para cima e para baixo pelas escadas das muralhas de defesa, Albert e eu tomamos a rota mais rápida e, pura e simplesmente, pulamos para o topo da muralha.

O Rio Ohio estava ao norte, a densa floresta, a leste. Mas para oeste e sul só se estendiam as fazendas dos scamishes — em sua maioria, de milho verde, trigo maduro e uma esquisita combinação, fruto da genética moderna de coco com alface (que era bem gostosa com molho de mostarda). Porém, avançando ferozmente pela plantação, esmagando as plantas jovens com suas pernas metálicas, estava um exército de aranhas. Em meus sensores eu podia ouvir de longe o estrondoso barulho de suas poderosas pernas. Era como se eu estivesse assistindo a largada das "500 Milhas de Indianápolis" da pista.

Firmes em seu caminho, as máquinas prosseguiam com

seus corpos inchados e imóveis. Apenas suas pernas avançavam em fúria inumana. Fileiras e mais fileiras de insetos inimigos estendiam-se pelo horizonte, como uma tempestade chegando.

"Meu Deus, quantas elas são?"

CONTEI 206 SINAIS DE RÁDIO E 206 MÁQUINAS ESTÃO VISÍVEIS. ISSO É TUDO.

Tentei falar, mas minha garganta fechou. Bem, pelo menos isso significava que, se nós vencêssemos hoje, a ameaça estaria extinta.

COM ALGUMA SORTE, SIM. NÓS AINDA NÃO SABEMOS DE ONDE ELAS VÊM.

"Quanto tempo levarão até que cheguem aqui?", inquiriu o rei, com o rosto pálido.

Ninguém esperava tantas, nem mesmo o pessimista oficial real.

"Quinze minutos", disse Cara-de-Rato, com os dedos trêmulos, carregando sua 45.

NA VERDADE, 14 MINUTOS E 35 SEGUNDOS. MAS POR QUE DISCUTIR ISSO?

"Não perturbe."

"Alguma ordem, senhor?", perguntou um cavaleiro do pátio.

Como se seu medo se dissipasse num instante e irradiando confiança, Melvin virou-se para suas tropas e disse: "Preparem-se! Vamos permitir que elas entrem na cidade para depois as explodirmos, como elefantes indefesos, com os canhões!".

O reino inteiro gritou animado.

Elefantes indefesos?

No alto das muralhas do castelo, arqueiros trabalhavam nas fendas para puxar as cordas de poderosas bestas. No chão, artilheiros suados empurravam sacos de pólvora, bolas de ferro e enchiam as gargantas mortais dos pesados canhões. Os canhoneiros derretiam velas para proteger os ouvidos com a cera.

ELES VÃO PRECISAR! ESTE LUGAR VAI FICAR MAIS BARULHENTO QUE UMA FANFARRA SE APRESENTANDO NUMA CAVERNA.

"Falou e disse."

O pátio abaixo parecia cenário da versão medieval da Se-

gunda Guerra Mundial. Cavaleiros trajando armaduras completas acalmavam seus cavalos e preparavam as lanças. Acima do portão frontal, ferreiros e cozinheiros colocavam mais lenha sob os caldeirões de óleo fervente. Médicos abriam preciosos pacotes de bandagens e talas, preparando-se para o pior. Equipes de reparos preparavam seus martelos e baldes d'água, para extinguir focos de incêndio. Se a guerra fosse um esporte olímpico, esses caras estariam, com certeza, com chances de disputar a medalha de ouro.

Em cima da muralha, estávamos parados com as armas nas mãos, silenciosos entre as flâmulas esvoaçantes e rezando.

"Bem que podíamos chamar um daqueles ursos polarizados", eu disse, esmagando, nervosamente, um tijolo solto da parede do castelo. "Se seus campos magnéticos quase nos fritaram, devem fazer o mesmo com as aranhas metálicas."

Um arfante grupo de artilheiros atrasados chegou e começou a descarregar, freneticamente, barris de pólvora, baldes d'água, pacotes de pavios, pilões, bolas de canhão e correntes, de uma carroça.

É, MAS, PARA CHAMÁ-LOS, PRECISARÍAMOS SEGUIR DE VOLTA NOSSOS PASSOS ATÉ O LABORATÓRIO DE DAYTON, ENCONTRAR UM OU DOIS DELES, BRINCAR DE VOCÊ-NÃO-ME-PEGA, ATRAINDO-OS ATÉ AQUI. ENTÃO, NÃO PODERÍAMOS CONTROLÁ-LOS, E OS ANIMAIS PODERIAM TANTO NOS ATACAR COMO ATACAR O INIMIGO.

"E isso tiraria nosso último..."

SE VOCÊ DISSER REC-URSO, VOU ENCHER MEU INTERIOR COM GÁS DE SONO! JURO QUE ENCHO!

Eu? Um trocadilho? Rigorosamente proibido. Começamos a voltar para o castelo para ver o que poderia ser feito. "Ei, que tal encontrar mais alguns daqueles ovos-robôs-bélicos? Dessa vez, vou controlar minha língua."

PROCESSANDO... SIM, EU PODERIA TRANSMITIR UM CHAMADO SUPERPOTENTE, DE AMPLO ESPECTRO E MULTIFREQÜENCIAL, PARA TODAS E QUAISQUER MÁQUINAS MILITARES DE GUERRA VIREM ATÉ AQUI. MAS, ENTÃO, QUALQUER COISA PODERIA APARECER, E NÃO HÁ GARANTIAS DE QUE OBEDECERÃO A VOCÊ COMO PRESIDENTE.

"Hum, boa colocação. E a última coisa de que precisaría-

mos era um coringa nesse jogo. Nós ainda não tínhamos idéia de quem começou a última Guerra Mundial. Seus robôs poderiam estar vagando pelas ruínas da América, procurando por... bem, por mim."

É ALGO PARA SE PENSAR SÉRIO.

"Se ao menos tivéssemos encontrado reforços!" Então, olhando para o céu, pensei nas Sete Irmãs, as estações de batalha há 400 anos em órbita sobre a América. "Hum."

O QUÊ? PEDIR AJUDA PARA ELAS?

"Isso iria machucar?"

PODE ACREDITAR, ESPERTINHO! (Uma curta pausa) EU PODERIA FAZER UMA TELEFOTO DE RECONHECIMENTO DA ÁREA OCUPADA PELAS ARANHAS ATRAVÉS DE UM DOS SUBSISTEMAS INCONSCIENTES DAS SETE IRMÃS. EU PRECISARIA APENAS DE UM PULSO DE UM MICROSSEGUNDO, MAS MESMO ISSO É PERIGOSO.

Cerrei meus punhos. Uma foto de reconhecimento das aranhas iria certamente nos ajudar muito na batalha que estava por vir.

Para tentar acessar os bancos de dados das estações de batalha, volte para 19.

Senão, volte para 27.

54

Bom, agora o jeito era tentar as possibilidades manuais para abrir aquela porta. "Podemos fazê-lo, Albert?"

DESCONHECIDO, SENHOR PRESIDENTE. MAS CERTAMENTE PODEMOS TENTAR.

"Esse é o velho espírito universitário!"

Agachei-me, como os jogadores de futebol americano no início do jogo, e disse: "Baterias atômicas para potência, servomotores para velocidade".

"BANZAI!", gritou Albert.

Então, empurramos a porta resistente como se fôssemos um tanque turbinado. O painel de metal dobrou-se. Rebites pulavam do batente de metal e ricocheteavam por toda a sala. Através de um dos monitores traseiros, vi os corpos de vári-

os faxineiros explodirem por causa dos buracos abertos pelos rebites. Minhas botas de metal começaram a escorregar. Alguns dos medidores, em meu elmo, passaram a piscar e se aproximar da zona vermelha, indicando uma sobrecarga de suas funções. O marcador de força flutuava selvagemente e vários bancos de luz morriam enquanto a energia era desviada de subsistemas para os servomotores.

O painel da porta esquerda lentamente se moveu. Trocando de posição, concentrei-me na porta mais fraca.

"Vamos lá, neném. O papai precisa de uma saída!"

Os servomotores vibravam com o terrível esforço e eu já esperava o cheiro chamuscado dos circuitos. Meus ossos ameaçaram quebrar de tensão, mas ganhei uma fração de polegada. Outra. De repente, uma linha de luz solar, quase tão fina quanto um fio de cabelo, passou pela fenda. Sim!

"Agora, Albert, force ao máximo!", gritei.

AUMENTANDO FATORES DE TORQUE... SERVOMOTORES AO MÁXIMO... ULTRAPASSANDO LIMITES DE SEGURANÇA.

O suor escorria por minha face enquanto eu redobrei os esforços.

A liberdade estava apenas por alguns centímetros. A porta estava fraquejando, assim como eu, mas essa talvez fosse minha única chance. Era agora ou nunca. *Ceda, porta! Ceda!*, mentalizei.

Então, a folha esquerda foi arrancada de suas dobradiças e eu me lancei à frente, me esborrachando numa lama marrom.

Sucesso! Ai, minhas costas...!

Enquanto eu arfava na gloriosa luz do sol, olhei para o monitor superior, que me mostrou a porta sendo projetada além do leito de rio em que eu jazia, em uma densa floresta na margem mais distante.

Havia árvores centenárias onde antes cresciam apenas os campos de trigo de Ohio, que ficava a menos de uma hora. Puxa, cara. Isso era real e verdadeiramente o futuro.

RETOMANDO AS FUNÇÕES NORMAIS.

"Obrigado, Albert."

Tremendo, levantei-me apoiando em meus grossos braços metálicos e, através de meu elmo embaçado, percebi que um rústico dique de paus e pedras tinha sido construído

rio acima para bloquear a água, deixando uma poça rasa com apenas alguns centímetros de profundidade nesse ponto.

No chão barrento, inúmeras pegadas se misturavam confusamente. Algumas, no entanto, apareciam bem definidas e, ao vê-las, fiquei congelado. Foram feitas por pés de três dedos e garras nos calcanhares.

Desconfiado, virei-me, e na porta que sobrou intacta havia arranhões. À frente do prédio, também pude ver um monte de ferramentas de pedra e ossos espalhados pelo chão. As explicações eram óbvias. Alguém — não exatamente humano — tinha tentado entrar no laboratório subterrâneo. E, particularmente, eu estava feliz por eles não terem conseguido. Não sei por que, mas tinha a forte sensação de que as criaturas não faziam parte do Comitê de Boas-Vindas. Mas o que eles eram? Homens das cavernas? Animais mutantes? Escoteiros renegados? Alienígenas do espaço? Ou um vendedor realmente determinado?

Fiquei em pé e bati as botas no chão para retirar um pouco do lodo do rio, que tinha grudado nelas quando caí.

Então, ouvi um poderoso barulho de algo quebrando-se. Virei-me e o dique primitivo partiu-se. Nossa, eu não conhecia minha própria força.

OU MELHOR, A MINHA.

Instintivamente, agachei-me esperando o impacto e uma pequena onda cobriu a mim e a Albert. Momentaneamente, perdi a visão na cascata espumante.

Quando o rio nivelou de novo, removi um peixe de meu visor e sorri. *O almoço estava servido*, pensei.

Então, vi atemorizado, pelo monitor traseiro, que a torrente de águas estava entrando na base subterrânea.

"Não!"

Caminhei pelo rio que se formou, com água até os joelhos, e estiquei minhas fortes mãos metálicas, pronto para fazer alguma coisa. Qualquer coisa para salvar o laboratório, meu sólido elo com o passado.

Mas nenhuma sugestão me veio à mente. Meus suprimentos! Os robôs! O computador!

"Albert, será que poderia fazer algo?"

DESCULPE, SENHOR. SOU UMA UNIDADE DE RECONHECIMENTO, NÃO UM ENCANADOR.

Se você acredita que Renê deve tentar salvar a base, vá para 57.

Senão, volte para 39.

55

"Quer saber, Albert? Nós temos que consertar essa ponte."

INDAGAÇÃO.

"É uma boa ação que faremos. Se há alguém por aí, a notícia de que estamos consertando a ponte irá se espalhar, e vamos conquistar muitas amizades.

ACEITO, SENHOR. E, SE ME PERMITE COMPLETAR, ACHO UMA IDÉIA SUPERBONITA.

"Obrigado", corei. "Agora, se ao menos tivéssemos um ferro de soldar! Então eu poderia fazer alguma coisa." Imediatamente, uma luz espocou do meu dedo indicador direito. Era branca e quente.

SOLDADOR ATIVADO CONFORME REQUISITADO.

"Desde quando você podia fazer esse pequeno truque?", perguntei, olhando para o dedo e pensando no urso que quase tinha feito aperitivo da minha cabeça.

NÃO PODIA ATÉ QUE O SENHOR SOLICITASSE.

Soprei meu dedo brilhante, apagando-o. "Tem mais alguma coisa que você pode fazer que eu não saiba?"

DESCONHECIDO.

Aborrecido, chutei uma pedra na direção do campo. Espere um pouco — eu tive um curso de computação no colégio, só precisava usar os ensinamentos que aprendi lá.

"Albert, por favor, me dê uma listagem visual de todas as suas habilidades, especialmente as que envolvem capacidades ofensivas e defensivas."

Uma pausa curta.

DEMOROU MUITO PARA PENSAR NISSO, HEIN!

E todos os meus três submonitores interiores começaram a imprimir linhas e mais linhas de opções. Dúzias, centenas delas! Bingo!

Sentado no chão rochoso, eu tinha acabado de ler o menu principal quando o radar bipou. Na tela luminescente, o bas-

tão verde brilhante do rastreador detectou uma coleção de marcas retangulares, vindas do norte, pela Interestadual 66, diretamente em minha direção. Alguma coisa... não, coisas estavam vindo até mim, e rápido. Bem, pelo menos, Gamma World nunca era tedioso.

Eu poderia, simplesmente, ter olhado no monitor lateral, mas ainda tinha o hábito de me virar. Quase desejei que não o tivesse.

Eram caminhões. Velhos e de dezoito rodas. Com a aproximação, pude ver dúzias deles e a fumaça que soltavam de seus escapamentos. Cada um era decorado com placas de blindagem, barricadas de sacos de areia nos topos e nichos de armas. Mísseis descobertos estavam presos às laterais e cada centímetro quadrado que não acondicionasse uma arma ostentava pontas de metal.

Veio à minha mente uma cena do filme "Mad Max II", com Mel Gibson e aquele cara australiano que tinha os dentes feios.

ALIÁS, UM BOM ATOR.

"Qual?"

GIBSON.

"Sim, esses caras teriam usado Mad Max como uma decoração de capota."

"Você aí na armadura!", disse alguém com uma voz feminina amplificada do caminhão mais à frente. A grade frontal do veículo era adornada por um círculo cruzado por linha, o símbolo internacional para PROIBIDO. Não havia nada sob o símbolo indicando o que era proibido para a motorista. "Sim, você mesmo! Você é uma camarada feminina precisando de assistência ou um daqueles homens fedorentos e cheios de piolhos?"

Oh,oh. Eu com certeza não gostei daquela frase como um todo. Preconceitos de qualquer tipo significavam problemas. "Albert, você pode mudar minha voz para uma de mulher?", cochichei.

NEGATIVO, SENHOR. O SENHOR NÃO CONSEGUE FAZER UM FALSETE?

"Talvez. Não sei."

ESTÁ QUERENDO ARRISCAR SUA VIDA EM UM TALVEZ, SENHOR?

Se você acha que os heróis devem fazer contato com as pessoas dos caminhões, volte para 47.
Senão, volte para 17.

56

Campos de ervas daninhas e grama nativa tornaram-se fazendas de trigo e milho, abrindo clareiras para cabanas isoladas de troncos, esparsas construções de tábuas de madeira e, finalmente, por assim dizer, uma cidade. Centenas de casas de tijolos e telhados de pedra cinzenta formavam elegantes quarteirões. A rua era lisa, feita de pedriscos redondos — produziam um efeito genial —, e as calçadas eram mosaicos de tijolos vermelhos, sem dúvida pegos das ruínas de uma cidade antiga. Varais carregados de roupas lavadas formavam uma tela embaralhada sobre as ruas. Tínhamos que prestar atenção ou ficaríamos molhados.

Umas mil pessoas perambulavam, carregando pacotes, gritando umas com as outras, gargalhando, cantando. Crianças corriam e pequenos cachorros roxos, com jubas brancas, acompanhavam-nas. Os homens e mulheres vestiam calças simples, com túnicas sobrepostas. Muitos calçavam sandálias de couro abertas em vez de botas. Fazia um dia quente, e os sistemas centrais de ar-condicionado eram coisas do passado.

Na praça da cidade, encontramos o mercado de um fazendeiro. Era uma imagem viva da minha aula de história sobre a Europa Medieval.

Carroças e charretes cheias de vegetais frescos faziam uma mixórdia bárbara. Homens e mulheres vestindo aventais vendiam uma centena de coisas, de maçãs a sacolas. Corpulentos armeiros mostravam uma enorme coleção de afiadas armas e escudos sortidos. Ceramistas balançavam pratos e canecas. Cervejeiros vendiam bebidas em copos ou por barris. Joalheiros gabavam-se de anéis, colares e adagas decorativas, com bonitos punhos trabalhados. Era um lugar barulhento, louco, selvagem e exalava um cheiro forte. Ninguém tentava empurrar suas mercadorias, não havia mendi-

gos à vista e as pessoas não andavam com uma mão na bolsa e a outra na espada. Os roubos deveriam ser raros. Outro ponto curioso eram os pequenos quadrados de vidro, sua moeda corrente.

"Dinheiro de vidro?"

"Certamente", respondeu Jenny, divertindo-se. "Com nossa atual tecnologia é impossível duplicar o vidro liso dos Antigos, assim não pode haver falsificações. Também é desvantajoso roubá-lo, pois arrombar um cofre, muito provavelmente, fará destruir o que tanto se quer pegar. E, uma vez que não se pode fabricar mais peças, a quantidade de moedas em circulação é restrita, ajudando assim a manter uma economia estável e sem inflação residual."

Meu queixo caiu.

ELES SÃO PRIMITIVOS, SENHOR PRESIDENTE, NÃO ESTÚPIDOS.

Rapidamente subiu meu conceito a respeito das pessoas da vila. Eu estava começando a gostar deles.

A maioria da multidão se acotovelava nas ruas, mas conseguíamos andar sem esbarrar em ninguém, como se nos abrissem passagem. Esse apreço acontecia ou porque Jenny era uma nobre cavaleira ou pelo fato de a armadura de força impressionar essas boas pessoas.

TALVEZ SEJA MINHA BELA VOZ.

Erguendo-se imponente, havia um poderoso castelo de pedra com quatro ou cinco andares. O muro exterior tinha cerca de 9 metros de altura e era feito de grandes blocos de pedra — o suficiente para esmagar uma horda de ursos polarizados! Não havia fosso, mas a porta frontal era de madeira, coberta com pontas de aço. Ninguém são se atrevia a entrar no castelo. Além da grande muralha, havia uma coleção de torres e postos de disparo, com flâmulas balançando, que me fizeram sentir Robin Hood numa matinê de sábado.

"Jenny, você me contou que esse é o Reino Scamish, mas qual é o nome da cidade?"

"Torneio da Coroa", respondeu ela, com um sorriso nos lábios. "Meu lar."

"Torneio da Coroa... Que será isso? Uma competição pela coroa real? Um concurso para ser rei? Humm..."

SENHOR, ACHO QUE TENHO EXPLICAÇÕES.

"Então, desembuche!"

<Suspiro> O PRÓPRIO NOME DESTE REINO, 'SCAMISH', DIZ MUITO. OS SCA ERAM UM GRUPO DE PESSOAS QUE GOSTAVA DE SE SENTIR NA IDADE MÉDIA. FREQÜENTEMENTE VESTIAM ARMADURAS E IMITAVAM AS LUTAS DE ANTIGAMENTE.

"Ah, ouvi falar deles. Na verdade, pareciam divertidos."

AGORA, A PARTE 'MISH' PODERIA FACILMENTE VIR DOS AMISHES, FAZENDEIROS PACÍFICOS DA NOSSA ÉPOCA QUE DESPREZAVAM A TECNOLOGIA AVANÇADA. QUANDO AS BOMBAS CAÍRAM, A CIVILIZAÇÃO RUIU. UM GRUPO DE SCA DESAMPARADO — VESTIDOS À CARÁTER — PODERIA TER ENCONTRADO UMA VILA DE AMISHES, QUE TINHAM MUITA COMIDA MAS NENHUMA PROTEÇÃO. CADA GRUPO PERCEBEU QUE PRECISAVA DO OUTRO, POIS POSSUÍAM QUALIDADES E ATRIBUTOS QUE SE COMPLETAVAM. ASSIM FOI FORMADO ESTE REINO.

"E o nome da vila?"

ALTA PROBABILIDADE DE QUE OS MEMBROS SCA, QUE FUNDARAM ESTA COMUNIDADE, ORGANIZASSEM TAL EVENTO NA ÉPOCAS DAS GUERRAS. O NOME SIMPLESMENTE FICOU. TALVEZ POR RAZÕES SENTIMENTAIS, TALVEZ PORQUE ALGUM CAVALEIRO SCA TENHA CONQUISTADO UMA COROA.

Sim, parecia lógico. Eu tinha um computador esperto aqui. É claro, eram suposições, mas serviam para o momento.

Pedi visão amplificada e vi, tremulando no topo da mais alta torre de tiro, uma grande bandeira triangular adornada por uma representação colorida de um tatu empinando. Era um dragão, Jenny me informou orgulhosamente. Eu não ousei discordar. Em Gamma World, um inofensivo tatu poderia facilmente ter 15 metros de altura, cuspir fogo e, talvez, até sapatear e dançar enquanto derruba cavaleiros de seus cavalos. Que mundo! Que mundo!

Deixando o barulhento mercado, cruzamos uma rua aberta e nos aproximamos do castelo. A grade levadiça era feita de grossas barras de ferro rebitadas e cruzadas. Bestas medievais gigantes, que lançavam flechas do tamanho de postes telefônicos, pontilhavam o topo da muralha. Canhões anti-

gos, carregáveis pela boca, flanqueavam cada lado do túnel de entrada com os canos bem marcados pelo uso constante.

Qualquer um, idiota o suficiente para tentar um assalto frontal a esse lugar, mereceria voltar para casa em um "paletó de madeira".

Ao comando de Jenny, a grade levadiça foi erguida e nós adentramos. O túnel estava ligeiramente frio e sombras camuflavam os canhões. Passada uma guarita, os soldados em serviço saudaram Jenny e deixaram-nos passar. Tocadores de trombetas soaram um chamado de saudação quando entramos no pátio principal, enquanto inúmeras pessoas, trajando ou não armaduras, dirigiam cumprimentos a minha amiga cavaleira. Através dos monitores laterais, sob meu queixo, vi que uma dúzia de bestas foi apontada diretamente para mim.

ACHO QUE NÃO CONFIAM PLENAMENTE EM NÓS, SENHOR.

Volte para 46.

57

Mas eu tinha que fazer alguma coisa! Corri até onde estava a folha da porta que arranquei, agarrei-a e tentei empurrá-la de volta ao seu lugar usando minhas mãos de metal.

O portal tinha sido bem deformado por Albert em nossa saída e a parte arrancada servia tão mal quanto uma roupa de segunda mão.

A água passava com uma força fenomenal e eu não conseguia uma boa posição para colocar a porta no lugar.

"Computador!", gritei pelo sistema de alto-falantes de Albert. "Há uma inundação! A água está invadindo o laboratório! Feche todos os lacres internos! Proteja-se!"

Em resposta, veio um abafado barulho de explosão subterrânea, seguida de perto por um grande estouro. Então, uma bola de fogo nos atingiu, e fomos jogado para o alto. Deus, odeio quando isso acontece.

Essa viagem fora curta e novamente nos esborrachamos na margem barrenta do rio. Porém, intactos. Albert era um "hombre" durão.

NEGATIVO, SENHOR. MINHAS FUNÇÕES DE

AUTO-REPARO FORAM DANIFICADAS!

Oh, droga!

NÃO, ESPERE... PRONTO, EU ACABEI DE CONSERTÁ-LAS.

Ufa! Essa foi por pouco.

Vá para 39.

58

Um repique leve acordou-me ao amanhecer. A princípio, pensei que fosse algum tipo de alarme musical de Albert, mas era Jennifer batendo em meu elmo com sua espada.

"Aqui é onde desembarcamos", ela disse, puxando a corda com força e amarrando-a numa estaca, num cais que parecia novo em folha. "Isso é o mais perto que o rio chega de meu reino. Agora, teremos de caminhar."

DEVO QUEIMAR O BOTE, SENHOR?

Cuidadosamente desembarquei, alcançando o cais firme sem qualquer infortúnio embaraçoso. "Não, pois que mal alguém pode fazer com um barco tão pequeno? Deixe-o aí para algum morador local que precise de transporte."

ENTENDIDO.

Afastamo-nos do cais e continuamos por uma rampa coberta de pedriscos.

Volte para 9.

59

"Sem chance", disse. "Conheço uma armadilha quando vejo uma."

ANOTAREI ESSA SUA FRASE NA MINHA LISTA DE CITAÇÕES.

Mentalmente contando-lhe o que fazer com sua citação, olhei para os escombros. Estávamos a bordo, mas ainda precisávamos que alguém respondesse a algumas perguntas.

ENTENDIDO. INICIANDO RASTREIO DE SEGURANÇA COMPLETO.

Tomando fôlego, sentei numa cadeira para esperar. Ela imediatamente se transformou em milhares de palitos de dentes sob meu inacreditável peso, e eu bati sonoramente no convés. Candidamente, movi o resto da minha carcaça para cima de um dos corpos fumegantes dos robôs. Ele rangeu alto, mas continuou intacto.

ALERTA. HÁ ALGUÉM VIVO NA DESPENSA DO PORÃO DO NAVIO.

"Esse alguém é uma pessoa, coisa ou robô?"

PESSOA.

Usando o braço de um dos robôs como clava, corri para a escadaria. Era a hora de ter algumas respostas, e eu ia obtê-las, de um jeito ou de outro.

As escadas estavam em péssimas condições, como o convés do barco. Trabalhar em meio a metal enferrujado parecia ser o principal hobby desses caras. Seguindo o acesso que passava por uma cozinha engordurada e por uma ducha sem uso e fedorenta, abri a porta para a despensa. Apenas depois de empurrá-la para o lado é que vi que estava trancada. Que coisa! Eu não conhecia minha própria força.

Ultrapassando o batente, vi que era escuro como breu lá dentro. Havia luzes nas paredes e no teto, mas nenhum dos interruptores parecia funcionar muito bem — ou a corrente estava fraca ou as lâmpadas estavam queimadas. O barco era do meu período histórico, ou até mesmo anterior. A única iluminação era a fraca luz do sol que refletia no corredor.

Apesar da iluminação pobre, eu ainda podia ver que a despensa estava cheia de pilhas de beliches, com apenas alguns centímetros entre eles, cheios de correntes, elos brilhantes e limpos, com suas extensões cheias de grilhões e milhares de algemas — graças a Deus, vazias. Agora, eu estava arrependido por ter deixado aqueles poucos escaparem vivos. Os donos desse barco eram qualquer coisa, menos pescadores pacíficos. Eles eram a mais baixa escória na face da Terra.

"Escravizadores!", amaldiçoei em voz alta.

De repente, ouvi um gemido vindo de um canto escuro.

PASSANDO PARA INFRAVERMELHO.

A imagem do meu visor ficou em preto e branco, e a escuridão diante de mim desapareceu completamente. Aper-

tando o braço de robô em minha mão esquerda, caminhei silenciosamente pelo chão de madeira do navio. Isso poderia ser uma armadilha.

"Por obséquio", alguém disse suavemente.

Hein?

POR OBSÉQUIO, disse Albert em minha mente. SINÔNIMO DE "POR FAVOR".

Relaxei. Escravizadores raramente eram polidos. "Olá?", chamei.

Um farfalhar soou na escuridão, fora do meu alcance de visibilidade. "Onde... tu estás?"

"Luzes externas", ordenei. "Um quarto de energia." Meu elmo acendeu suas luzes e o escuro foi invadido por um brilho branco que encheu a sala.

No meio da despensa, deitado numa suja plataforma, havia um homem magricela, trajando uma cota de malha. Uma túnica rasgada e suja, com um desenho estranho na frente, cobria seu peito. Baixei o braço e me aproximei. Não parecia uma armadilha. Grossas correntes prendiam seus pés e suas mãos.

"Saudações, bom cavaleiro", a figura disse, virando para me encarar. Seus lábios estavam ensangüentados e ela esboçou um tímido sorriso.

Uma garota?! As correntes que a prendiam eram de uma liga de aço-titânio-cromo. Quebrei-as como se fossem barbante podre. Jogando os elos para o lado, ofereci-lhe uma manopla para sair dali. "Deixe-me ajudá-la a se levantar, senhorita. Senhorita? Senhora?"

"Sir, sou uma cavaleira", corrigiu ela, educadamente.

ALERTA!, gritou Albert. ALERTA VERMELHO DOIDO!

Vá para 74.

60

Com um comando mental, desinflei as almofadas e alcancei o pequeno painel de controle no nível do tórax. Apertando o grande botão vermelho que marcava "Sair!", senti a armadura estremecer e partir-se ao meu redor.

Desculpe-me, velho, mas era você ou eu.

Uma vez livre, olhei para a face espumante do bandidão peludo e deixei meus pés fazerem o que eles sabem fazer melhor: correr!

Menor e mais ágil, eu simplesmente tinha que superar o "Golias Nervosinho".

Eu avançara apenas alguns metros entre galhos grossos, quando ouvi um horrível som de coisa rasgando. Senti uma dor aguda atingir minhas costas. Alguma coisa quente e viscosa estava escorrendo por elas e meu ombro doía como se tivesse sido picado por um milhão de abelhas. Avançando em velocidade ainda maior, fui cortando a floresta, correndo entre as árvores, enquanto o monstro atrás de mim simplesmente as derrubava como um trator de demolição.

Aquela agonia quente se espalhou pelo meu ombro. Esbarrei em algumas árvores, desorientado. Por um momento pensei ter despistado "Branquinho", mas o cheiro de sangue fresco sempre o trazia de volta, ao meu encalço. Esse urso poderia causar complexo de inferioridade a um míssil teleguiado!

Ao deixar a floresta, fiz uma parada brusca. Estava à beira de uma ravina profunda. Uma outra floresta preenchia o pequeno vale, com os topos das árvores a uns 30 metros abaixo de mim. Não havia nenhum meio aparente para se descer, exceto apelando para a gravidade. Não, obrigado. Eu poderia me machucar muito fazendo aquilo. Um terreno limpo como uma planície inculta se estendia ao norte — escolher aquele lugar era morte certa. Só me restavam duas opções: voltar à floresta ou descer para a ravina. Debruceime para examinar sua face rochosa. Hum.

O urso polar reapareceu, arrastando lascas de madeira e cipós, a apenas 3 metros de distância. Barulhento e enorme, o animal rosnava e estava visivelmente esfomeado. Ele avançou em minha direção com as garras longas parecendo navalhas negras.

Segundos me restavam para decidir. Pular ou correr?

Se você acha que Renê deve pular no penhasco, volte para 48.

Se decidir que ele deve correr, volte para 40.

61

Alcançando o outro lado do atalho, não encontramos nada de interessante — até que para variar, isso era bom. A Rota 70 realmente recomeçava no oeste, e, mais uma vez, começamos a andar a mais de 90 quilômetros por hora. O estado de Indiana parecia intocado pela guerra, as colinas e as planícies verdejantes continuavam exatamente iguais ao que eu me lembrava delas.

Mesmo a placa do Motel 6, ou a parada de caminhões Union 76, ainda estava no lugar. Até os grandes postes de aço da parada — que se estendiam por uns 30 metros, em direção ao céu, para que os caminhoneiros pudessem vê-los a tempo de desacelerar suas grandes máquinas — permaneciam intactos.

Mas, quando resolvi explorar melhor o lugar, encontrei apenas um pântano gosmento, sem nada. As árvores estavam mortas e envolvidas por limo e bandos de jacarés — com alças saindo de suas costas.

QUE BACANA! BAGAGEM PRONTA PARA USAR.

"E, também, que pode ir sozinha para o porta-malas!"

HA! HA!

O sol passou pelo seu zênite e começou a se pôr quando nos aproximamos da latitude e longitude de Indianápolis.

Meu estômago roncava bastante, e a água, condensada pelo sistema de refrigeração de Albert, ajudava, mas pouco. Seus sensores médicos mantinham um diagrama constante nas folhas, ao longo da estrada. Mas, até agora, nada havia sido listado como comestível ou contendo qualquer nutriente. O ar e a água podiam ser limpos, porém, as plantas tinham se transformado em "salgadinhos do Boteco Jesus me Chama"! Que triste.

Estávamos correndo sob um viaduto de concreto que cortava a estrada, alegremente decorado com grafites de tintas fluorescente que diziam "Gamma governa!", "Gliz é o fundo do poço" e "Abduhl Benny Hassan esteve aqui / 2299", quando comecei a me preocupar com o lugar onde passaríamos a noite. Então, uma visão estranha apareceu diante dos meus olhos.

Afastado da Interestadual, depois das ruínas de um posto

de gasolina e do esqueleto queimado de um restaurante chamado Planet Hollywood — dos saudosos Bruce Willis, Sylvester Stallone e Arnold Schwarzenegger —, havia um tremendo estacionamento asfaltado, totalmente vazio. Parecia uma vasta planície que envolvia dúzias de pequenas estruturas ligadas umas nas outras.

Santos gatos! Um velho, comum e evidente shopping center! Intacto! Sem danos!

Porém, como nada pode ser perfeito, estava sob ataque. Dúzias de ovos prateados voadores moviam-se em ziguezague sobre o estacionamento. As esferas possuíam tentáculos metálicos e, no topo, torres em miniatura rodeadas de câmeras e armas. Também havia alguns compartimentos de munição e outros tubos, com as pontas enegrecidas pelo uso constante.

Albert gravou a luta no vídeo.

Movendo-se intensamente, os ovos lançavam descargas de laser em todas as direções, tentando fazer buracos na superfície cheia de fuligem.

Mas, então, determinadas seções do estacionamento se abriram e lançadores de mísseis se ergueram. A batalha entre as duas forças de combate era realmente espetacular e muito estrondosa.

De repente, o ar na frente dos globos metálicos tornou-se turvo e brilhante. Olhei para meus monitores, que gravavam tudo, e eles indicavam que aquilo era um campo de força!

Foi então que percebi que os buracos feitos pelo laser dos ovos formavam círculos. Cada qual tinha cerca de um metro de diâmetro.

SENHOR, O CAMPO DE FORÇA ESTÁ DIMINUINDO, INDICANDO UM GERADOR CANSADO. ESSES OVOS DEVEM SER CARAS DUROS. VAMOS AJUDAR?

"Mas, quem? Quais são os caras bons e quais os maus?

Volte para 30.

62

Quando nos aproximamos da embarcação presa ao cais, as bestas dos gêmeos atiraram simultaneamente, e um par

de flechas parou de repente no ar, à nossa frente. Porém, o campo de força estava quase rachando, devido à descarga da força dinâmica armazenada. Então, as travas detonaram violentamente. Mas a explosão química foi facilmente controlada. O careca com a manopla energética agachou-se atrás de um barril e atirou um feixe branco cintilante na nossa direção. Ele errou e acabou acertando uma árvore. O buraco que se formou era grande o suficiente para guardar um alce de qualquer tamanho.

Telepaticamente, coloquei os servomotores em força total e levantei o escudo primário. Certo, chega de bancar o Sr. Presidente Bonzinho! Eles queriam lutar? Sem problema. Eu estava cansado de fugir das pessoas. Além disso, eu queria algumas respostas, e esses caras tinham acabado de ser eleitos "Garotos do Concurso de Perguntas e Respostas Oficial sobre Gamma World".

EU OS ACERTO NO ALTO E VOCÊ EMBAIXO.

"Hup, hup, hup!", gritei e avancei para cima deles.

Feixes de laser lançados pelas manoplas deslizavam por nosso escudo e explodiam no chão ao nosso redor. Os fragmentos de rocha eram silenciosamente defletidos pelo escudo.

Ziguezagueando, corri pelo cais e lancei-me aos que restavam como um trator movido a foguetes. Eles não tiveram uma chance.

DURÃO.

Mesmo com o filtro de som ligado, eu senti os impactos brutais e quebrei outro dente ao me jogar contra o careca, que tinha as mãos carregadas de pistolas mirando-me.

Movendo-nos rapidamente, viramos o canhão, demolimos o barril e atravessamos a parede da cabine principal. Conseguimos, por pouco, parar antes de arrebentarmos o outro lado e cair na água. Ufa, Albert não era fácil de parar, nem mesmo quando eu queria.

DESCULPE... INÉRCIA, VOCÊ SABE. A SEGUNDA LEI DE NEWTON E TUDO QUE VOCÊ JÁ SABE.

Vi mobília destruída espalhada por todos os lados, garrafas e papéis entulhados no chão.

CONVÉS.

E daí? Que lugar nojento. Um pequeno fogo estava queimando dentro de um forno no canto. Um forno de madeira?,

quando eles tinham armas cibernéticas? Ei! Talvez esses bobalhões não saibam nada sobre essas cibercoisas, exceto como fazê-las funcionar. Como um nativo das selvas segurando uma metralhadora.

Mas, se fosse assim, quem teria construído as tais coisas para eles?

Ambas as janelas explodiram bem na hora em que duas armaduras de força, vulgarmente decoradas, atacaram de direções opostas! Aiii!

Abaixando-me, deixei o primeiro deles, preto e dourado, voar por cima de mim e atingir a parede, provocando um som de gongo! Ha! Esses carinhas eram tão difíceis de manobrar quanto Albert, o que me deu uma idéia.

Agarrando as pernas da armadura caída, balancei-o como um martelo viking de batalha e esmaguei-o contra a armadura verde e vermelha assim que o trouxa tentou me agarrar. Os dois se chocaram como cerâmica decorativa, explodindo numa chuva de peças e fios.

TOME ISSO! E ISSO! E MAIS ISSO!

Depois de pisar em tudo que parecesse interessante, apenas para ter certeza de que os robôs tinham desativado, movi-me para o buraco de entrada, que eu mesmo fizera na parede, para checar o resto da tripulação pirata. Eu ainda precisava de alguém para conversar!

Contudo, eu precisei acionar uma amplificação em dez pontos para ver os outros escapando pelas árvores. Uau! Esses caras podiam correr mesmo.

Ia precisar de muita força para alcançá-los. Embora eles estivessem olhando sobre seus ombros, de vez em quando, como se quisessem que nós os seguíssemos.

CONCORDO. DEVEMOS PERSEGUI-LOS?

Se você acha que eles devem perseguir os marinheiros, vá para 72.

Senão, volte para 59.

63

Movendo-me rapidamente pelas ruas cheias de entulho, Jennifer e eu começamos a procurar pelo sobrevivente. Os

sons pareciam vir de um edifício de tijolos, abandonado e em mau estado, que se erguia em um terreno baldio. O jardim estava cheio de quinquilharias antigas e uma carroça de madeira parcialmente destruída.

"Vou checar lá dentro. Você fica aqui", instruí.

A guerreira balançou a cabeça aceitando, com seu olhar atento constantemente observando a cidade.

"Olá?", gritei em tom de amizade enquanto atravessava a porta."Garotinho? Menininha? Estamos aqui para ajudar." Nada de respostas. "Onde você está?"

Cipós de hera e trepadeiras cobriam o chão e as paredes. Flores decoravam o interior escuro. Não havia segundo andar, mas eu podia ver um grande arcabouço no telhado. No centro da estrutura queimada, encontrei uma grande pilha de ossos de animais e humanos. A maioria deles parecia recém-colocada ali, alguns, no entanto, já eram bastante velhos. Nenhum era de criança. Aliás, não havia nenhum lugar para uma criança se esconder. Ainda assim, pressentia que era o lugar de onde os gritos vieram. "O que está acontecendo aqui? Esconde-esconde?"

OU TRAPAÇA, afirmou Albert. SENHOR, MEUS SENSORES NÃO MOSTRAM ABSOLUTAMENTE NENHUMA FORMA DE VIDA NESTA ÁREA INTEIRA, EXCETO O SENHOR E JENNIFER.

Aborrecido, chutei o tapete de cipós que cobria o chão. Instantaneamente, folhas cobertas de espinhos brotaram do chão e cobriram a porta e as janelas, fechando todas as saídas. Meus monitores indicavam símbolos químicos, enquanto meus sensores percebiam um perfume doce enjoativo.

ISTO É, NENHUMA FORMA DE VIDA EXCETO A PLANTA ASSASSINA GIGANTE QUE O ATRAIU ATÉ AQUI!

"Puxa, obrigado pelo aviso, amigão."

DISPONHA.

"Jenny, não entre!", gritei pelo alto-falante, regulado para o volume máximo.

Consegui abrir caminho até um canto, acertando várias plantas com o laser. Mas os buracos feitos pela arma tapavam-se num instante, produzindo apenas marcas inchadas no couro áspero e fibroso da criatura.

SABE, POR SER UMA SUPERARMA, ESTE LASER OCASIONALMENTE DEIXA MUITO A DESEJAR.

Mas como você mata uma planta? Ela não tem cérebro nem coração — é mais ou menos como certos tipos de advogados.

E ESSA COISA NUNCA VAI NOS DEIXAR PARTIR.

"Como você sabe?", perguntei, tentando arrancar as folhas da porta. Mais folhas surgiam do chão, e eu tinha que bater em retirada.

Em resposta, uma cruz verde apareceu na placa visual, apontando para o lado oposto às ruínas. Lá, vi os enferrujados restos de outro conjunto de armadura de força, com um esqueleto sorridente, ainda visível através da placa facial transparente. Uh, cara!

Ajustando o alto-falante externo no volume máximo, Albert fez ecoar um lamento ultra-sônico sem efeito aparente. Nós precisávamos de algo melhor, algo que pudesse rasgar fundo a planta. Rastreando pelas ruínas, vi cerâmica esfarelada, um sofá quebrado, um refrigerador enferrujado, um arquivo de aço e um pôster da Dolly Parton coberto de fungos.

"Tijolos derretem?", perguntei, esquivando-me do cipó que queria acertar minha cabeça.

DESCONHECIDO.

Acertando um com o feixe de laser difundido, o tijolo vermelho ficou quente, tornou-se laranja, amarelo, amarelo-claro, branco e, então, desfez-se em um pó marrom. Frustrado, joguei para longe o resíduo de fumaça. Isso significava que eu não poderia queimar o prédio todo, nem essa rutabaga maldita.

Fazendo um movimento usado no futebol americano, desviei-me do golpe de um cipó. O chão era um ninho de hera se mexendo e, sem a armadura, eu estaria duplamente morto.

É BOM SABER QUE SOU ÚTIL.

O truque do tijolo poderia não ter dado certo, mas aquilo ainda me deixava a opção número dois. Acercando-me ainda mais da estrutura morta, empurrei uma viga de suporte que pendia da parede. A madeira forte rangeu e caiu perto da manopla que eu usava.

SENHOR, O QUE ESTÁ FAZENDO?

"Reciclando!"

HEIN?

Segurando a viga, cortei-a com o laser. Virei-a e cortei de novo. Agora a ponta tinha um triângulo afiado, como a ponta de uma lança.

VAMOS, CHEFE!

Usando as duas mãos para agarrar minha arma improvisada, bufei como um touro e avancei em direção ao centro do edifício duplex de cipós balançantes.

Eu juro, a planta, valentemente, tentou arrancar a casa de suas fundações e mover-se para a esquerda, quando eu avancei como um míssil e enterrei fundo minha lança no centro carnudo do inimigo verde.

Os cipós ficaram perfeitamente retos e eu ouvi um grito de dor, diferente de qualquer coisa que já tivesse ouvido.

"Agora!", comandei, afastando-me.

De uma vez, Albert, mecanicamente, girou o braço da armadura e, de um golpe, enfiou a cunha gigante até o fim. Um caldo pegajoso espirrou do ferimento da planta. Usei o laser em ajuste de força máxima, e a forte coluna de carvalho ardeu em chamas.

Os cipós chacoalharam como se estivessem desesperados, quebrando o prédio por todos os lados. Uma chuva de tijolos caiu sobre meu elmo, os suportes de concreto racharam e uma porta coberta de folhas abriu-se por um segundo. Não pensei duas vezes e dei no pé.

Chegando à rua, juntei-me a Jennifer, que estava ajoelhada, amarrando um pano num taco de beisebol, com a intenção de improvisar uma tocha. Obviamente, tivemos a mesma idéia.

Refugiamo-nos atrás de uma caixa de correio e observamos o frondoso leviatã verde murchar, torcer, chacoalhar e tremer até sua derradeira morte, quieta e fumegante.

"Muito bem, sir!", cumprimentou-me Jenny, limpando a gosma de sua arma. Ela devia ter tentado algo enquanto eu estava no edifício. "Uma batalha digna de um rei."

"Não foi nada", brinquei, aumentando o fluxo de oxigênio na armadura. "Foi tão fácil como cortar um tomate."

AH, SENHOR?!

"Sim?"

AQUELE ERA UM TOMATEIRO.

Oh... Seria um exagero até para a macarronada de domingo.

"O mais estranho foi o choro de criança", observou Jenny, mordendo seu lábio inferior.

Vá para 25.

64

A grade levadiça fechou com um estrondo e o portão interno deslizou através do túnel de entrada, fechando-se também. Correndo para o topo das muralhas externas, Jenny, Rei Melvin, Cara-de-Rato e eu olhávamos para a cena de terror abaixo de nós.

A fera pairava sobre as cabanas de Torneio da Coroa. Pessoas gritavam e corriam para todos os lados. Vegetais estavam jogados pelo pátio e uma dúzia de carroças pegava fogo. A luz da tarde brilhava no corpo de aço polido da aranha, dificultando-nos a visão de sua cabeça.

É DIFÍCIL ACERTAR UM TIRO.

Os enormes olhos vermelho-cristalinos rodavam em várias direções como se a máquina pudesse distinguir a todas ao mesmo tempo. Fiquei arrepiado.

Flechas lançadas das bestas acertavam o chão ao redor das pernas de aço do aracnídeo mecânico. Apenas duas atingiram o corpo, se desfizeram em serragem.

INFELIZMENTE, ESTA NÃO É UMA ARANHA VESTINDO ARMADURA, MAS UMA MÁQUINA EM FORMATO DE ARANHA.

"Certo. O que quero saber é como a enfrentaremos?", perguntei.

Uma companhia de soldados avançou, rodeando um celeiro. Tomaram posição e, então, dispararam uma chuva de flechas na criatura. Enquanto os projéteis ricocheteavam na blindagem, a boca da máquina se abriu e a aranha vomitou fogo nos defensores, fritando-os vivos.

BEM DE LONGE.

"Que diabos", resmunguei. Pessoas estavam morrendo lá embaixo e eu ia apenas ficar parado aqui olhando?

"Por que os canhões não estão atirando?", quis saber a grã-vizir, apertando uma 45 automática com suas mãos delgadas.

"De nada adiantarão", explicou Jenny, dobrando o corpo para puxar a alça de uma urna cheia de grandes rochas. A caixa se abriu e os rochedos rolaram em direção à aranha. Agilmente, a criatura desviou do ataque e apenas o pátio sofreu danos. "Vê? Ela se move muito rapidamente, e os nossos canhões não conseguem atingi-la."

Rosnando, Cara-de-Rato apontou para a fera e atirou com sua pistola. Como estávamos a uma altura de quatro andares, não podíamos ver se as balas estavam surtindo algum efeito.

O rei deu um suspiro e sacou sua espada. A lâmina emitiu um suave brilho azul. O gume faiscava. Aquela visão fazia a lendária Excalibur parecer um canivete.

"Então, eu devo enfrentá-la num combate individual!", gritou Melvin, ganhando meu respeito."Abram os portões! Como rei, assim vos ordeno!"

Mas, a estas palavras, a coisa parou a carnificina e voltou-se para cima, olhando diretamente para nós. Mostrando seu valor, Cara-de-Rato imediatamente colocou-se à frente de seu soberano para protegê-lo.

"Você é o governante deste rebanho?", ecoou uma voz amplificada da máquina.

Rei Melvin podia apenas balbuciar, tão grande era sua ira. Ele quase pulou da muralha para dar, ele mesmo, uns sopapos no inseto que proferia tais insultos.

"Nós, da Nova Ordem, vos convidamos a se renderem. Já capturamos milhares de suas unidades rebeldes. Não vamos tolerar mais paredes!"

Entreolhamo-nos diante da frase absurda. Ela não gostava de paredes? E toda aquele ataque era só por causa disso?

Ela fincou suas pernas metálicas em algumas pedras desniveladas. "Retornem às vossas câmaras de nascimento, ou morram! A Nova Ordem vos dá uma rotação solar completa para decidirem... Antes que decidamos por vós!"

A resposta que o rei lhe deu era tão ofensiva que eu engoli minha goma de mascar — se é que estava mascando alguma.

"Resistir é inútil!", transmitiu a coisa pelos próprios altofalantes, voltando seus olhos gigantes para os incontáveis focos de fogo provocados por sua chegada. "Inútil!"

SEMPRE QUE ALGUÉM PRONUNCIA ISSO É PORQUE A ÚLTIMA COISA QUE QUEREM É QUE VOCÊ CONTINUE LUTANDO.

"Entendi, amigão. Se ao menos soubéssemos de onde essas coisas estão vindo, poderíamos planejar uma invasão ao seu buraco de origem e pegá-las antes que nos peguem!"

Guardas apressavam-se no pátio inferior, arrastando um único e enorme canhão para os portões frontais. Bom movimento.

EU REALMENTE LAMENTO, SENHOR. MAS PRECISO DE MAIS UMA REFERÊNCIA DE VOZ PARA MAPEAR A FONTE DOS COMANDOS DE RÁDIO EMITIDOS PELA CRIATURA.

Uma vez mais, hein? Bem, isso era fácil. Eu sabia o que fazer para aquela coisa contatar sua base e pedir instruções. "Ei, babaca!", gritei no volume máximo de minha amplificação.

Lá embaixo, a grande cabeça metálica virou-se em minha direção.

"Ah! É o Cavaleiro Gamma que estávamos rastreando desde o afundamento dos ciborgues. Obrigado por localizar essas unidades selvagens. Como recompensa, você poderá partir incólume, meu irmão."

SENHOR, ESSAS COISAS TÊM NOS SEGUIDO COMO CAÇADORES ATRÁS DE PERDIGUEIROS, E TORCENDO PARA QUE LOCALIZEMOS MAIS "UNIDADES SELVAGENS" PARA ELES!

E fomos nós que os levamos direto para os Scamishes. "!@#*&*!", vociferei incoerentemente dentro de minha armadura. Felizmente, o alto-falante externo estava desligado.

Estava tão furioso de ser usado como queijo vivo numa ratoeira, que eu pensava seriamente em pular a muralha e dar uma muqueta nas fuças dessa lata de sardinha!

Se você decidir atacar a aranha gigante, vá para 69.
Senão, volte para 35

65

Eu, definitivamente, iria ficar dentro de Al. Afinal, não sou trouxa! Porém, apesar de minha luta para erguer as pernas, a

armadura de força simplesmente ficou imóvel. Ah, diabos! Com Albert fora do ar, eu tinha perdido a maior parte do controle dos servomotores e minicomputadores. A força tinha baixado ao mínimo, o escudo não estava funcionando e eu estava preso dentro dessas duas toneladas de roupa indestrutível!

Mas, quando o terrível urso se aproximou, grunhindo e cheirando, meu medo dissipou-se e eu sorri. E daí que ele estava a fim de me fazer sua refeição? Essa era uma super e dura armadura militar. O que podia um urso, mesmo que excepcionalmente grande, fazer a mim? Sentia-me seguro.

Com uma patada, o monstro me lançou para o alto, e eu caí violentamente em alguma coisa extremamente dura e sólida. Algo assim como o Monte Everest, ou talvez outro urso.

"Droga, Albert...", supliquei enquanto o monstro branco tentava cravar suas presas em meu peito blindado, deixando fendas bastante grandes, semelhantes as de grelha. Então, começou a bater em mim como se eu fosse um tambor.

Tum-tum, tum-tum, tum-tum!

"Albert!"

Tum-tum!

Puxa! O que seria isso, um sarau?

Enquanto eu prometia nunca mais judiar de gatos, meus ouvidos zumbiam com o barulho ensurdecedor. Tentei ficar de pé, ou mesmo espernear valentemente, mas não adiantava. Os medidores estavam na zona vermelha. A armadura fechada respondia a alguns de meus movimentos, mas muito devagar e com a força de uma mosca anêmica.

Usando suas duas patas, a fera ergueu a armadura acima da cabeça e atirou-nos contra um rochedo, transformando a rocha em cascalho e destruindo minhas luzes internas.

Eu sabia que tinha de fazer alguma coisa, e rápido. Se a armadura não rachasse logo com essa surra brutal, eu seria golpeado até a morte. Aproveitando a distorcida luz do sol, que penetrava o interior da armadura pela placa facial do elmo, vasculhei o banco de controles. Nada parecia funcionar apropriadamente, exceto ... O toca-fitas! Oh, que bom. Perfeito.

Após atirar-me contra uma árvore, o urso agora erguia outro rochedo e preparava-se para executar o "Coro das Bigornas" — comigo no papel da bigorna, é claro.

Pense rápido, Renê! Eu conhecia um pouco de tática militar, e tinha jogado futebol e lutado um pouco de boxe no colégio. Veio a imagem da linha de defesa e, nesse caso, eu sabia o que fazer. Se ao menos os subprocessadores ainda funcionassem, mesmo que um pouquinho...

"Desloque-se totalmente para a direita!", gritei ao botão prateado do microfone de comando embutido. "Vamos!"

Instantaneamente, a armadura tornou-se um peso morto, mas meu braço direito estava totalmente operacional de novo. Mas, por quanto tempo?

Para não gastar os preciosos momentos, fiquei parado, esperando e olhando, enquanto o monstro recuava novamente. Ele se preparava para me esmagar com todo o seu peso descomunal.

A imagem de uma lata de sardinhas sob um bate-estacas me veio à mente. O monstro chegava mais perto... mais perto... O rosto horrível, sanguinário, e o rochedo que ele carregava tomavam toda a tela faiscante do monitor do meu elmo. Com toda a potência de minhas forças, dei-lhe um murro com meu braço bom, e peguei o urso num clássico *upper*.

O impacto estremeceu meu braço até os ossos. O monstro deu uma cambalhota e atingiu o chão como um meteoro peludo. Folhas e gravetos voaram pelos ares e o monstro deu um rugido trovejante que balançou até as nuvens no céu. O gigante tentou se levantar. Então, ele estremeceu, ficou mole e começou a roncar.

"Graças aos céus!", suspirei aliviado. De repente, meu braço direito começou a esquentar... a esquentar... Então, gritei: "Voltar ao fluxo de energia normal!" Imediatamente, meu braço esfriou e a sensação de morte se foi.

Saí logo de perto do gigante adormecido. Minhas pernas estavam pesadas, como se estivessem no concreto. Já havia caminhado uns poucos metros quando os medidores corrigiram-se, as luzes se equilibraram e meus monitores visuais limparam-se até ficarem claros como cristal.

OLÁ.

"Albert! Você voltou!", gritei, olhando para as maravilhosas palavras verdes brilhando no monitor principal.

É LINDO.

"O que diabos aconteceu com você lá trás? Uma quebra geral? Curto-circuito? Hora da soneca?"

DESCULPE, SENHOR. MAS, APARENTEMENTE, O ANIMAL GEROU UM CAMPO MAGNÉTICO NATURAL COM UM PODER TÃO INCRÍVEL QUE CANCELOU MEUS CAMPOS DE FORÇA E INTERFERIU NAS OPERAÇÕES DE MEU COMPUTADOR.

Abrindo caminho por entre os arbustos, continuei me afastando do bicho barulhento. "É o mesmo efeito que uma caixa acústica, funcionando perto de um computador doméstico, produz, isto é, pode travar o programa e destruir permanentemente o disco rígido?"

SIM. EU DIRIA ATÉ QUE O CAMPO MAGNÉTICO PODE DEFLETIR BALAS DE AÇO E DIFUNDIR DISPAROS DE LASER.

"Uau! Então, o que faremos se encontrarmos mais desses... ursos polarizados?"

CORREREMOS COMO NUNCA!

Parando à margem de um pequeno riacho, olhei novamente para as quatro toneladas de ossos e músculos adormecidos que quase tinham perfurado minha armadura militar, top de linha e altamente confidencial.

"Com certeza, cara", concordei.

POR FAVOR, SENHOR.

Vá para 71.

66

"Excelente! Como bons cavaleiros, nós ficamos e lutamos", decidiu o rei. "Se Sir Renê puder realmente usar essas armas antigas, poderemos ter uma chance muito boa de vencer."

"Mas será que esse Cavaleiro Gamma solitário é suficiente?", perguntou Cara-de-Rato.

"Aham!", tossi alto.

"Será que esse... Homem de Ferro é suficiente?", corrigiu ela rapidamente.

OBRIGADO. QUE TAL REQUISITAR UMA BELA LATA DE DOZE ANDARES DE ALTURA DE REPELENTE DE INSETOS?

"Ei! Era essa a resposta!"

INDAGAÇÃO?

Ignorei-o. "Uma questão, Sua Majestade."

Voltando-se, Melvin balançou a cabeça. "Por favor, pergunte, Sir Renê."

"Se as aranhas estão atacando a todos, então por que não chamamos todo mundo? Isto é, por que não formamos alianças com qualquer outro grupo capaz de lutar?"

Houve um momento de silêncio.

"Uma idéia interessante", disse o rei. "Formar uma aliança com inimigos odiados e, quando as máquinas vierem nos atacar amanhã, um ou mais grupos atacariam-nas na retaguarda."

"E então as aranhas serão encurraladas e esmagadas pelo clássico pisão!"

"Brilhante!"

"Fabuloso!"

"Não é muito esportivo", protestou uma guerreira Menestrel Feliz, polindo seu machado de guerra. "Mas, na verdade, foi a sugestão que eu mais gostei."

Cara-de-Rato ergueu uma sobrancelha. "E quem vamos convidar para se aliar a nós? Somos arquiinimigos de Roma-Aqui-Perto, mas a Polícia Genética não tem assuntos com máquinas, somente com pessoas, e vivas.

"E as Filhas da Luta?", perguntou um cavaleiro Algoz do Dragão, mordiscando a ponta de seu bigode. "Elas têm muitas armas e mísseis."

"E nós destruímos todas as possíveis estradas de acesso a nosso reino para que elas não pudessem vir aqui e nos desafiar para seus testes idiotas de coragem", respondeu o rei, nervoso.

Então ele sorriu. "E os Bibliotecários Motoqueiros Canibais?"

Jenny e eu trocamos olhares.

"Desculpe, senhor...", dissemos juntos, "mas eles já disseram não."

Em resignação, Melvin ergueu os ombros fazendo sua cota de malha balançar.

ALÉM DISSO, ELES IRIAM EXIGIR UMA TONELADA DE ROMANCES DE TERROR DE STEPHEN KING EM TROCA DA AJUDA.

Cara-de-Rato continuou com a lista de inimigos: "Os Vampiros de Philly só podem sair à noite, e a batalha será de tarde, então eles estão descartados. Os trogs são muito estúpidos. O povo da floresta não iria se aliar a ninguém e os Piratas do Rio iriam provavelmente se aliar às aranhas. Esqueci-me de algum grupo, senhor?"

"Não", suspirou Rei Melvin. "Creio que não."

"E a República do Guincho?", perguntou Jennifer, tocando sua cicatriz.

"O quê?", chiou um cavaleiro Texugo Bêbado, com a pluma de seu elmo prateado balançando comicamente. "Aqueles caras-ratos? Eles nunca nos ajudaram antes. Nem quando enfrentamos a Aliança Interestadual Antiagrícola de Memphis ou os temidos Nyuck-Nyuck-Nyucks. Por que eles o fariam agora?"

Diante daquelas palavras, meu cabelo ficou em pé. Ratos?

"Ainda assim, talvez eles nos ajudem", contrariou-o Jennifer. "Não custa perguntar, e essa é uma questão que afeta a todos. Afinal, que reino não tem paredes?"

"Um inimigo de meu inimigo é meu amigo", citei da minha memória.

SUN TZU, O FILÓSOFO DE GUERRA CHINÊS, 700 A.C. MUITO BEM, SENHOR PRESIDENTE. ACABA DE GANHAR UM BISCOITO.

Um biscoito da sorte?

POR FAVOR, EU FAÇO AS PIADAS POR AQUI.

"Mas, os ratos? Não. Não podemos confiar neles", disse o rei, desinteressadamente. "Podemos, Bambi?"

Meticulosamente recarregando seu revólver, a maga real rechaçou essa possibilidade. Se os cavaleiros tinham aprendido alguma coisa naquele tempo futuro, era que os humanos estavam à sua própria sorte.

Fiquei triste por não ter ajudado os scamishes. Ainda assim, fiz uma nota mental para checar esta República do Guincho no futuro.

"Então lutamos sozinhos!", gritou o Rei Melvin. "E as glórias da vitória serão apenas nossas!"

Um jubilante coro de concordância encheu a Sala de Guerra.

Jenny deu-me um olhar confiante, a que eu correspondi com o sinal de "positivo". Ok, aranhas, essa é a final do cam-

peonato e nós somos o time da casa. Vocês nos querem?

ENTÃO VENHAM NOS PEGAR!

Vá para 53.

67

"Nós vamos para o leste, na direção de Columbus."

ALGUMA RAZÃO PARTICULAR, SENHOR?

Ofereci um sorriso para a câmera miniatura, posicionada acima do painel de controle esquerdo. "Nunca estive lá. E eu não quero ver as ruínas queimadas de minha cidade natal, o que seria inevitável se tivéssemos que ir para Indianápolis."

BOA RAZÃO.

Tomando um golinho do tubo de água perto da minha bochecha, forcei-me a engolir o fluido levemente salgado. O sistema de refrigeração de Albert era projetado para ser potável, condensando o vapor d'água do ar externo. Mas era dificilmente degustável. Eu só tinha comida suficiente para alguns dias — quatro, talvez cinco, se eu comesse porções pequenas, o que eu nunca tinha feito antes, mas que agora era uma boa hora para começar. Instantaneamente, imaginei como seria o gosto de filé de urso grelhado. Talvez eu devesse ter pego um pouco da coisa-limo. Não. Eu preferia comer urso. Ou meus tênis.

"Vamos lá", eu disse, alto o suficiente para sobressair-me ao ronronar do meu estômago.

* * * * *

Pisando em solo firme, Albert era capaz de atingir a respeitável velocidade de 95 quilômetros por hora. Se meu professor de educação física pudesse me ver agora... Uma vez dentro do ritmo, relaxei e deixei os subcomputadores de Albert sincronizarem com meus passos. A armadura de força fez o trabalho pesado, eu apenas peguei carona.

Depois de um tempo, eu estava começando a sonhar acordado, um estalo agudo ecoou em ambos os fones de ouvido de meu elmo.

"Que foi isso?", perguntei, parando minha corrida. Telas

de radar mostravam campo aberto em todas as direções. "Algum problema?"

NEGATIVO A RESPEITO DO URSO POLARIZADO, SENHOR. ISSO FOI UMA TRANSMISSÃO DE RÁDIO ALTAMENTE CODIFICADA, EMBARALHADA E CONDENSADA, NA ESCALA DE GIGAHERTZ.

Ufa, algo high-tech. "Fonte?"

DESCONHECIDA.

Um pensamento horrível me passou pela cabeça. "Poderia ser das pessoas que destruíram o satélite meteorológico?"

PRECISO DIZER? DESCONHECIDO, SENHOR.

Pensativo, esfreguei minha manopla cinza-azulada no queixo metálico de minha veste, o que provocou o som de facas sendo afiadas. "Alguma chance de que você tenha gravado?"

AH... COM CERTEZA, DA PRÓXIMA VEZ.

Relutante, aceitei aquilo e retomei a corrida. Ninguém é perfeito, nem mesmo Albert.

HUMPF!

Após duas horas de corrida leve, encontrei Columbus.

Volte para 52.

68

Saímos correndo atrás delas. Ainda tonto de sono, eu estava sedento de um café da manhã, mas, mais importante que comer, era encontrar aquelas motocicletas. Livros!

Livros significam civilização, e qualquer um que estivesse reconstruindo a sociedade era do mesmo tipo que eu. Pelo menos, eles deveriam ser pacíficos.

SABIA QUE GENGHIS KHAN E AS HORDAS MONGÓIS GOSTAVAM MUITO DE LIVROS? ELES OS USAVAM COMO LENHA.

"Bem, obrigado pela informação, mas dispenso-a. Você pode ir mais rápido?"

NÃO.

Ainda bocejando, tentei acrescentar o pouco da minha força às pernas metálicas de Albert, para ajudá-lo na corrida. Se meu esforço ajudava ou atrapalhava, não sabia

avaliar. Albert possuía muitos mostradores, monitores, rastreadores, sensores, sintonizadores e medidores, mas um simples velocímetro tinha sido, inadvertidamente, omitido pelo Exército americano.

MINHA ÚNICA FALHA.

Não havia placas indicativas ao longo desse trecho de asfalto que atravessava os campos de Indiana. Mas, de acordo com os mapas do computador de Albert, essa estrada era a Interestadual 74 e, como corríamos na direção sul, estávamos indo para Cincinnati.

UMA CIDADE UNIVERSITÁRIA, COM MUITAS INDÚSTRIAS PESADAS E UMA EXCELENTE COLOCAÇÃO NA PARADA DE SUCESSOS NUCLEARES.

Parecia bom. Embora fosse uma atitude nada esperta essa de conjeturar sobre qual das cidades americanas teriam sido alvos estratégicos da Guerra Nuclear. E quem teria destroçado a humanidade, lançando-a à mercê da sorte nesse futuro high-tech e mortal. A Rússia?

MUITO IMPROVÁVEL, SENHOR. O COMUNISMO JÁ TINHA CAÍDO. ALÉM DO MAIS, ELES PRECISAVAM DE NÓS COMO FONTE CONSTANTE DE HAMBÚRGUERES DECENTES E REPRISES DE "JORNADA NAS ESTRELAS".

"China?"

ELES TINHAM PROBLEMAS SUFICIENTES — COMO ALIMENTAR SUA POPULAÇÃO — PARA PENSAR EM GUERRA NUCLEAR.

"Terroristas?"

E QUEM LHES FORNECEU TANTAS BOMBAS PARA DESTRUIR O MUNDO TODO? SERÁ QUE TEREI DE RECOMENDAR UM AUMENTO NA SUA DOSE DIÁRIA DE REALIDADE?

Ei, não precisa ficar nervoso. Enquanto avançávamos pelas planícies de fazendas, um pensamento ruim me veio à mente. Talvez tenham sido as próprias máquinas!

UM CONFLITO COMPUTADORIZADO MUNDIAL...? É POSSÍVEL. PORÉM, EU SOU UM DOS MAIS AVANÇADOS PROGRAMAS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL JÁ INVENTADO, E TENHO CERTEZA DE QUE, SE MEUS IRMÃOS ESTIVESSEM PLANEJANDO TAIS MOVIMENTOS, CERTAMENTE TERIAM ME CONVI-

DADO A PARTICIPAR, MESMO SE FOSSE APENAS UM AFICCIONADO POR ROBÓTICA E POR COMPUTADORES MECANICAMENTE CONSTRUÍDOS COMO EU. (Pausa) VOCÊ SABE, UM FÃ ELETRIZADO.

Ignorei a piada sem graça e um frio atingiu meus ossos. Albert não tinha negado a possibilidade...

NÃO, AS MÁQUINAS NÃO ATACARAM A HUMANIDADE. TALVEZ TENHAM SIDO ALIENÍGENAS DO ESPAÇO, VIAJANTES DO TEMPO, O ROTEIRISTA DO FILME "THE DAY AFTER", OU SIMPLESMENTE UM ERRO HUMANO. CARA! QUE PARANÓIA!

"Desculpe", pedi, sentindo-me um idiota. Pensando bem, não encontraríamos resposta. E acho que tinha ferido os sentimentos de Albert.

Continuamos avançando, mas logo percebemos que o esforço tinha sido inútil. Nossa velocidade máxima era de, aproximadamente, 95 quilômetros por hora, e qualquer boa motocicleta, mesmo carregada de livros, ainda poderia fazer de 140 a 150 quilômetros por hora.

Ainda assim, seguir para o sul era nossa melhor opção. Então, continuamos com nossas pesadas botas, infinitamente pesadas, calcando o asfalto da estrada. Senhor, o que eu não daria por uma fita cassete para ouvir. Uma loja de som! Havia uma de CDs no shopping.

MUITO TARDE PARA CHORAMINGAR, SENHOR.

Apesar do comentário, eu sorri. Pelo menos, ele estava falando comigo de novo.

É... MAS DA PRÓXIMA VEZ... <Snif>

Do topo da montanha pensei ter visto cobras gigantes lutando em uma distante colina a oeste. Mas, então, vi uma mão gigantesca, com um vapor sibilando de suas centenas de juntas. Seus dedos moviam-se sem parar, para cima e para baixo.

ALGUMA IDÉIA DO QUE SEJA, SENHOR?

"É claro que tenho. São sinais!"

SINAIS: A LINGUAGEM MANUAL DOS SURDOS-MUDOS. ACESSANDO ARQUIVOS... DISCURSO VISÍVEL... CONFIRMADO.

Era um grande outdoor para surdos. "Humm! Será que os motociclistas entraram aqui, por sorte?"

NEGATIVO. ELES CONTINUARAM PARA SUDOESTE.

"Bom, então, nós também iremos para lá."

ATIVANDO MÓDULO DE TRADUÇÃO, listou Albert no monitor principal. A MÃO DIZ:"AVISO, POR FAVOR VIRE AQUI..."

Passamos pela mão e o monitor traseiro ampliou a imagem para registrar a estranha articulação.

"PARA O ÚLTIMO DISPONÍVEL..."

Uma outra colina sobrepôs-se à nossa visão da gigantesca mão metálica.

Droga! Último disponível o quê? Cabeleireiro? Massagista? Quiromante?

DESCONHECIDO. QUER INVESTIGAR?

Se você acha que Renê e Albert devem continuar em direção a Cincinnati, vá para 70.

Se decidir que eles devem investigar a mão metálica, volte para 13.

69

Lancei-me da muralha, com um salto duplo, e caí como um meteoro de duas toneladas em cima da criatura.

SENHOR! ESTAMOS A UMA ALTURA DE QUATRO ANDARES!

"Não estamos mais!"

A aranha, praticamente, não teve chance de reagir ao meu ataque inesperado. Quando eu atingi seu corpo, com tamanha força, acionei uma das almofadas de ar de segurança. Mas o impacto brutal levou a máquina a ajoelhar-se. Agarrando sua antena, esmaguei um olho com meu joelho e, com meu punho direito, estraçalhei o outro.

Desprevenidos para aquele tipo de batalha, os cavaleiros podiam apenas atirar suas flechas e jogar umas pequenas bombas no monstro. Inútil, mas eu apreciei o apoio moral.

Esperneando em sua fúria mecânica, o monstro metálico chacoalhou-se jogando-me longe, e eu atingi o chão, quebrando o pavimento da rua. Guiada pelo som, a aranha espalhou mais fogo pela área. Meus campos de força refletiram

o ataque incandescente com relativa facilidade.

NAPALM MALFEITO.

Foi o que eu pensei. Sem medo, disparei meu laser de volta. Mas meu feixe apagou-se a menos de 30 centímetros da carapaça da fera.

ELA TAMBÉM TEM CAMPOS DE FORÇA. E AGORA, EINSTEIN?

Agarrando uma pedra do pavimento, atirei-a na aranha como um frisbee de concreto. Meu "disco" atingiu um dos lados da criatura, e ela, cega, virou-se, com suas mandíbulas mordendo um inimigo inexistente. Uma antena ainda funcionava, a outra parecia uma antena de rádio de carro importado estacionado em bairro barra pesada: quebrada.

"Campos de força ou escudos?", quis saber, esfregando a perna esquerda dolorida.

HEIN? AH, SOMENTE ESCUDOS. BOA SORTE!

Correndo pelo mercado, saltei numa carroça jogando-me no ar. A aranha estava se movendo à minha procura. Meu cálculo de tempo tinha que ser preciso, ou eu cairia dentro daquelas mandíbulas mortais.

O QUE, SIMPLESMENTE, ARRUINARIA MINHA PINTURA.

Pousando em suas costas, ativei as garras magnéticas. Senti-me grudado firmemente à carcaça blindada e fora do alcance de suas armas mortíferas. A coisa chacoalhou intensamente, tentando me tirar dali. Então, entrou em uma das casas da vila.

ELA VAI TENTAR ARRANCÁ-LO, SENHOR!

"Entendido."

O laser do meu punho atingiu em cheio o metal, mas nada aconteceu. Essa coisa maldita devia ser resistente a ataques de energia! Talvez até absorva a energia como uma esponja diferente!

Mas, então, a casa ficou amarela, laranja e vermelha. O calor começou a acumular e penetrar. Após um estrondo, tijolos e vigas de madeira me atingiram por todos os lados. Outra explosão e minha cabeça foi jogada contra o pequeno painel de instrumentos, quase me nocauteando, chegando a quebrar o visor. Fagulhas explodiram de um pequeno painel de Albert, as luzes apagaram e tudo ficou confuso. Minha

visão enevoou e eu comecei a perder a consciência.

SENHOR!, ouvi alguém chamar à distância. As palavras ecoavam dentro do meu cérebro que doía. MEU RELÉ PRINCIPAL FOI DESTRUÍDO. PRECISO DE AUTORIZAÇÃO PARA O PROTOCOLO DE EMERGÊNCIA TANGO ZED!

Tango? Eu não consigo dançar. Não posso nem mesmo me mover.

SENHOR PRESIDENTE, DÊ-ME O OK PARA LUTAR EM SEU LUGAR!

Fechei meus olhos. Uma escuridão rodopiante me envolveu e senti como se o mundo inteiro girasse ao meu redor. Presidente? O Clinton estava na tevê, de novo? Que chato. Onde estava o controle remoto? Preciso colocar num canal a cabo.

RENÊ, PELO AMOR DA PLACA-MÃE, ACORDE, GAROTO! MEUS SUBSISTEMAS ESTÃO DANIFICADOS! EU PRECISO DE SEUS COMANDOS VOCAIS!

"C-cala a boca e m-me deixa dormir", disse, sentindo latejarem minhas têmporas. O silêncio veio instantaneamente e a escuridão pacífica me dominou por inteiro.

*****

Seis anos se passaram e o resto dos cavaleiros scamishes se juntaram a mim nos poços de escravos das aranhas, em algum lugar do oeste. Aparentemente, nos meses seguintes à minha captura, os valentes cavaleiros relutaram. Mas, no final, sem a minha ajuda, foram condenados.

O pobre Albert foi partido em pedaços pelas aranhas, bem na minha frente, enquanto as malditas máquinas vasculhavam rudemente seus segredos científicos. Senti-me como se estivesse vendo um amigo morrer.

E, pra falar a verdade, foi o que aconteceu, foi como me senti.

Agora, centenas de nós trabalhávamos sem parar, nas fábricas, forçados por nossos mestres robóticos, sob o sol do deserto, construindo mais e mais aranhas, que iriam capturar mais escravos para construir mais aranhas...

No final, elas irão conquistar o mundo. Mas nós temos

um plano. Durante os exaustivos anos, muitos de nós conseguiram roubar pedaços de fios e de placas de circuitos, suficientes para construir um poderoso rádio. Como escapar é impossível, vamos enviar um chamado presidencial pedindo assistência militar às Sete Irmãs.

Elas não vão responder, é claro, mas como resultado do disparo nuclear teremos, pelo menos, a satisfação de levar esses vermes rastejantes conosco. Isso significava o nosso fim, mas salvaríamos as outras raças do mundo daquelas ameaças metálicas. E isso já era alguma coisa.

O que dizia mesmo Thomas Jefferson? "A árvore da liberdade deve, algumas vezes, ser regada com o sangue dos heróis"?

Bem, nesse caso, pode me chamar de jardineiro.

FIM

70

"Não. Já estamos a quilômetros de distância das motos e não podemos perder mais tempo. Talvez outro dia, quando surgir outra oportunidade..."

ENTENDIDO.

Uma hora e vários quilômetros se passaram quando a autoestrada mudou de direção, indo para o leste. Pelo mapa mostrado num submonitor, vi que estávamos nos aproximando da fronteira dos Três Estados, uma interseção entre Indiana, Ohio e Kentucky, cortada pelo rio Ohio. Ele passava bem no meio de uma floresta, parecendo uma mangueira azul largada sobre um gramado bem cuidado.

Subindo uma colina inclinada, alcançamos o topo. Aí, inadvertidamente, paramos.

Cincinnati espraiava-se à nossa frente, e, se ela fora atingida pela guerra, eu não pude ver sinais disso. Carros estavam estacionados ao longo de suas estradas, as janelas das casas tinham vidros e cortinas e uma bandeira americana tremulava sobre o Fórum Municipal.

Meu Deus, uma cidade do pós-guerra intocada! Tirei a sorte grande!

Comecei a descer uma rampa e, avidamente, dirigi-me às

ruas da cidade. Todas as janelas eram protegidas por grades, e as portas frontais tinham grossas correntes e vários cadeados. Além disso, cada edifício, posto de gasolina, loja e cinema tinha uma única letra como marca. Encontrei um quarteirão inteiro de A, dois com estabelecimentos de letra B e meia dúzia de C. Alcançando o centro da cidade, perto do ginásio municipal de esportes e do rio, vi um arranha-céu com uma placa indicativa: "Apenas Enciclopédias Estrangeiras. Abandonai todos os livros que carregais, vós que desejais entrar".

Li as palavras atentamente e, de certa forma, sarcasticamente. "O que será isso?"

UMA BIBLIOTECA! A CIDADE INTEIRA DE CINCINNATI GIRAVA EM TORNO DE UMA ÚNICA BIBLIOTECA GIGANTESCA!

Bibliotecários, hein? Grande. Não existiam, no mundo todo, pessoas mais legais. Mas onde elas estariam? Em uma leitura em grupo, na casa de um deles? Ou polindo suas motos?

Ao transpormos a antiga ponte do rio Ohio, vi um barco enferrujado, com design do pré-guerra, manobrando e parando num rústico cais de concreto, cheio de placas de madeira. Oito homens, trajando roupas brilhantes, estavam no convés executando atividades náuticas com cordas e correntes. Eles pareciam estar vestindo pedaços de armadura e carregavam um monte de armas. Não havia motocicletas à vista.

"Humm, os infames marujos da Marinha Americana ou soldados locais sem comando?"

DESCONHECIDO.

Uma portinhola, no convés frontal de carga, deslocou-se e produziu um som. Um pequeno guindaste de ferro introduziu as hastes nessa passagem, por onde fez descerem as cordas.

Fascinado, observei o procedimento. O que eles estavam entregando? Ouro? Jóias? Talvez algo ainda mais precioso.

POR EXEMPLO, COMIDA.

"Albert, por favor!" Eu ainda não tinha tomado o meu café da manhã.

A PROPÓSITO, MEUS MICROFONES INTERNOS JÁ

HAVIAM ME INFORMADO DISSO.

Dentro do navio, um marinheiro trabalhava com as cordas, e o operador do guindaste puxava alavancas compridas como cabos de vassoura. Lentamente, as cordas se estenderam e alçaram um cubo feito de vigas de madeira. Era uma jaula de carvalho, e dentro havia uma pessoa: uma mulher que trajava cota de malha e túnica.

"Sim, nós amigos!", gralhou um dos marinheiros, esfregando as mãos. "Essa beleza rude vai nos render bons créditos com os bibliotecários."

"Sim, balas e abridores de latas!", exclamou um deles, vestido com uma jaqueta de couro verde. "Baterias e cerveja, também!"

"Mas nada de sabão dessa vez!"

"Não!", gritou em uníssono o grupo.

"Ha!", gritou outro, limpando seu nariz quebrado na manga suja da jaqueta. "Nós nunca conseguiríamos tanto vendendo-a para a Arena da Morte da Roma Aqui-Perto ou aos Adoradores do Verme!"

Vendê-la! "Era isso mesmo que iam fazer com ela?", gritei, sem querer, pelo alto-falante.

Os marinheiros viraram em minha direção e engasgaram, surpresos com a minha presença.

"Macacos me explodam!", gritou um deles, de tapa-olho e bandana. "Outro Cavaleiro Gamma que veio roubar nossa escrava!"

ESCRAVA?

"Vamos matá-los, caras!", gritou outro, sacando uma pistola a laser. "E, se necessário, matem-na também, para que nenhum outro fique com seu corpo!"

Os outros concordaram.

Isso já é demais! Apertei meus dentes com tanta força que por pouco não saltaram da minha boca. Eles, com certeza, não eram oficiais da Marinha, caçadores de recompensas ou a polícia do rio trazendo um suspeito. Mas sujos e nojentos escravizadores, a mais baixa escória da história do mundo!

SENHOR, APESAR DE NOSSA PÉSSIMA SITUAÇÃO TÁTICA, SUGIRO IRMOS ATÉ LÁ E CHUTAR ALGUNS TRASEIROS.

"Claro! Eu odeio valentões, ainda mais escravizadores.

Vermelho quarenta e três! Dezenove azul!, gritei, lembrando dos atacantes de futebol americano. "Esquerda, um, dois! Hup, hup, hup!"

Então, atacamos. Pulei da ponte e atingi a margem do rio com um estrondo surdo. Devido ao forte impacto, ficamos enterrados até a cintura no chão duro. Enquanto eu me libertava, um estranho canhão posicionado no convés lançou uma rede pegajosa sobre nós. As tramas da rede emaranharam-se nas botas de Albert e nós caímos de cara no chão. Os escravizadores gritaram de alegria com a vitória.

Droga! Estávamos caídos, mas não fora da batalha. Na posição em que nos encontrávamos, não conseguia usar o laser. Lutávamos como podíamos. Mas a rede, resistente e flexível, envolvia-nos mais e mais forte, restringindo nossos movimentos, até que ficamos, praticamente, dentro de um casulo. Desesperado, puxei a faca, que havia pego no shopping, da minha bota e cortei as amarras. A rede resistia, mas quando a faca começou a vibrar sozinha, cortou todos os filamentos. Legal! Era uma vibrofaca! Em dois segundos, estávamos livres.

Soltei um grito de guerra e corri para o barco. O canhão do convés disparou de novo. Mas, dessa vez, desviamos da rede voadora, que atingiu um poste de luz.

Os marinheiros entraram em pânico, correndo em todas as direções. Repentinamente, fomos bombardeados por mísseis. Mas, graças à pontaria perfeita de Albert, os foguetes eram tostados em pleno ar pelo nosso laser. Os escravizadores, então, tentaram algumas manobras eletrônicas, camufladas. Porém, Albert, sempre atento, as rebatia vigorosamente. Quatro marinheiros, dos seis que haviam, desapareceram quando suas armaduras cibernéticas explodiram. Aquilo deve ter doído realmente.

O episódio desencorajou os demais a continuarem lutando. Mantendo uma barreira de fogo com suas armas, os escravizadores recuaram para dentro de seu barco.

Fiquei numa posição defensiva, na frente da jaula, mantendo, deliberadamente, meu corpo entre a mulher e os escravizadores. Meu laser zuniu como uma toada de destruição. *Zap*! E lá se foi a corrente da âncora. A embarcação começou a deixar o cais levada pela correnteza. *Zap*! Lá se foram os elos que prendiam o leme.

Incapaz de estabilizar-se, o barco foi perdendo o controle, girando, indefeso, enquanto seguia rio abaixo.

Mas não me sentia satisfeito. Não era o bastante para aqueles carrascos. Então, fiz uma série de buracos na fuselagem, logo abaixo da linha d'água. Parados triunfantes na margem, Albert e eu observamos a nau afundar lentamente, a caminho do "exílio forçado", no fundo do rio.

ISSO VAI ENSINÁ-LOS A NÃO SE METEREM COM O EXÉRCITO AMERICANO!

"Meta-se com os melhores e morrerá como o resto", eu disse, citando a Corporação dos Fuzileiros Navais Americanos. Senti-me perigoso e, ao mesmo tempo, nobre.

E, MAIS IMPORTANTE, NÓS AGORA TEMOS ALGUÉM QUE NOS DEVE UMA, E DEVE RESPONDER FELIZ A TODAS AS NOSSAS PERGUNTAS SOBRE ESSE MUNDO MALUCO. VAMOS TIRÁ-LA DAQUELA... ALERTA VERMELHO! QUADRANTE DOIS.

Eu sabia o que aquilo significava e girei rápido o corpo.

A ponte estava cheia de motocicletas, cerca de 100 delas.

Os motoqueiros trajavam a mesma vestimenta bizarra: sapatos pretos, calça cinza, camisa azul-claro, gravata preta, suéter vermelho e paletó de lã cinza com protetores de couro nos cotovelos. Além disso, cada um deles fumava um cachimbo. Parecia uma autêntica invasão dos Professores de Inglês do Inferno.

Olhei para seus rostos e identifiquei um acessório grotesco. Ossos atravessados em seus narizes, além dos caninos com pontas afiadas. Oh, meu Deus!

"Um Cavaleiro Gamma!", anunciou uma mulher forte, com cabelo loiro-grisalho, um colar de pérolas e uma bazuca amarrada a seu guidão. "E ele está com a assassina de livros!"

ASSASSINA DE LIVROS? ELA FOI PEGA POR CAUSA DISSO?

"Vamos pegá-los!", gritou um homem de idade avançada que usava cavanhaque.

Os outros motoqueiros levantaram suas armas e soltaram um grito de guerra: "Morte aos analfabetos!".

Acelerando os motores, a horda de bibliotecários bem vestidos desceu a face do muro de tijolos vermelhos da ponte.

Tomei posição do outro lado da jaula. "Morte aos analfabetos?"

PRESSINTO QUE TEREMOS UM DIA DE BATALHAS!

Se você acha que Renê e Albert devem lutar com os bibliotecários, volte para 4.

Se acrecita que devem tentar conversar com eles primeiro, volte para 38.

71

Plantas rasteiras cobriam o chão da floresta. Depois que Albert tinha restabelecido suas forças, era fácil viajar. Colinas baixas, cheias de árvores e moitas, contornavam a região. Eu estava intrigado com a existência delas até desconfiar que os montes tivessem sido formados pela brutal onda de choque da explosão nuclear que destruiu Dayton e a base do exército. Conclusões nada animadoras...

Atravessando um emaranhado de plantas, Albert e eu nos deparamos, inesperadamente, com o acostamento de uma auto-estrada. Sim! Civilização, afinal! Mas minha excitação morreu quando pude ver que o mato crescia de rachaduras no concreto e árvores de tamanho médio erguiam-se na faixa de divisão de pista. Essa estrada não vê uma equipe de manutenção, ou mesmo trânsito regular, em um zilhão de anos. Porém, parecia familiar.

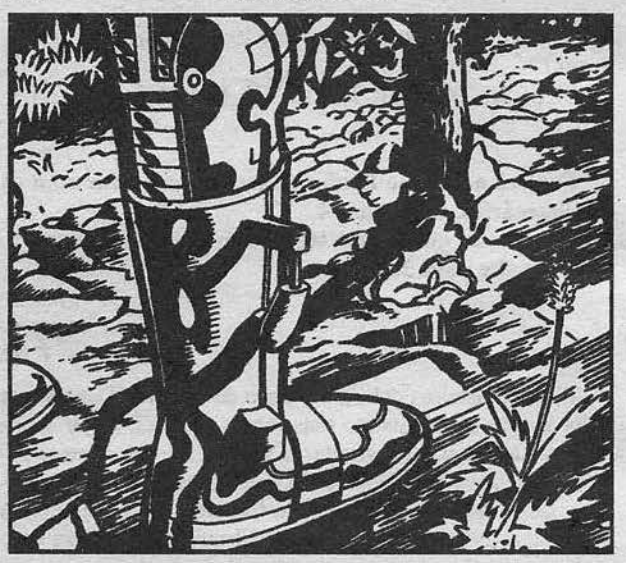
"Rota 70?", perguntei a Albert, hesitante. Na minha época era a principal trilha do oeste de Ohio.

CONFIRMADO, SENHOR. AS CONFIGURAÇÕES DA ESTRADA CONFEREM EXATAMENTE ÀS DOS MAPAS ARQUIVADOS EM MINHA MEMÓRIA.

Após transpor o barranco, finalmente pisei em solo firme. Ah, agora faríamos progresso e desenvolveríamos alguma velocidade. E, se ainda houvesse alguma civilização, uma rota principal como essa seria o caminho mais lógico e rápido para encontrá-la.

"Leste ou oeste? O que você acha, Albert?", perguntei, olhando para o horizonte.

NÓS VIMOS OS EFEITOS DO CHOQUE TERRESTRE



DEPOIS DA QUEDA DE UMA PROVÁVEL BOMBA NUCLEAR EM DAYTON. PORTANTO, ESSA LOCALIDADE ESTÁ FORA DA EQUAÇÃO. E TANTO INDIANÁPOLIS, A OESTE, COMO COLUMBUS, A LESTE, ERAM ZONAS-ALVO PARA RETALIAÇÃO DO INIMIGO.

"Vamos apostar, então." Qualquer uma das cidades poderia ou estar totalmente devastada ou ter se transformado numa atrativa metrópole. Um par de dados ou uma moeda viria bem a calhar agora.

Se você acha que Renê deve seguir em direção ao oeste, volte para 24.

Se decidir que ele e Albert devem ir para o leste, na direção de Columbus, volte para 67.

72

"Definitivamente, sim!", gritei, sentindo-me corajoso e, por que não, perigoso com nossa vitória. "Vamos lá pegar

esses sacos de lixo!"

<Suspiro> SE O SENHOR QUER ASSIM.

Soltei o grito de guerra de Dayton e pulei do convés da embarcação com um impulso poderoso. Caímos alguns metros à frente, atingindo um banco de areia do rio e afundando até as axilas.

Oh, Não! Enquanto Albert lutava para nos livrar do lamaçal, um único ciborgue saiu correndo dos grossos arbustos, colocou alguma coisa em nossas costas e, então, entrou no rio. Oh, droga!

Suando de medo, torci o corpo para um lado e para o outro, tentando ver o que ele tinha jogado em nós. Eu não estava gostando nada disso! Infelizmente, as câmeras de vídeo do elmo não focalizavam nossos ombros. Estávamos cegos e aprisionados. Patos sentados eram ágeis bailarinas comparados a nós.

E DE QUEM É A CULPA AGORA, ESPERTINHO?

Um tique-taque era claramente audível.

"Insulte-me depois! Libere os dróides de reparos! Eletrifique a fuselagem! Faça alguma coisa!"

AFIRMATIVO, SENHOR. INICIANDO PROTOCOLO DE ESCAPE DE EMERGÊNCIA.

Quando as travas abriram, o tique-taque ficou mais e mais alto. Albert abriu-se em grandes pedaços e eu me arrastei para fora com uma faca na mão, pronto para golpear o que quer que estivesse em suas costas.

Presa em seu pescoço estava uma pequena caixa vermelha. Quando minha lâmina acertou-a, o dispositivo emitiu um clique e...

FIM

73

Parei de lutar e deixei as correntes se enrolarem em mim.

O QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO?

"Armazenando energia de emergência. Desvie cada erg gerado para a superfície externa da armadura", ordenei. Não pude ver mais nada quando as correntes bloquearam meu visor. Era melhor que isso funcionasse.

MAS, E A MULHER...! ESTÁ DEITADA NA MADEI-

RA E, PORTANTO, SEGURA: ENTENDIDO! ATIVANDO FLUXO DE FORÇA... AGORA!

Minha armadura de força pulsou, meu cabelo ficou em pé, meu corpo tilintou e eletricidade azul estalou pelas extensões de correntes. A sala inteira encheu-se de uma cegante amostra de descargas elétricas. Então, uma parte da parede detonou e os motores que operavam as correntes explodiram com a sobrecarga. Outra explosão! E outra ainda! Uma corrente ficou frouxa e caiu. Uma segunda. Uma dúzia! Mais explosões distantes! O navio todo pareceu estremecer! As correntes de escravos tornaram-se frouxas e caíram no convés como uma indesejável chuva de aço forjado.

Arfando, descartei as últimas. Ufa! Que batalha!

Vá para 78.

74

E, como numa cena de pesadelo, cada corrente da sala ganhou vida e tentou me alcançar. Jogavam as caixas para o lado, as camas, e tudo o mais que as obstruísse. Com uma ensurdecedora série de "clangs", centenas delas acertaram minha armadura — que me impedia de virar uma peneira humana. Dúzias delas me prenderam.

Mas, a uma simples sacudida, elas se tornavam elos voadores. Quanto mais rápido eu me desvencilhava, mais rapidamente elas eram substituídas. Eram centenas! Milhares!

"Ativar escudo", gritei. "Não! Cancele! Deixarei a mulher indefesa! Fique debaixo da cama!", disse para ela. "Agora!"

Lentamente, a mulher rolou por debaixo de um engradado de madeira e rastejou para a escuridão. Dois segundos depois, um grupo de correntes animadas chocou-se contra o engradado, estilhaçando as tábuas e rachando o batente de madeira.

Puxa, essas coisas jogam duro.

SENHOR, USE O ESCUDO. NÃO É HORA DE SER HERÓI!

Claro que era, a não ser que eu conhecesse a definição errada dessa palavra... "Erga os escudos e você está despedido!"

<Suspiro>ENTENDIDO, SENHOR PRESIDENTE.

Uma pilha de correntes enrolou-se em meu pescoço, apertando e tentando me estrangular. Lutei para colocar meus dedos de metal sob elas e arrancá-las de mim.

"Albert, encontre os PCDs dessa criatura e frite seu cérebro esquisito!"

PROCURANDO...

Alguma coisa atingiu a parte de trás de meus joelhos, fazendo-me cair como um cofre de chumbo. Balançando insanamente, as correntes, aparentemente sem fim, estavam agora tentando formar um casulo ao meu redor. Socando as algemas e quebrando os elos com as manoplas, apenas lutei contra esse ataque barulhento e senti-me como se estivesse tentando socar um redemoinho de folhas de outono. Eu não conseguia atingi-las na totalidade, e as que eu destruía eram logo substituídas.

Eu me movimentava lentamente, de tanto metal preso em nossa blindagem. Aquele pensamento me fez lutar mais ferozmente. Algemas de aço estilhaçavam em minhas mãos. Agarrando a corrente, eu a puxei com força. Um pequeno motor saiu da parede mais próxima. Morta, a corrente caiu sem vida no chão.

Uma a menos. Agora, faltavam apenas 999. Se essas coisas robóticas conseguissem me prender quando os escravizadores voltassem, eu estaria com um "grandessíssimo" problema, transformando minhas aventuras, até aqui, em passeio no parque durante a primavera.

Certo, era hora de ser brilhante, Renê. Neste mundo abandonado, de ar puro e limpo e de monstros mutantes, somente armamentos superiores e cérebro permitiriam que alguém sobrevivesse. Eu não tinha armas. Então, só me restava pensar, pensar!

As opções iam e vinham pela minha mente, como carros de corrida, enquanto eu continuava perdendo a disputa. Um par de pequenas possibilidades também passou, cantando seus pneus e parando na minha frente. Sim! Ambas poderiam funcionar. Mas eu só poderia tentar uma: lutar ou ficar parado.

Se você acha que Renê deve lutar, vá para 77.

Se acha que, pelo contrário, ele deve permanecer imóvel, volte para 73.

75

Fomos caindo na escuridão do poço. A luta na cidade foi esmarecendo rapidamente. Tocamos o sólido do fundo do poço, mas um tipo de gosma espalhada pelo chão tornava-o escorregadio.

ISSO É NOJENTO!

"Bah! Concordo." Dobrando nossos joelhos, tentei pular, mas não cheguei a lugar nenhum. A meleca era mais grudenta que goma arábica. E, então, tentáculos apareceram de todos os lados, enrolando nos braços e pernas de Albert e carregando-nos cada vez mais fundo, num tipo de complexo subterrâneo. Lancei uma salva de minimísseis que rasgaram meu atacante em pequenos pedaços.

Olhando para cima, vi apenas rocha, e percebi que não estávamos mais no buraco do poço. Droga. Partindo do muco principal, esse lixo nojento era formado por um labirinto de túneis, penhascos, poços, esgotos e pântanos. Tinha mais buracos que um queijo suíço.

Acendendo minhas luzes frontais para tentar enxergar o caminho à frente, arrependi-me imediatamente. Praticamente me deparei com o Lixeiro, parado a apenas 3 metros de nós. Era a visão mais horripilante que já tinha presenciado em toda a minha curta existência: presas de dentes-de-sabre, garras de pássaros, patas de leão, bocas múltiplas de todos os diferentes tamanhos, barbatanas, línguas com olhos, caudas, bicos, escamas, tronco de elefante, pés com membranas onde cresciam orelhas de gato, umbigos no lugar de olhos e dentes, dentes, dentes!

CREDO! ISSO DÁ UM SIGNIFICADO TOTALMENTE NOVO PARA A PALAVRA "FEIO".

Sem mencionar seu bafo! Enquanto mentalmente desligava a luz, disparei meu laser de pulso. Um tentáculo veio por trás e nos puxou para a esquerda. Livramo-nos dele e fomos para a direita.

O chão se abriu sob nossos pés e começamos a cair. Albert detonou uma bomba embaixo de nós, enterrando-nos no chão mucoso. Bocas gritando saíram da escuridão e partiram para cima de nós. Então, espalhei pelo lugar um bom jato de ultra-sônicos.

Shazam! Sozinhos novamente.

Voltando para o poço original, olhei pra cima e... nada. Rocha sólida apenas.

*****

Seis meses depois, aqui estamos nós, assando um pedaço de rato laranja, com meu raio laser, para o jantar. Hum.

NÃO.

Albert e eu tentamos, por muito tempo, encontrar a saída desse labirinto fedorento. Quando não agüentávamos mais procurar, atiramos mísseis e lasers no teto até seções inteiras de túneis desmoronarem na nossa cabeça. Mas cada desmoronamento expunha apenas mais rocha e lixo. Onde quer que a superfície fosse, não era mais por aqui.

A guerra deve ter terminado há muito tempo, mas o que poderíamos fazer?

Tentamos chamar o Rei Melvin em nosso rádio, várias vezes. Mas a única resposta era uma forte estática e um ocasional jogo de baseball dos anos 50, entre os White Sox e os Yankees, que não sabíamos como pegávamos no rádio.

Mas, pelo menos, isso nos ajudava a quebrar a monotonia de comer ratos laranja e caminhar entre a eca... para sempre!

FIM

76

Pedindo por visão aproximada, olhei as máquinas espalhadas por uma rústica barricada de carroças viradas na Estrada Lady Escócia. As aranhas tinham ultrapassado a primeira linha de armadilhas que preparamos sem ativar nenhuma! Droga!

Elas, agora, espalhavam-se pela cidade. Os postes telefônicos retardaram-nas um pouco e os insetos, relutantemente, se posicionavam numa enorme formação de batalha, que preenchia completamente a praça do mercado. Então, elas olharam para cima, com seus olhos vermelhos e giratórios, diretamente para nós, parados sobre as muralhas do castelo.

Nesse momento, eu praguejava internamente por Albert não ter instalações sanitárias.

Um punhado de aranhas avançou. Eram batedoras procurando por armadilhas. Droga, esses caras eram bons! Como uma armada barulhenta, as máquinas-leviatãs passaram as cabanas desertas, preenchendo a grande praça. Uma delas, caminhando numa área que parecia normal, sumiu de vista, caindo num de nossos poços. Seguiu-se, imediatamente, um ruído de coisa esmagada e um zumbido agudo de lasers. Tentáculos com chifres e pedaços de motores ficaram à mostra enquanto os monstros travavam a luta livre do século. Nisso, todo movimento parou e o silêncio reinou por um minuto, que foi, então, perturbado por um arroto abissal.

Sim! Uma já estava fora, só faltavam 205.

"Fogo", gritou o rei em seu walkie-talkie.

Na praça do mercado, cinqüenta cabanas desintegraram-se em ondas de fumaça e estilhaços ao disparo dos 100 canhões. Uma diástole depois, soou um espantoso coro de explosões à medida que as cargas de pó preto, dentro das bolas de aço de 5 quilos, detonavam, formando uma densa nuvem de fumaça.

O alcance dos canhões era ridiculamente curto, poucos metros. O tempo dos pavios, curtos, era crítico. Uma fração de segundo antes, ou depois, poderia ter sido fatal para os canhoneiros. Mas, com suas vidas e lares em disputa, os guerreiros scamishes atiravam com uma pontaria de computador. Quando a fumaça preta transformou-se em cinza, pudemos discernir uma dúzia de aranhas esmagadas na grama, com suas partes mutiladas ainda se contorcendo e soltando faíscas, ilustrando sua morte cibernética.

Atordoadas, as máquinas que restavam atiraram seus mísseis e lasers às cegas, matando meia dúzia de seus próprios soldados. Nós aplaudimos a ajuda. Cada esforço contava.

Então, o rádio de Albert estalou, com o usual rompante, curto e codificado, de comandos criptografados.

Com manobras precisas, o caos fumegante da área foi esquecido quando as aranhas refizeram sua formação em dois semicírculos. Era uma formação de fogo certeiro que iria acabar com a cidade, a não ser que alguma coisa fosse feita... E já.

Esperei pelo precioso momento em que os canhões disparassem de novo. Mas os canhoneiros não estavam treinados para recarregar tão rápido, e isso poderia significar suas

mortes.

Sem pensar mais, ergui ambas as pernas e pisoteei as pedras da muralha onde estava. O granito rachou, e eu flutuava.

BANZAI!

Liberei os mísseis classe Doomsday de minha mochila. Os artefatos mortais lancetaram o céu atrás de mim, arquearam na frente, pararam, então dispararam na direção do chão dez vezes mais rápido que qualquer armadura de duas toneladas.

Eu estava no nível do topo das árvores quando os mísseis atingiram o alvo. A explosão combinada pareceu chacoalhar o mundo.

Tudo estava em silêncio quando Albert automaticamente cortou meus fones de ouvido para salvar minha audição.

Desci no mar fervente de fogo, que eu mesmo tinha provocado, cego e surdo, mas com os lasers disparando, minimísseis sendo lançados, campos de força e escudos ligados na proteção máxima. Não havia nada no campo verde a não ser inimigos. Portanto, mirar, naquele momento, era irrelevante.

"Majestade, faça os canhões atirarem de novo!", comandei, golpeando uma aranha na cara com uma vibroespada. A cabeça da máquina partiu em duas, e ambos os olhos se soltaram como bolas de boliche feitas de rubi.

"Mas você está no meio!", cortou o alto-falante do rádio.

Meu pulso estremecia intensamente enquanto eu lançava salvas e salvas de minissetas de metal, que, como ferrões finos, rasgavam tudo à sua frente. "Apenas faça!", gritei.

"Você será enterrado como um herói. Eu prometo", disse o Rei Melvin.

"Sir Renê, eu te amo!", completou alguém mais atrás.

O rei continuou: "Três... dois... um... Fogo!"

Pulei para o alto e os campos foram novamente preenchidos com fumaça preta e uma chuva horizontal de ferro subsônico.

Deste plano aéreo, eu podia ver a destruição sofrida pelo inimigo. Lembrava um documentário sobre a selvageria da natureza. Pernas e cabeças estavam jogadas para todos os lados, corpos partidos espirravam óleo enquanto colunas cinzentas de fumaça corriam pela grama em chamas como cobras fantasmagóricas.

Era lindo.

Porém, em meu caminho de volta para a terra firme, vi que me dirigia diretamente para um dos poços dos lixeirões. Que eca! O que fazer?

"Eu vou... esperar até atingir o fundo do poço, então pular para o alto e para fora. Claro. Reflexos robóticos têm que ser mais rápidos que qualquer monstro lixeiro velho. Com certeza."

ESPERE, SENHOR, TENHO UMA IDÉIA!

"Melhor que a minha?"

DESCONHECIDO.

Para prosseguir com o plano de Albert, volte para 32.
Para tentar o salto, volte para 75.

77

Segurando uma corrente, agarrei mais dúzias delas em meu aperto de aço.

O QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO?

"Quando a vida te dá limões, faça limonada!", gritei e puxei com toda a minha força, combinada com a de Albert.

Com uma explosão de fragmentos, um motor estrambólico saiu da parede e foi rasgando o chão em nossa direção. Esquivei-me e, quando ele passou, apertei as correntes e comecei a girar. A coisa, viva, também girava ao meu redor, cada vez mais rápido, até que minha visão estorvou e eu passei o controle das ações para Albert. Eu nunca fui um grande fã de parques de diversões, e este tipo de brinquedo era nauseante demais. Meu almoço quase veio à boca, mas usei meu "veto presidencial" para que ele ficasse onde estava.

MARICAS. EU GOSTO DISSO.

Minha visão estava anuviada, meus dedos começaram a doer. "É claro! E é você que eu vou sujar!"

<Urp, Gasp>

HÁ! HA! ATINGIMOS 920 RPMS, ele avisou. AGORA?

"Agora!"

Ele soltou as correntes. O motor torpedeou, esmagando qualquer corrente em seu caminho e emaranhando o resto.

Então, a massa de metal atingiu a parede oposta e arrebentou tudo, formando um monte de correntes e maquinário automatizado enferrujado, que mais lembrava uma palha de aço depois de muito uso.

Houve, então, uma descarga de eletricidade e a sala inteira brilhou num forte azul. Depois da luz, a escuridão.

Quando aumentei a potência das minhas lanternas, a visibilidade voltou.

Céus! Que bagunça!

Vá para 78.

78

SENHOR PRESIDENTE, ISSO FOI GENIAL. ESTOU ORGULHOSO DO SENHOR.

"Obrigado", disse, pedindo aos céus para que meus ossos parassem de vibrar. "Eu também."

Ajudei a mulher a sair debaixo da cama. Em pé, percebi que ela era visivelmente mais baixa do que eu, cerca de 1,75 metro de altura. Sua face estava suja, mas era linda, apesar de uma cicatriz feia e enrugada numa de suas rosadas bochechas. Mesmo através da cota de malha, eu podia ver que ela era musculosa. Seus adoráveis e longos cabelos cacheados estavam amarrados em um rabo de cavalo, presos por um largo cinto de couro. Não usava brincos e trazia suas unhas aparadas. Ela era uma guerreira, sem dúvida.

Esticando-se, a mulher tocou então seu coração, lábios, testa e curvou-se. "Saudações, bom senhor. Eu sou Jennifer Zann Levin, cavaleira errante do Império Scamish da América. E tu, és...?"

"Eu vos és o Renê de la Montgomery", balbuciei sem jeito. Oh, droga, esse linguajar arcaico ia começar a me dar dores de cabeça.

Ela sorriu graciosa, revelando uma covinha próxima da cicatriz.

"Nós não temos que conversar formalmente se esse não foi seu treinamento, senhor", disse a cavaleira, polidamente.

"Obrigado", suspirei aliviado. "Meu nome é Renê."

Ela dobrou os joelhos como que me cumprimentando. "E

eu te devo minha vida."

"Sem problema, senhorita. Escravizadores são inimigos de todo mundo."

"Sim, de qualquer pessoa decente. Concordo."

Olhando para a despensa e para as pilhas imóveis de correntes, a moça teve um calafrio. Não pude censurá-la.

"Quem eram os fedorentos lá em cima, no convés principal?", perguntei, apontando o polegar na direção dos cadáveres.

Sua expressão me revelou o suficiente. "Eles se autodenominam os Piratas Hi-Ho", explicou a cavaleira. "Escória do rio, lidam com escravos e artefatos dos Antigos."

Jennifer, então, cuspiu no chão. Eu ia repetir o gesto, mas me lembrei que estava vestindo um elmo.

Além disso, eu era um Antigo, e essa falta de modos ia parecer o quê? Hum, "Hi-ho" como "Ohio". Peguei!

Pisando em uma pilha de correntes esmagadas, Levin começou a atravessar a sala em desordem. Não havia um caixote em pé, e eu pude ver como era grande a despensa do barco. "Ajude-me a encontrar minha espada."

"Talvez seja melhor nós partirmos", eu disse, aproximando-me e afastando uma corrente para passar. "Outros desses vermes podem estar a caminho, com armas ainda mais poderosas."

Agarrando uma viga do teto, a mulher a balançou agilmente sobre uma pilha, particularmente grande, de grilhões mortos. "Não, senhor. Os piratas trabalham sozinhos, e nunca ajudam uns aos outros quando há perigo. Nós temos tempo para procurar."

"A espada é importante?"

A cavaleira voltou-se para mim irritada. "Ela foi forjada para a minha avó, pelo Rei Oscar, o Vencedor. Foi usada na batalha vitoriosa contra os Advogados Vampiros de Philly pelo meu pai, Sir Harry Son-Ford, e eu abati uma dúzia de nyuck-nyuck-nyucks com ela, em combate individual!"

Eu não entendi tudo o que ela disse, mas peguei a idéia principal.

"É como a bola num jogo", traduzi suas explicações para o jargão de esportes. "Muito, muito importante. Peguei. Certo, vamos procurar."

CERTO, VAMOS PILHAR O LUGAR.

"Ok, teste", disse rindo. "Você procura no dragão e eu vou no elfo."

INDAGAÇÃO?

"Desculpe, velha piadinha de jogo. Eu explico depois."

ENTENDIDO.

Erguendo uma sobrancelha, Jennifer colocou suas mãos na cintura. "E com quem estás falando, Sir Renê?"

Dentro de meu elmo, um servomecanismo coçou meu queixo. Hum, isso ia ser duro de explicar. Mas, ainda assim, a verdade era o melhor.

"Estou conversando com minha armadura."

Houve uma pausa antes que a cavaleira perguntasse rispidamente se eu era na verdade homem ou máquina. Com um comando mental, fiz Albert tornar a placa facial visível dos dois lados. Através da placa transparente, joguei para ela um sorriso que meu dentista ficaria orgulhoso. É... vale a pena usar fio dental.

"Tu és um jovem!", engasgou Jennifer em choque. "Apenas uma criança vestindo armadura. E ainda assim, lutas como um guerreiro experiente!"

Bem, foram os jogos que eu tinha todo sábado à noite.

"ENCONTREI A ESPADA", anunciou Albert pelo alto-falante.

"O quê? Onde?", quis saber Jennifer, olhando para mim.

"Como?", indaguei.

"AÇO COM ALTO TEOR DE CARBONO. HÁ UMA SOMBRA NO RADAR COMPLETAMENTE DIFERENTE DAS PAREDES DE FERRO DESTA EMBARCAÇÃO." (Pausa) "O MESMO QUE ENCONTRAR UMA LARANJA EM UMA TINA DE ABACAXIS MADUROS. A LOCALIZAÇÃO É: PRÓXIMA PORTA, LADO OPOSTO, A 30 CENTÍMETROS DO CONVÉS."

"Vamos lá", eu disse, dirigindo-me para a escotilha com Jennifer logo atrás.

A porta, que dava para o corredor, estava trancada. Mas, como eu estava com pressa, simplesmente a arranquei do batente. Entrando, vi que o lugar era um armazém cheio de barris, caixas de madeira, caixotes plásticos, rolos de cordas náuticas, latas de tinta e correntes extras.

Afastando uma pilha de impermeáveis, encontrei o container que buscávamos: um baú náutico, lacrado por fai-

xas de aço e fechado com um cadeado do tamanho de um livro.

"Pronto!", eu disse, abrindo o baú com um dedo.

Estilhaços das faixas e do cadeado ricochetearam em meu peito. Jennifer se aproximou rapidamente. Dentro havia um sortimento muito grande de espadas, adagas, maças, bumerangues, chicotes de guerra e umas coisas nojentas e enferrujadas que tinham uma vaga semelhança com revólveres.

"Ah!", ela gritou em júbilo. Enfiou as mãos nuas no desordenado arranjo de instrumentos afiados para matar, de onde puxou uma bela espada.

Minhas luzes brilhavam contra a extensão afiadíssima da magnífica lâmina.

"O dragão retornou!", ela disse.

"Vocês dão nome às armas?", perguntei, achando graça.

Estreitando os olhos, a cavaleira parecia intrigada. "Vocês não?"

Abri minha boca para falar.

PENSE DE NOVO, SENHOR, retorquiu Albert.

"É claro que nós o fazemos", admiti candidamente.

SENHOR! EU ACABEI DE TER UMA IDÉIA ÓTIMA. VAMOS VASCULHAR POR ESSA PILHA DE LIXO INÚTIL.

Para quê?

CONFIE EM MIM.

De repente, minha mão esquerda disparou à sua própria vontade para agarrar um pedaço de cristal e metal trabalhado da pilha de tranqueiras. Um pedaço quebrado de placa de circuito pendia numa das pontas, conectado por um emaranhado de fios coloridos e cabos de fibra-óptica — cordões de plástico claros que lembravam minhocas transparentes.

Pisquei intrigado. O que significava isso? Um controle remoto de vídeo-cassete de outra dimensão?

MELHOR.

Colocando a coisa quebrada sobre meu pulso direito, o metal se abriu. Então, o punho metálico encobriu o cristal, absorvendo-o inteiro.

CONEXÃO COMPLETA... ACESSANDO CÓDIGOS OPERACIONAIS... RODANDO DIAGNÓSTICO... PARÂMETROS FUNCIONAIS CODIFICADOS E SELADOS.

Sem demonstrar emoção, olhei para meu pulso. Não estava diferente, exceto que parecia infinitamente mais pesado. "O que está acontecendo, Albert?"

Em resposta, meu braço baixou-se sozinho e um feixe pulsante, de luz multicolorida, saiu de minha manga para fazer um belo buraco na parede. Água do rio espirrou através da abertura, ainda incandescente, provocando um vapor contínuo.

Agachando-se nesse banho turco improvisado, Jenny engasgou e ergueu sua espada, assumindo uma postura defensiva.

Sem ligar para a platéia, pulei de alegria, esmagando um barril de pregos e umas caixas de canecas. Um laser! Nós tínhamos um feixe a laser funcionando! Mas como?

<Risadinha cibernética>

SENHOR PRESIDENTE, LEMBRE-SE: EU SOU O PROTÓTIPO A PARTIR DO QUAL TODAS AS ARMADURAS DE FORÇA FORAM BASEADAS. SENDO O GABARITO VIVO ORIGINAL, EU POSSO INCORPORAR E ABSORVER QUALQUER EQUIPAMENTO FUNCIONAL DE OUTRA VESTE DE FORÇA.

Com um sorriso aberto, ergui meu punho para inspecioná-lo. Então, finalmente estava armado. "É muito poderoso?"

SIM. ESPECTRO TOTAL, POLICÍCLICO, 19 MIL GIGAJOULES.

Parecia bom. "Mais alguma coisa útil na pilha?"

NEGATIVO, A NÃO SER QUE VOCÊ QUEIRA ENTRAR PARA O LUCRATIVO RAMO DOS PESOS DE PAPÉIS.

"Então, vamos sair dessa toca", ordenei irado. Raramente estive assim tão nervoso, nem mesmo quando os irmãos O'Malley tinham colado a porta do meu armário de ginástica comigo ainda dentro. Por ora, planejava dar vazão completa a minha fúria, sem me preocupar com propriedade, posses ou conseqüências.

ABSOLUTAMENTE, SENHOR!

* * * * *

Parado na margem do rio com Jenny, observei o navio pirata afundar no rio borbulhante. Aquilo aliviou meu cora-

ção, embora minha mão direita ainda estivesse um pouco quente de tanto fazer buracos no casco. Porém, tive a impressão de que minha alegria passada, em relação ao futuro presente, estava se apagando gradualmente. O mal predominava aqui; atos vis piores que os conhecidos na minha própria época. Hoje os bandidos têm armas de energia enquanto o arsenal dos mocinhos está reduzido às espadas. Não é o que poderíamos chamar propriamente de luta justa.

Como num ato solene, ergui uma manopla de metal e, mirando-a no barco, fiz minha jura de sangue.

Bem, a situação ia mudar. O acaso tinha trazido eu e Albert para este tempo, e, embora não fôssemos os melhores do mundo, definitivamente éramos os melhores do lado dos mocinhos. Então, cuidado, Gamma World! Aí vem o Presidente Montgomery!

E ALBERT.

Vá para 34.

79

Sentado em uma perna da aranha queimada e fora do Albert, aproveitei bem a brisa da manhã que tocava minha pele e meu cabelo. Ah! Meu peito estava envolto em bandagens limpas e eu estava mastigando devagar um sanduíche de pão caseiro e peixe-abelha, bebericando a cerveja da vitória e repousando ao sol, com o sereno conhecimento de que, de alguma forma, nós conseguimos.

SOBREVIVER OU VENCER?

Para ser honesto, ambos. E ainda mais surpreendente é que poucas aranhas escaparam intactas. Dos 5 mil cavaleiros que entraram na batalha, ainda restavam 4 mil. Saldo excepcional considerando nossas chances. Todos estavam feridos, do Rei Melvin até Mary Sue, a limpadora real de latrina. Algumas pessoas se machucaram seriamente. Mas graças aos médicos e enfermeiras scamishes, que usavam um antigo livro médico, e graças à inesperada aparição de algumas pessoas do povo da floresta para ajudar, não havíamos perdido nenhuma alma. Os poderes curativos daqueles mutantes eram incríveis.

AI! PENA ELES NÃO CURAREM ROBÔS. AI! AI!

Deitado, eu observava os dróides de reparos escalando Albert com seus lasers piscando e chaves de fenda sônicas trabalhando. Por sorte, meu amigo foi capaz de decifrar todas as transmissões codificadas, gravadas durante a luta, propiciando-nos o terceiro sinal, tão necessário para a conexão com aquelas naves senis.

Aquelas criaturas tinham vindo de algum lugar do oeste. Talvez Boulder, ou Denver. Mas, definitivamente, da área do Colorado.

Terminando meu quinto sanduíche, tomei outro gole de cerveja e comecei o número seis. Ah, comida... Não há nada igual a isso, exceto talvez a sobremesa.

COM LICENÇA, SR. PRESIDENTE, MAS A PALAVRA GLUTÃO TE DIZ ALGUMA COISA?

"Ah, vai recarregar seu cérebro, seu xarope!"

<Risada>

"Assim que os moradores do vilarejo terminarem de reconstruir Torneio da Coroa, vamos atrás dos vermes rastejantes. De acordo com o discurso da primeira aranha, esses palhaços mecanizados têm milhares de pessoas mantidas prisioneiras em algum lugar. Com certeza, essa era uma situação que os scamishes não iriam tolerar. É moral imperativa assistir aos indefesos, disse Bambi. Jennifer e eu concordamos de coração."

EU TAMBÉM. ALÉM DISSO, GOSTO DE CHUTAR UNS TRASEIROS.

Sim, é bom ter um hobby. Dessa vez, levaremos a luta até eles, à força.

Com alguma orientação do Al, os técnicos e magos de Scamish acreditam que vão conseguir recuperar partes das mais de 200 aranhas que nos atacaram para reconstruir cerca de dez, ou talvez doze, máquinas completamente funcionais.

"E estas não serão controladas por computador, mas terão pilotos humanos dentro. Deverá ser um choque e tanto para o inimigo, quando nossos tanques Viúva Negra aparecerem sem avisar."

BOM DEUS, EU ADORO SURPRESAS.

"E o melhor: o Rei Melvin promoverá uma série de dis-

putas para saber quem vai operar as coisas. Aparentemente, todo mundo quer ter o seu próprio conjunto de armaduras de força."

E POR QUE NÃO? NÓS SOMOS TÃO DIVERTIDOS NAS FESTAS!

"Ou, talvez, esse desejo seja somente pelo ar-condicionado, som estéreo e pelos bancos confortáveis."

CÉTICO.

Uma vez que eu não sou oficialmente um cavaleiro real, Jenny está vindo comigo e Albert, assim como mil guerreiros scamishes a cavalo e alguns do povo da floresta, como pessoal médico credenciado, não-combatente, e embaixadores da amizade.

"São mais de 3 mil quilômetros até a zona alvo, e nós vamos precisar de toda a ajuda que conseguirmos, pois ninguém sabe ao certo o que há no caminho. Apenas rumores vagos de Roma-Aqui-Perto, da Polícia Genética, Dino-Soars, Dentistas Vampiros, Adoradores do Verme e, é claro, Filhas da Luta, Bibliotecários Motoqueiros Canibais, Piratas Ciborgues, as Sete Irmãs e os nyuck-nyuck-nyucks, arrasadores de espírito, temidos e horrendos."

ESPERO NUNCA ENCONTRAR COM ESSES CARAS NUM BECO ESCURO.

"Concordo. Mas logo um novo exército de Cavaleiros Gamma..."

AHAM!

"Desculpe. Cavaleiros do Futuro irão atravessar o continente para retomar esta grande nação, destruindo monstros, lutando contra a opressão, livrando escravos, trazendo a liberdade e a justiça para todos, de mar a mar!"

MUITO BEM COLOCADO, SENHOR PRESIDENTE.

"Obrigado. E, ao longo do caminho, veremos quantos mais poderemos conseguir como aliados para se juntar a nós nessa guerra-relâmpago através do país. Primeira parada, República do Guincho. Afinal de contas, até mesmo os ratos têm paredes."

* * * * *

Flutuando na superfície de um rio sem nome, correndo

pela terra antigamente chamada de Ohio, estava um pedaço de papel de 400 anos de idade. O timbre oficial do Exército Americano identificava-o como proveniente de um laboratório recém-instalado nos arredores da cidade de Dayton. Estava coberto de símbolos e barras de identificação, assinalando sua classificação como "Top Secret".

Um subcabeçalho ostentava o seguinte título: RESULTADOS FINAIS, e, sob isso, estava escrito em letras garrafais: Armadura Lógica de Batalha Específica para Reconhecimento de Terreno, Modelo 86-R — esta parte estava marcada em negrito, indicando que a informação era muito importante.

O que seguia eram vários parágrafos de jargão científico, incompreensível a qualquer um que não fosse um físico. No fim da página havia um quadro retangular. Dentro dele estavam rabiscadas algumas frases manuscritas feitas com um lápis bem apontado. Dizia: "Resultados negativos em todos os testes. A personalidade artificial desta unidade é instável e algumas vezes age como um adolescente abobalhado! O Modelo 86-R ocasionalmente demonstra até um tipo de senso

de humor primitivo. Completamente inaceitável. Esse protótipo apresenta mal-funcionamento e, portanto, não é, repito, NÃO é recomendado para uso em combate real. Talvez, não seja de nenhuma utilidade para a América".

O documento governamental estava assinado pelo Major Bradley Armstrong, do Exército Americano, G2, Divisão de Armas Especiais.

Mas impresso sobre tudo isso, em letras garrafais, estavam escritas três simples palavras em rígida escrita de computador e com precisão quase mecânica: "É SUA MÃE!". Parecendo expressar, e muito bem, a opinião pessoal de alguém sobre o relatório do laboratório.

FIM

COLEÇÃO

Você é o Herói™

A Terra do futuro!

O herói dessa última aventura da Coleção Você é o Herói™ chama-se Renê Montgomery, um estudante americano que, durante uma visita à uma base militar americana, é congelado por 400 anos num biofreezer acidentalmente, enquanto estoura a Terceira Guerra Mundial.

Ao acordar, no século 24, precisa enfrentar máquinas e animais mutantes para sobreviver. Para isso, contará com a ajuda de uma armadura de força chamada A.L.B.E.R.T.

Quem teria deflagrado a guerra? Como ficou a Terra depois da hecatombe nuclear? Saiba tudo em Cavaleiros do Futuro, uma aventura em Gamma World™!

Os livros da coleção Você é o Herói™ contêm histórias de ação. Baseados em emocionantes role-playing games permitem a você, leitor, tomar decisões que determinam os rumos da aventura. São muitas histórias em uma só e todas repletas de desafios e emoções.

LIVROS Abril Jovem

ISBN 85-7305-232-5

ENDLESS QUEST e GAMMA WORLD e o logo da TSR são marcas registradas da TSR, Inc. usadas sob licença.
© 1994, 1995 TSR, Inc. Todos os direitos reservados.